



Nascido
em 1789 VIDA DE SÃO
MARCELINO CHAMPAGNAT *II*



EXPEDIENTE

Presidente do Conselho Superior da UMBRASIL

Ir. Joaquim Sperandio

Diretor-Presidente da UMBRASIL

Ir. Deivis Alexandre Fischer

Secretário Executivo

Ir. Valter Pedro Zancanaro

Título Original em Francês

NÉE EN 1789 - Vie De Saint Marcelin Champagnat

Autor

Ir. Gabriel Michel

Tradutores

Ir. Irineu Martin

Ir. Cláudio Girardi

Organização da Publicação

Comissão de Espiritualidade e Patrimônio da UMBRASIL

Produção Editorial

Setor de Comunicação e Marketing

Diagramação

Design de Maria – www.designdemaria.com.br

Revisão técnica

Carolina Fillmann

M623n Michel, Gabriel.

Nascido em 1789: vida de São Marcelino Champagnat, v.2

/ Gabriel Michel; tradutor Irineu Martim.-- Brasília,

DF: UMBRASIL, 2016.

288 p. : il. ; color. ; (Trilogia de São Marcelino Champagnat, v.2)

ISBN: 978-85-63200-44-0

1. Champagnat, Marcelino José Bento - vida e obra. 2. Hagiografia.
3. Moral cristã. 4. Teologia vocacional. I. Martim, Irineu (Trad.) II. União Marista do Brasil. III. Série. IV. Título.

CDU: 27-36



Irmão Gabriel Michel

Nascido
em 1789 VIDA DE SÃO
MARCELINO CHAMPAGNAT *II*

Tradução
Ir. Ireneu Martim



UNIÃO MARISTA
DO BRASIL



ÍNDICE

Apresentação	7
Capítulo 1 Os primeiros dias após a ordenação	10
Capítulo 2 Ao chegar a La Valla	20
Capítulo 3 Os primeiros contatos	28
Capítulo 4 15 de agosto de 1816	34
Capítulo 5 Ação e projetos	39
Capítulo 6 O primeiro Pequeno Irmão de Maria	47
Capítulo 7 Morrer sem conhecer a Deus	52
Capítulo 8 Marcelino catequista	58
Capítulo 9 Construir uma comunidade	64
Capítulo 10 Caiu na arapuca	69
Capítulo 11 Mãos à obra	75
Capítulo 12 A primeira escola	83
Capítulo 13 Um noviciado em plena vida paroquial	89
Capítulo 14 Os Pequenos Irmãos de Maria ensaiam as primeiras armas	96
Capítulo 15 Os Pequenos Irmãos de Maria nas escolas	102
Capítulo 16 Marcelino vai viver com seus Irmãos	108
Capítulo 17 Sem esquecer a paróquia	113
Capítulo 18 O pároco e o vigário	120
Capítulo 19 Recrutamento ente os antissociais	124



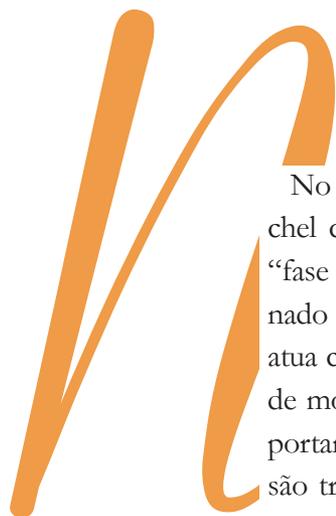
Capítulo 20	A visita aos doentes	131
Capítulo 21	O zelo e a perseguição	137
Capítulo 22	Novas dificuldades	142
Capítulo 23	À procura da vontade de Deus	151
Capítulo 24	Virão novas vocações?	161
Capítulo 25	Os caminhos de Deus são impenetráveis	167
Capítulo 26	Acolher com amor, mas sem concessões	177
Capítulo 27	Todos ao trabalho para ter uma habitação	184
Capítulo 28	Visita do Inspetor	192
Capítulo 29	Os postulantes do Pe. Rouchon	199
Capítulo 30	Um encontro decepcionante	207
Capítulo 31	O enterro do Pe. Alliot	213
Capítulo 32	Visita a uma escola	221
Capítulo 33	Personalidades difíceis	228
Capítulo 34	O lembrai-vos na neve	235
Capítulo 35	A todo pecado, misericórdia	246
Capítulo 36	Galicismo ou “galicanagem”	254
Capítulo 37	Um tempo para ser consolado	262
Capítulo 38	Escolha de uma Casa-mãe	268
Capítulo 39	Com os homens para a obra de Deus	275







APRESENTAÇÃO



No **Segundo Volume** o Irmão Gabriel Michel conduz o leitor pelos acontecimentos da “fase La Valla”, período em que, recém-ordenado sacerdote diocesano, o padre Champagnat atua como coadjutor naquela pequena localidade montanhosa da diocese de Lyon. Fatos importantes e fundamentais da história marista aí são tratados. Entre eles, consta a fundação do Instituto Marista; a simplicidade das origens; as fortes experiências de Deus vividas por Marcelino no atendimento ao jovem moribundo, de sobrenome Montagne; o episódio dos oito postulantes; o salvamento de morte certa, quando perdido em tempestade de neve. Descrevem-se também as dificuldades e a oposição que lhe fazem alguns colegas sacerdotes, tudo amenizado pelo apoio e incentivo do novo Administrador Apostólico da diocese. Esse segundo tomo leva a história de Marcelino até à altura em que, apoiado pelo novo bispo, decide alargar a tenda, porque percebe que o berço inicial de La Valla se tornara pequeno e precisa de espaço maior para se estabelecer e crescer. Sabe que a obra é de Deus, protegida por Nossa Senhora, a quem chama de Boa Mãe.

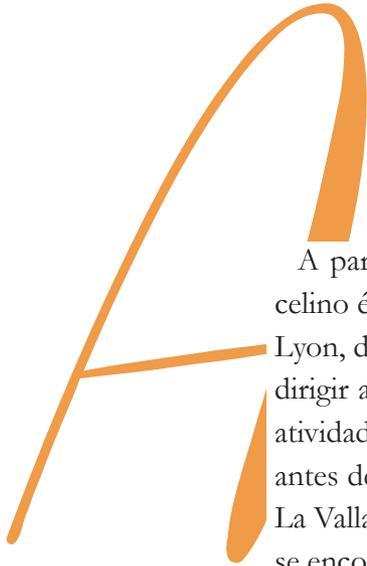






CAPÍTULO 1

*Os primeiros
dias após
a ordenação*



A partir do dia 22 de julho de 1816, Marcelino é sacerdote. Nada mais tem a fazer em Lyon, da qual deixa no dia 24 de julho para se dirigir a Marlhès, sua terra natal. Ali exercerá atividades diversas durante algumas semanas, antes de partir, já nomeado vice-pároco, para La Valla-en-Gier. Apenas chega a Marlhès, irá se encontrar com o pároco Alliot, no presbitério. Conversam sobre a grandiosa cerimônia da ordenação, na catedral.

— Eu teria participado, com muito gosto, desta celebração. Infelizmente, não é nada fácil chegar a Lyon, numa segunda-feira bem cedo. E, seguramente, não é possível contar com seus irmãos e irmãs, ocupados em recolher o feno e em cuidar das colheitas que acabam ou vão começar. Mas toda a paróquia rezou muito por você, na missa e nas vésperas do domingo. Eu avisei que a partir de amanhã você poderá celebrar a primeira missa às 5h30. Poucos homens estarão presentes, pois eles vão para o trabalho, muito cedo, como você muito bem sabe, mas haverá muitas mulheres e crianças, aquelas que você catequizava.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

Desculpe, vejo que estou tratando você por “tu”, o que não é bonito da minha parte. Agora que passamos a viver sob a lei dos Bourbons, é preciso reparar as negligências de um quarto de século que termina em Waterloo. Em muitas famílias, de Marlhès, o pessoal se trata por “vós”. Se eu mesmo não fizesse isso, com outro padre, eu escandalizaria o povo.

— Como quiser. É preciso que eu fale alguma coisa para o pessoal que vai participar da missa?

— De fato, durante a semana não se faz sermão. O senhor poderia, no entanto, fazer uma breve homilia, pois as pessoas que estarão presentes não são todas daqui, e, certamente, haverá mais de uma que, logo depois da missa, irá com pressa levar a cestinha de comida para o marido que trabalha numa terra um pouco longe. Os homens não gostam de ter que esperar, sobretudo quando começaram o trabalho muito cedo.

— Compreendi.

Marcelino passou na casa das Irmãs de São José para saudar a tia.

— Eu estarei na sua primeira missa, amanhã cedo. Melhor, quero dizer-lhe que todas estaremos lá, pois você é uma honra para a nossa paróquia. Mas não se atrase. Você está sendo esperado em Rosey.

Em Rosey, estavam João Bartolomeu, João Pedro, suas mulheres e filhos e Margarida Rosa com o esposo e filhos. Ana Maria viria para o almoço do dia seguinte. Quanto a Maria Ana, residente em Saint-Sauveur, é Marcelino que vai visitá-la.

O jantar foi muito alegre. Foi estendida uma linda toalha em honra do padre. Mas o período do trabalho obrigava a não prolongar muito a festa, pois mesmo Guilherme Cheynet, marido de Margarida Rosa que era ferrador de cavalos no bairro, sabia que encontraria clientes muito cedo, na manhã seguinte. E também porque na casa se sentia uma atmosfera um pouco pesada.





Os primeiros dias após a ordenação

Marcelino sabia que, depois da morte do pai, ainda não haviam sido pagas todas as dívidas, que João Pedro, morador no moinho do Rosey, muito apertadinho, queria comprar uma terra mais longe, e isso fazia todos ficarem com medo. Sem dúvida, tinha motivo de se aborrecer! Mas, evidentemente, ninguém teve a ousadia de tocar nestes assuntos, e todos foram para casa, com ares de satisfação.

No dia seguinte, celebrava-se a festa de São Tiago, e o evangelho relembra a história da mãe de Tiago e João que pediu a Jesus os dois primeiros lugares no reino de Cristo, quando este fosse estabelecido.

Depois de lido o evangelho, Marcelino mandou o povo sentar-se.

“Meus irmãos e minhas irmãs, agradeço-lhes por terem vindo à minha primeira missa, mas eu sei do que se passa durante o mês de julho, no campo, e não quero segurá-los muito tempo. Vocês, crianças do Rosey ou das vizinhanças, podem dizer a seus amiguinhos que, a partir de amanhã, eu começarei o catecismo na casa de meu irmão João Bartolomeu.

Acabo de ler, em latim, este evangelho no qual a mãe de Tiago e João pede no futuro reino de Jesus os primeiros lugares para seus dois filhos. Os outros apóstolos ficaram chateados, como também vocês ficariam. São Pedro, certamente, ficou mais irritado, sabendo bem que, quando o reino iniciar, ele e não outro será o primeiro.

Mas Jesus diz a todos: ‘Silêncio! Vocês não sabem o que estão pedindo. Para entrar no meu reino é preciso beber do meu cálice’. Eles não sabiam o que era este cálice. Nós o sabemos.

Reparem bem que não fui eu que escolhi este evangelho, mas é preciso deixar-nos guiar pela palavra de Deus. Parece que ela nos diz: Deixemos de lado as ambições humanas, sejamos simples como as crianças. Devemos nos decidir a beber o cálice, isto é, levar nossa cruz de cada dia e ficar perto de Jesus, neste sacramento de amor





que estou celebrando com vocês, agora é que vocês podem prolongar durante o dia, pensando que ele está presente entre nós, em todas as Igrejas.

É a graça que desejo para todos nós. Amém.”

Após a missa, Marcelino se encontrou com o Pe. Alliot na sacristia.

— Escute, Marcelino, para sua primeira missa diante de toda a paróquia, eu pensei e acho que é melhor que seja no domingo, dia 4 de agosto. No dia 28 de julho você poderia celebrá-la em Saint-Sauveur, tanto por causa de sua irmã, Maria Ana, como pelo Pe. Soutrenon, e o dia 4 de agosto, que, por tradição, é a grande festa de Marlhes, seria um modo excelente de destacar este dia. Como você sabe esses dias, chamados de “dias de concurso”, como se diz, são, infelizmente, dedicados tanto ao diabo como a Deus. Que seja um dia de feira, está bem, mas, com os comerciantes, chegam também os “brancos”¹ que voltam da planície onde a messe acabou. A partir do momento em que beberam um pouco, basta um nada para que se ponham a brigar, às vezes, com derramamento de sangue, como nossos campônios e nossos cortadores de trigo.

Desde tempos imemoriais, procurou-se garantir a parte de Deus, colocando uma missa pela manhã, precisamente às 5h, que eu mesmo celebrarei. Como o Pe. Laurens está ausente, eu proponho que você celebre a segunda. É preciso que se lembre bem do seu desenrolar. Às 8h30, sai-se pela porta pequena da igreja, em procissão em direção à cruz do cemitério. Deste modo todos estão juntos, entre a igreja e o muro do cemitério, e você falará antes da missa. Em seguida, entra-se na igreja, para a missa que é seguida das vésperas, das ladainhas e da bênção.

1 Segadores que não pertencem à cidade. O apelido “brancos” se deve ao fato de a maioria deles provirem de Haute-Loire, região politicamente situada à direita (cf. J. B. Martin, *Dictionnaire du français régional du Pilat*, Édition Bonneton, 1989).





Os primeiros dias após a ordenação

Conto com você para dizer-lhes que não podem fazer o novo Padre de Marlies ficar com vergonha deles, pelo modo como se comportarem, no resto do dia. Mas venha comigo para o presbitério. Enquanto tomamos café, podemos falar um pouco.

A conversa continuou ainda sobre alguns detalhes da ordenação.

— Que Bispo arranjaram para a ordenação?

— Um americano.

— Oh! Oh!

— É francês, com um nome bem francês, Dubourg, mas nasceu em Santo Domingo, para onde seu pai foi morar. Contou-nos que durante a infância tinha falado francês, crioulo e espanhol. Depois disso, tendo morado na Luisiana, atualmente fala também o inglês. É espantoso o número de viagens que fez. Era Vigário-Geral quando o Papa Pio VII o nomeou Bispo de Nova Orleans, no ano passado. Nesta ocasião, foi para Roma, e o Cardeal Fesch, que continua na Cidade Eterna, desde que o exilaram da França, delegou-o para a ordenação dos novos sacerdotes e diáconos da diocese de Lyon.

— Não deve haver muitos católicos nesta tal de Luisiana!

— Sim e não. Haveria canadenses, de origem francesa, pois foram batizados católicos, mas correm o risco de abandonar, pouco a pouco, a língua e a fé.

— Ah! Estou vendo: ele lhes propôs de irem para lá como missionários.

— É verdade. E Deus sabe como falava bem! Nós o teríamos escutado horas a fio. Do nosso grupo alguns decidiram ir para lá. Entre outros um grande amigo meu, Filipe Janvier.

— E você?

— Por enquanto, fico na França.





*

* *

No dia 28 de julho, Marcelino foi para Saint-Sauveur, na casa de sua irmã. Todos os que podiam segui-lo seguiram-no, mas as mulheres de João Bartolomeu e João Pedro ficaram em Rosey para cuidar das crianças. Ana Maria e o marido, João Francisco Lanchal, que moravam em Le Champ, se juntaram ao grupo em Dunerette, e pelas 9 horas todos chegavam a Tracol, cantando. Na descida, as crianças tomavam atalhos e obrigavam os pais a segui-las, com um passo acelerado. Em todo caso, Marcelino calculara chegar uma boa hora antes.

Esta missa foi uma bela cerimônia. As pessoas de Saint-Sauveur não haviam esquecido este irmãozinho da Maria Ana que, dez ou doze anos antes, dava tão bom exemplo a todos os jovens do lugar.

Durante a semana seguinte, visitou uns e outros. Também não se fazia de rogado para o trabalho, no meio dos segadores, sendo especialmente hábil no amarrar os molhos de trigo e amontoá-los em forma de cone.² Entretanto, o tempo dedicado às orações e ao catecismo era sagrado, e ninguém se atrevia a criticá-lo por isso.

— Padre, com todo o respeito, é a oração que lhe mete o diabo no corpo?

— Você acha que vou muito depressa? Pense então no vitral de Santo Isidoro. Quando ele rezava, os anjos trabalhavam no lugar dele. E os anjos são mais fortes que os diabos!

— O senhor tem resposta para tudo! É isso que lhes ensinam no seminário?

— Não. Mas a Bíblia nos ensina que a palavra de Deus é mais

² Monte, em forma cônica, de uma dúzia de molhos de trigo, arroz... (J. B. Martin, *op. cit.*).





Os primeiros dias após a ordenação

cortante que uma espada, e se quiserem, mais cortante que o alfanje que vocês usam.

— Onde é que o senhor encontra tudo isso?

— Na oração. Deus me deu palavras para fazê-los rir, porque é preciso trabalhar com alegria, essa é a verdade. Eu penso que vocês estão procurando a verdade.

— É certo que não gosto muito dos padres, mas, na verdade, eu me questiono.

— Pois então, aqui estou a seu serviço...

*

* *

O dia de Santo Adriano chegou.

A partir das 5h da manhã, Marcelino estava no confessionário, preparando, assim, silenciosamente, os paroquianos mais fervorosos para esta festa que se anunciava cheia de sol.

Às 8h30, uma multidão considerável se espremia entre os túmulos. Marcelino saiu com os coroinhas pela porta lateral e veio colocar-se nos degraus da igreja.

— Queridos irmãos, vocês estão em situação pouco confortável, e entre vocês há pessoas idosas. Por isso, meu sermão será muito curto.

O evangelho deste 9º domingo depois de Pentecostes é um aviso solene a Jerusalém que vai ser castigada porque não soube reconhecer seu Messias, porque não soube encontrar a paz. Depois, Jesus entra no templo e se põe a expulsar os vendilhões. Vocês se lembram desta cena. E acrescenta: “Minha casa é casa de oração e vocês fazem dela um covil de ladrões”.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

O evangelho é isso. Conta-nos o que acontecia há 1.800 anos. Depois, quem sabe, não somos também maus. Entretanto, contaram-me que, uma ou outra vez, alguns homens ficavam no fundo da igreja para concluir seus negócios. Vejam então que, para esses senhores, Jesus não hesitaria em se armar de um chicote.

Vamos à igreja para rezar. Para fazer negócios existem as feiras que são um dia de festa. As festas são feitas para a gente se alegrar, mas como cristãos. Vocês querem que lhes leia o que vou ler em latim, daqui a pouco? É a epístola deste mesmo domingo. “Não adorem ídolos, como os judeus de outrora, diz São Paulo aos Coríntios. O povo se sentou para comer e beber, depois se levantou para se divertir. Não nos entreguemos à impureza como alguns deles, e num só dia, morreram 23.000. Não murmurem como os que morreram pela ação do anjo exterminador. Tudo isso aconteceu para lhes servir de exemplo, e foi narrado para vossa instrução.”

E São Paulo ainda acrescenta: “Nenhuma tentativa é invencível. Deus é fiel!”

Vejam, parece que São Paulo escreveu isso para que fosse lido neste 4 de agosto de 1816, 9º domingo depois de Pentecostes. Nem é preciso fazer comentários. Isso quer dizer: Celebrem a festa de Santo Adriano, mas de tal forma que lhes deixe uma boa lembrança, que lhes sirva para se prepararem para a festa da Assunção. Não estarei, então, mais no meio de vocês. Eu estarei em La Valla-en-Gier para onde fui nomeado como vigário. Não virei muitas vezes a Marllhes porque devo, doravante, estar inteiramente a serviço de meus paroquianos.

Ainda uma palavra e entraremos todos para a igreja, para a celebração da missa. Há 20 anos quem estava lá era meu pai. Ele animava as festas cívicas que a Revolução nos impunha. Tratava-se de coisas discutíveis, mas papai ao menos sempre procurou fazer tudo





Os primeiros dias após a ordenação

com dignidade. O Prefeito poderia reler para vocês os textos dos registros das deliberações onde escreve o que se passou em cada celebração.

Eu, filho dele, sentiria orgulho se pudesse escrever, um pouco, como ele: “A festa de Santo Adriano, no ano de 1816, deixou na memória de todos os habitantes de Marlhés, e dos estrangeiros que vieram para as messes, a lembrança de uma festa exemplar onde reinaram a alegria, a caridade, o espírito de serviço e, antes de tudo, o espírito de oração, pois é por aí que vamos começar. Por isso, entramos em procissão, atrás da cruz, cantando o “Vem Espírito Criador” (*Veni Creator Spiritus*).



CAPÍTULO 2

Ao
chegar
a
La Valla



No domingo, 11 de agosto, Marcelino pôde felicitar os fiéis de Marlhes pelo bom comportamento na festa de Santo Adriano e se despediu deles.

Depois do almoço, recebeu ainda as crianças do catecismo.

— Hoje é o dia da última lição. Amanhã vou para La Valla-en-Gier onde serei vigário.

— É longe?

— Oito ou nove léguas. Passarei por Saint-Genest e Tarentaise. Depois, é La Valla.

— E, então, o senhor não vai mais nos ensinar catecismo?

— Não. Terminou. Mas vocês têm o Pe. Laurens.

— Não é a mesma coisa!

— O que é que você quer dizer quando fala: “Não é a mesma coisa!”?

— Ele muitas vezes se embrabece.

Agora é a pequena Júlia Epalle que intervém:

— É preciso dizer que há meninos que são maus. Um dia o Pe. Laurens chamou de “asno” o pequeno Faverjon e depois do catecismo um





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

grupo de meninos repetiu, cantando: “Cabeça de asno”. Agora não o vemos mais no catecismo, nem na cidade. Alguns o viram no seu povoado de Couleyre, mas ele atirava pedras neles para que não se aproximassem.

Marcelino não podia criticar seu colega. Mudou de conversa dizendo que se tratava de seu antepenúltimo dia. “Amanhã, vocês me encontrarão no caminho de Saint-Genest. Partirei uma hora depois do meio-dia.”

Já confiara as malas ao Pe. Epalle que, no dia 6 de abril, havia ido à feira do Bessat e encontrara por lá alguém que voltava para La Valla de charrete.

No dia 12, após o almoço, tomou o saco no qual havia colocado o breviário e alguns objetos de toalete e eis que está na estrada de um novo destino. Todas as crianças tinham acorrido ao seu encontro, alguns na região de Balais, outros na Bouchsaratte, e terceiro, em Allier onde devia passar para saudar os primos.

Depois desses lugares, tornava-se quase desconhecido. Ia, pois, durante as 5 horas de caminhada que tinha pela frente, sonhar um pouco e rezar. Em Saint-Genest não encontrou ninguém. Os agricultores que se levantaram de manhã, às 4h, faziam a sesta antes de voltar ao trabalho, quando o calor se sente menos.

Uma hora depois estava na República. Seu pai lhe contara a história dos Beguinos de Saint-Jean-Bonnefonds, um bando de homens e mulheres, inclusive com padres e freiras que haviam ido para lá, em novembro de 1794, fundar a República de Jesus Cristo. Era um pouco depois da morte de Robespierre. “Iluminados”, dizia o povo! Marcelino nada mais sabia a respeito deles, mas dizia de si para si: “Eu também quero ser um louco de Jesus Cristo. Eu conheci república e império; há um ano que a França é um reino. Mas o reino que





Ao chegar a La Valla

quero fundar é o reino de Jesus Cristo. Estabelecer o seu reino sobre todos os meus paroquianos, eis o que eu quero”.

Neste momento entrava em direção às fontes do Furan, onde imensos pinheiros, protegidos contra o vento, crescem retos e fortes. Voltavam-lhe à memória as aulas do Pe. Linossier, em Verrières, onde o brilhante professor procurava comunicar a seus jovens alunos as emoções de Chateaubriand, no *Gênio do Cristianismo*: “As florestas foram os primeiros templos da Divindade e os homens tomaram da floresta as primeiras ideias da arquitetura...”. “As florestas da Gália passaram, por sua vez, nos templos de nossos pais... estas cúpulas esculpidas em folhas, estes esteios que sustentam as paredes e terminam de repente, como troncos quebrados, o frescor das abóbadas, as trevas do santuário, as avenidas escuras, as passagens secretas, as portas rebaixadas, tudo retrata os labirintos das matas. Nas catedrais góticas, tudo faz sentir a reverência religiosa, o mistério e a divindade”. Champagnat sentia-se transportado por um santo entusiasmo e se pôs a cantar o credo de Du Mont, ao mesmo tempo em que se aproximava rapidamente da cidade para a qual Deus o chamava.

Estava agora chegando a Tarentaise. O Pe. Préher havia sido nomeado para lá nesse mesmo ano. Lá estava ele conversando com algumas pessoas e, como ele, estavam admiradas ao verem subir, com um passo tão decidido, este jovem padre desconhecido.

— Se não me engano, o senhor é o Pe. Champagnat e o senhor vai para La Valla.

— Exatamente. Sou padre, há três semanas, e me dirijo para a minha primeira paróquia.

— Muito bem! Penso que teremos mais de uma ocasião para nos encontrarmos. Estou aqui há dois ou três dias e estou procurando





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

me situar e verifiquei que sua paróquia de La Valla está a dois passos da nossa. Seu povoado de Palais, bem perto daqui, está no caminho de Tarantaise e La Valla. Portanto, isto é uma boa distância de sua casa, umas duas léguas. Quando tiver que vir por estes lados, chegue até em casa. Sentir-me-ei feliz em recebê-lo.

— Entendido! Certamente, precisarei de sua hospitalidade e de seus conselhos. Neste momento, preciso que me dê uma indicação: qual é o caminho mais curto para La Valla?

— Bem! Siga reto em sua frente. Você vai chegar ao caminho de Saint-Etienne, que seguirá por uma meia hora. Lá, o senhor estará na passagem de Barbanche, de onde poderá ver La Valla e seus múltiplos povoados. Desça no primeiro deles, Laval. Ali verá, com certeza, camponeses que cortam o feno. Ficarão contentes de fazer uma folga para lhe indicar o melhor caminho.

Meia hora depois, com efeito, os segadores de Laval viam uma batina passar pelas estradinhas da Barbanche.

— Será que não é nosso novo pároco?

— Um tal Champagnat, dizem.

— Tem cara de ter pressa, pela maneira como anda.

— Boa tarde, senhores, disse-lhes o caminhante. O que se vê ali na frente é então La Valla? E aqui é Laval?

— Sim, senhor, Padre! Aqui não há escolha. É tudo vale e tudo subida e descida. Não há cem pés quadrados de terreno plano. Em todo caso, mesmo se nossa cidade é bicorne, ela lhe apresenta boas-vindas. Sentimo-nos felizes de sermos os primeiros a recebê-lo. Um copinho, senhor Padre?

— Apenas um fundinho. Eu acrescentarei água.

— Como quiser. O pároco não se espanta com um copo.





Ao chegar a La Valla

Todos caíram na gargalhada. O que falou se arrependia um pouco de sua audácia, mas tanto pior! A palavra já havia saído.

Marcelino fez-se de desentendido, embora tivesse sido avisado pelo Pe. Courbon das fraquezas do Pe. Rebod. E emendou:

— Segundo vocês, qual é o melhor caminho para La Valla?

— O senhor pode seguir à direita por Les Fonts e Sarchettes, pode ter a sorte de chegar retinho na igreja. Neste caso, pegue à esquerda, por Maisonnettes, aqui em frente. Continue por uma boa meia légua e lá quando notar que está bem na frente da cidade, o senhor pega a viela do Choméol, ou então desce pelos terrenos abandonados, pois achamos que o senhor não tem medo disso. O senhor chegará ao Ban, nosso riozinho, e vai subir até a Cruz dos Mortos. É uma encruzilhada com o caminho de Saint-Chamond. De lá, verá bem a igreja e o senhor estará a um zurro de burro dela.

— Até bem menos — acrescentou outro —, pois o zurro do burro do Pe. Boiron, nos dias frios, chega até aqui.

Marcelino saiu rindo. Pouco depois de Maisonnettes, ultrapassou um jovem camponês que guiava uma carroça carregada de espigas.

— Boa tarde! Amigo, você vai longe com estas espigas?

— Até La Rive. Meu patrão tem sua propriedade lá e tem terra em Choméol.

— Ah! Isso é Choméol. Disseram-me que há um caminho que desce para o Ban.

— Sim, o caminho começa lá, trezentos metros adiante.

— Caramba! Você não é daqui?

— Como é que sabe disso?

— Não sei. Mas você fala de metros quando na minha terra de Marlhes se fala de léguas e pés.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

— Isso deve ser porque eu estive na guerra.

— Entendo. Na guerra, faziam-lhe guerra para que você empregasse o sistema métrico.

— O senhor ri, mas é verdade. Os oficiais caçoavam de nós quando contávamos em toesas. Diziam-nos que para medir a altura dos convocados conheciam apenas as toesas. E nós mesmos que aqui falamos de ‘metereias’ (1.000 m²), ríamos quando os de Velay falavam de ‘metancas’. Era mais ou menos como um dialeto. Era obrigatório desfazer-se dele para se fazer compreender. Não tiveram tempo de nos ensinar a ler e a escrever; mas eu me acostumei a falar o francês.

— Qual era seu regimento?

— Eu era granadeiro da guarda.

— Oh! Oh! Parabéns!

— Ah! Mais de vez fomos maltratados, mas éramos animados pela bravura do grupo. Não falemos mais disso, Padre! Tenho muitas más recordações e algumas boas. Eis o caminho de Choméol. Vejo que o senhor é o novo vice-pároco. Champagnat, disseram-me.

— Sim, é isso: Marcelino Champagnat. E você?

— João Maria Granjon. Que Nossa Senhora da Assunção o abençoe, senhor Padre. O senhor vai nos falar dela daqui a três dias, não é?

— Isso depende do pároco.

— Oh! Ele, certamente, o vai deixar pregar. Até logo, senhor Padre.

E Marcelino desceu o caminho de Choméol com um passo mais calmo. Essas alusões ao pároco eram um pouco molestas.

Passou uma pontezinha sobre o Ban e subiu do outro lado até o cruzamento da estrada de Saint-Chamond.

Lá se levantava esta cruz dos mortos da qual lhe haviam falado.





Ao chegar a La Valla

Com efeito, não estava longe do cemitério que cercava a igreja. E a igreja estava lá, diante dele, a cem metros, no fim de um caminho bem empedrado, com grandes seixos.

Sentiu-se tomado ao mesmo tempo de alegria e temor. Como Moisés tornava-se responsável por um povo. Quem sou eu, Senhor? Um pecador que pode apenas prejudicar sua obra. Que meu pecado não impeça que o bem seja feito.

Depois, se recordava dos apóstolos enviados em missão e que voltavam alegres: “Até os demônios nos obedecem!” “Obrigado, Senhor por esta confiança que tens em mim. Só quero uma coisa: ‘fazer tua vontade’.”

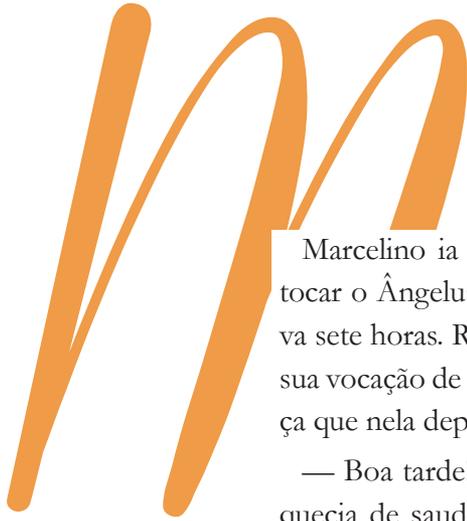
Instintivamente, se colocara de joelhos diante desta cruz. Levantou-se e foi até a igreja. Era bem velha e não muito bem cuidada. Depois de um tempo de adoração, deu uma volta e parou diante de uma capela interior dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Havia ali um quadro novo e uma estátua que também parecia nova. Mas a manutenção deixava a desejar, e as aranhas haviam achado muito agradável esta capela voltada para o sul.

“Boa Mãe, é por ali que vou começar. É preciso que para o dia 15 de agosto os paroquianos encontrem esta capela tão limpa quanto for possível, com esta estátua e este quadro bem valorizados. É preciso que logo os paroquianos sejam por vós atraídos.”



CAPÍTULO 3

*Os primeiros
contatos*



Marcelino ia sair da igreja quando ouviu tocar o Ângelus. O relógio da igreja marcava sete horas. Recolheu-se, lembrou à Maria sua vocação de Mãe de Deus com a esperança que nela depositava sua missão.

— Boa tarde!, disse ao sineiro. Quase esquecia de saudá-lo. Não o enxerguei neste canto meio escuro. Como se chama?

— Montmartin. Sou originário de Saint-Genest e soube que o senhor vinha de Marlhès. Minha mulher é de La Valla, é por isso que me fixei aqui e eu sou um pouco escriba e cantor. É preciso exercer diversas funções se a gente quer sobreviver.

— Está bem, nos tornaremos a ver. Vou para o presbitério.

— O pároco deve ter acabado de chegar. Pouco antes do Ângelus estávamos tomando um copo, juntos. É que hoje fez calor. Para chegar ao presbitério, passe pela sacristia. O senhor sai e continue à direita, duzentos metros.



Com efeito, Marcelino encontrou sem dificuldade. O Pe. Rebod, pároco, estava no jardim.

— Ah! Eis meu novo coadjutor! Sente-se aqui! A gente está bem aqui, agora que o sol é menos forte.

O presbitério estava construído no flanco da colina, quase no cimo da cidade. Entretanto, desde há pouco o Sr. Bonnair, marceneiro, havia construído uma pequena granja um pouco para cima. Entre a paróquia e a casa Bonnair passava um outeiro que se dirigia, primeiro, a um ponto mais alto chamado o Velho Cemitério e continuava até o povoado de Luzernod.

O Pe. Rebod estava entusiasmado e, apesar da gagueira um tanto acentuada, explicava ao jovem coadjutor as vantagens da situação do presbitério.

— Não lhe proponho de fazer a volta do terreno, porque você deve estar bastante cansado, mas você vê que temos bastante espaço. O jardim é vasto e se você for até o Velho Cemitério, vai ter uma vista panorâmica de sua imensa paróquia. É quase o único lugar plano, oh! Uns cem pés quadrados, porque aqui tudo é encosta.

Amanhã você subirá até o alto de nossa colina e então descobrirá absolutamente toda a paróquia (menos o Bessat, completamente em cima, ao sul); embaixo, ao norte, você verá o vale do Gier. É esplêndido nos dias claros. Mas como esta paróquia é difícil de servir! Vejo que você está cheio de disposição! O trabalho não lhe faltará. Temos 1.500 habitantes; a cidade conta 500 habitantes e os demais estão em mais ou menos seis povoados.

— Eu me dei um pouco conta disso, pois parei um instante em Tarantaise, e o Pe. Préher me fez notar que alguns povoados de La Valla estão a mais de duas léguas de nossa igreja, enquanto estariam a uma meia hora da igreja dele.



Os primeiros contatos

— Sim, são limites traçados bizarramente. E, para mim, estão acima dos meus meios. É verdade que tenho um cavalo do qual me sirvo de vez em quando, mas pelas nossas estradas muito mal mantidas, a gente vai mais depressa a pé do que a cavalo. No entanto, nossas escarpas nos foram úteis nos dias da Revolução. O Pe. Gaumon, então pároco daqui, pôde escapar ao menos uma vez da polícia de Saint-Chamond. Esses imbecis estavam chegando a cavalo, mas uma mulher que morava lá embaixo viu que estavam chegando lá do fundo do vale e correu para avisar o Pe. Gaumon, que teve tempo de correr para se esconder. Infelizmente, seis meses depois, foi preso nos matos de Saint-Genest e foi guilhotinado. Que lá do alto do céu nos proteja!

— Sim, quando era bem pequeno, eu vi tudo isso. Meu pai me mandava avisar o pároco quando havia perigo.

— Outro dia lhe contarei que, por minha vez, fui procurado e bateram insistentemente à minha porta. Mas, dessa vez, pelos dragões austríacos do exército de invasão, há dois anos. O povo lhes tinha dado vinho e eles estavam com mau humor.

— No seminário nos preveniram contra o vinho e eu espero, com a graça de Deus, não me deixar levar por ele, que tão facilmente escandaliza os fiéis.

— Não exageremos nada, entretanto. São Paulo recomendava a Timóteo que bebesse um pouco de vinho. O Pe. Gardette tem um nome predestinado, pois “põe em guarda”, não é verdade!

Os dois riem do trocadilho (*gardette, guarda*) e passaram à mesa, pois a irmã do Pe. Rebod acabava de avisar que a ceia já estava pronta. Ela servia de cozinheira a seu irmão e sua velha mãe vivia também com eles.

Durante a refeição o Pe. Champagnat abordou o tema da festa de





15 de agosto. Como era celebrada na igreja de La Valla? Como o povo se preparava para ela?

— Bom, ontem, domingo, anunciei que você chegaria, que estaríamos disponíveis para as confissões todo o dia 14, que no dia da festa eu celebraria a primeira missa e que você celebraria a das 9h, precedida da procissão de Nossa Senhora de Leytra e seguida da véspera. Disse-lhes também que você pregaria. Tudo isso é, sem dúvida, muita coisa para preparar num único dia, mas o seu pároco Allriot, que eu encontrei no Bessat, na festa da Transfiguração, na semana passada, assegurou-me que isso não lhe causaria medo. Vá deitar cedo esta noite e amanhã você trabalhará.

— Estou de acordo, mas gostaria de ir até a capela do Rosário, porque esta parte da igreja dedicada a Maria me parece pouco digna de um belo dia 15 de agosto. Quero arranjar melhor a substituir por imagem e o quadro, varrer as paredes, limpar bem o altar, colocar flores...

A irmã do Pe. Rebod interveio então:

— Eu vou ajudá-lo, senhor padre, e eu pedirei ao pequeno Bartolomeu Badard, o filho do sacristão, para vir nos ajudar. Esta criança é muito gentil.

— Você teve uma boa ideia, disse o Pe. Rebod e ao dirigir-se a Marcelino: É preciso que eu lhe explique a história deste quadro e desta imagem, e depois o deixarei quieto.

São ex-votos da família Rivat, de Maisonnettes. Explico: De Maisonnettes, porque aqui quase todos se chamam Rivat. É uma família de sete filhos. Os dois mais velhos foram mobilizados nos últimos anos do Império. E a senhora Rivat, a mãe, veio um dia à capela do Rosário e me pediu que fosse testemunha do que ia fazer: “Nossa Senhora do Rosário, disse, se meu João Cláudio e meu João Antônio





Os primeiros contatos

voltarem vivos destas guerras que nunca acabam, farei embelezar esta capela com um belo quadro e uma bela imagem para que todos os fiéis possam vir invocar-vos com ainda mais fervor”.

Era em 1813. Eu estava aqui havia um ano. Nesse mesmo ano foi em peregrinação a Valfleury, com Gabriel, seu pequeno caçula que tinha cinco anos, para consagrá-lo à Virgem Giesta de Ouro.

Apenas a guerra acabou e seus dois filhos voltaram. Ela foi procurar o senhor Ravéry, pintor em Saint-Chamond, para que ele pintasse esta Virgem do Rosário que você viu.

E ela encomendou a imagem em Lyon.

João Antônio está atualmente no seminário. Acho que será um bom Padre, mas não tem muita saúde.

— Com todas as noites que os soldados de Napoleão passaram ao relento, não podemos nos espantar com as conseqüências que isso possa ter tido sobre sua saúde.

A velha mãe Rebod começava a tirar a mesa.

— Mamãe, espere um pouco. O Pe. Champagnat talvez esteja com sede depois de um dia de grande calor.

— Não, está bem, disse Marcelino.

Mas o Pe. Rebod encheu um copo para ele mesmo.

Marcelino não teve dificuldade em ver que as duas mulheres ficaram um pouco sem jeito.



CAPÍTULO 4

15^{de}
agosto
^{de} 1816



A véspera da grande festa foi, sobretudo de tarde, um incessante desfile nos confesionários.

Marcelino fazia sua primeira experiência do sacramento do perdão. Sem cessar, pedia o Espírito da luz, para ele saber escutar as acusações e as dúvidas e dar os conselhos apropriados a cada penitente.

De vez em quando, revelavam-se almas próximas a Deus, verdadeiramente a caminho da santidade, entre uma multidão de acusações rotineiras, e também de declarações pesadas que marcavam o possível início de uma conversão.

E ele se lembrava das palavras de Jesus ressuscitado: “Os pecados serão perdoados a quem os perdoardes”. Este poder, que escandalizava os fariseus quando Jesus proclamava: “Teus pecados são perdoados”, ele o havia transmitido a seus apóstolos para que assim trouxessem a paz. Era enorme pela simplicidade e verdade.

Depois, levantou-se a aurora de um radioso 15 de agosto. Desde as 5h já havia gente na





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

igreja. Marcelino confessou ainda durante 2 horas, parando apenas durante a missa rezada pelo Pe. Rebod.

Pelas 9h, estava diante da capela de Nossa Senhora de Leytra onde a multidão, já numerosa, esperava o momento da procissão. Sabia que esta velha capela era dedicada à Virgem das Dores desde vários séculos.

O Pe. Rebod apresentou aos fiéis o novo pastor, Marcelino Champagnat. “Vem de Marlhès, do outro lado da Barbanche. La Valla será sua primeira paróquia, vocês notam que ele é mais alto do que nós todos por uma cabeça. Por isso, não passará despercebido. Fiquem seguros de que ele é grande não apenas pelo tamanho. E vocês, crianças, verão que ele sabe dar bem o catecismo. Na sua cidade de Marlhès, quando estava em férias, dava catecismo na sala do forno da casa e as crianças vinham de muitos povoados. Agora, dou-lhe a palavra”.

Marcelino diz umas poucas palavras muito simples: “Maria aceitou ser a Mãe das Dores antes de ser elevada à glória dos céus. Agora vamos de uma para a outra: da Virgem das Dores à Virgem Gloriosa, cantando as ladainhas”.

O Sr. Montmartin, o cantor, e o Sr. Badard, sacristão, se uniram para cantar as invocações e todo o povo respondia *ora pro nobis*. Esse povo cristão chegava da direita e da esquerda, para celebrar a festa da Mãe Universal, do povoado do salto do Gier, de Salières, da Grenary, de Pinay, desciam de Luzernod e do Pissord. Em resumo, no momento de entrar na igreja, eram bem umas mil. Entre as invocações, escutavam-se alguns comentários:

- Que homenzarrão!
- Cinco pés e seis polegadas!
- Ou não muito longe disso!



15 de agosto de 1816

O pessoal foi entrando na pequena igreja na qual três quartos encontraram lugar para se sentar. As tribunas também estavam lotadas.

Marcelino se adiantou também para o altar e começou com um grande sinal da cruz: *In nomine Patris et Filii et Spiritus Santi. Amen.*

Os coroinhas, habituados a gaguejar as orações ao pé do altar, pouco a pouco, adotavam um tom mais calmo, para acompanhar a dicção solene do celebrante.

No Kyrie e no Glória, Marcelino cantou com o povo e, embora tanta gente, percebia-se facilmente que ele cantava bem. Isso se tornou mais evidente no Aleluia, porque essa parte, reservada aos cantores, era de outro nível de conhecimento musical. Marcelino havia deixado Montmartin entoar o Aleluia, mas depois se uniu ao grupo dos cantores e, sem dificuldade, todos chegaram triunfalmente ao fim do versículo, enquanto que nos outros domingos...

Lera a epístola e, por causa da solenidade da festa, cantou o evangelho. Os cantores olhavam uns para os outros. No meio do povo, as mulheres cochichavam: “Canta verdadeiramente bem!”

Eis que agora sobe ao púlpito. Nessa velha igreja muito pequena para a grande multidão de 15 de agosto, cada qual enxugava o suor e segurava a respiração: como é que ele vai pregar?

Recolheu-se e rezou uma Ave-Maria que foi respondida pela assembleia. Um curto silêncio e depois uma frase sonora:

— “Maria subiu ao céu! Vocês pensam nisso, meus irmãos? Nossa Mãe está no céu. Mas ao mesmo tempo está perto de nós. Na minha vila de Marlhès, como aqui, o dia 15 de agosto é muito solene, visto que Maria é venerada desde sempre e, sobretudo, depois da passagem de São Régis. Mas aqui vocês não têm nada a invejar. Vocês tiveram há vinte anos um pároco que foi mártir pela fé. Vocês vão muitas vezes invocar a Virgem das Dores no santuário do qual



Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

nós viemos em procissão, e aqui mesmo vejo, na capela do Rosário, ex-votos recentes que me dizem a piedade das famílias e a confiança que tiveram em Maria durante os terríveis anos da guerra”.

Marcelino abordou depois a história da Assunção de Nossa Senhora tal qual no-la transmitiram os evangelhos apócrifos. Sabia contar episódios interessantes este São Tomé que nunca é capaz de estar no lugar no mesmo tempo que os outros e que faz reabrir o túmulo. O corpo de Maria não está mais lá. Maria está corpo e alma no céu.

“Sim, meus irmãos, milhares de vitralistas e de pintores contaram essa cena em vitrais ou nas pinturas. Nunca a tradição de qualquer igreja pretendeu ter uma relíquia do corpo de Maria. O Espírito Santo orientava assim as almas para essa verdade que ainda não é artigo de fé, mas que não oferece dúvida a nenhum católico”.

Era simples e concreto. Citou depois as grandezas de Maria e sugeriu algumas resoluções para o dia.

Quando o povo saiu, manifestava-se uma satisfação geral:

— Eu, que não gostava de sermões, ficaria escutando durante uma hora.

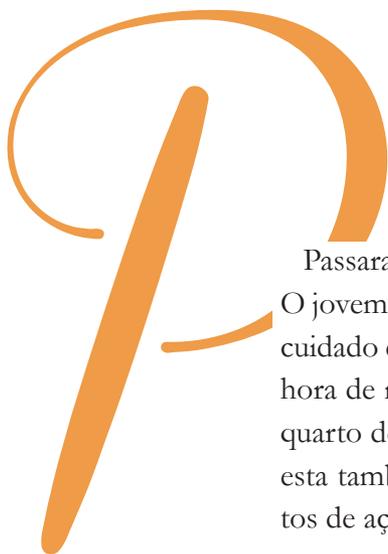
Uma mulher encontrou a palavra final: “Eis o que eu me dizia enquanto o escutava: nós somos de Flurieux. Há, por certo, flores no nome de nosso lugarejo, mas ele, em todo o caso, vem do Rosey; o que ele fala tem odor de rosa”.

Barge, o secretário da prefeitura, ouvindo este comentário, ria com sua barba: “Creio que a Maria lê Chateaubriand!”



CAPÍTULO 5

*Ação
e projetos*



Passaram-se uns dias relativamente calmos. O jovem vigário tinha, em primeiro lugar, um cuidado extremo por sua vida espiritual: meia hora de meditação, logo após o levantar, um quarto de hora de preparação à missa, sendo esta também acompanhada de quinze minutos de ação de graças.

A recitação do breviário exigia uma boa hora, ao que acrescentava um tempo de exame de consciência e visitas ao “Santíssimo Sacramento e a Nossa Senhora”, como dizia com prazer.

Contudo, sua vida de estudos não terminara. Por isso, decidiu: “Todos os dias, consagrarei uma hora ao estudo da teologia”. Essa era a base espiritual a respeito da qual não havia que tergiversar. Quanto ao mais, Deus providenciaria. O discípulo fiel ficaria atento à sua presença e não deixaria de ver os sinais que o Mestre lhe faria. A ideia que se impunha a Champagnat é que o tempo que dedicava à oração, sobretudo de manhãzinha, nada mais era do que uma preparação para, depois, viver continuamente em sua presença.





Ação e projetos

Mas, desde o início queria também travar conhecimento com seus paroquianos. Ainda não era bem tempo de se ocupar das crianças. Elas ainda estão muito ocupadas com os trabalhos dos campos e com o cuidado dos animais.

Para começar a conhecer as famílias, vai, primeiro, visitar os doentes. Antes de partir, passa na igreja para recomendar a visita a Deus e a Nossa Senhora. Com tal ou tal pessoa o melhor é começar logo a falar a respeito do sacramento dos doentes? Do viático? É o Espírito Santo que lhe inspirará o que é preciso dizer.

Far-lhe-á descobrir na Bíblia as palavras que tocam o coração. Nesta paróquia é preciso contar com cinco ou seis mortes por mês. E esse ambiente cristão aceita facilmente a presença do padre, como acompanhante dos moribundos. Não se hesita em ir buscá-lo mesmo nos piores dias ou nas piores noites de inverno.

Entre sua chegada e o primeiro dia do ano seguinte, morreram dezesseis pessoas: quatro com 70 ou mais anos, uma de 50, três entre 20 e 30, um abaixo de 20 anos e sete crianças com menos de um ano. Bem que se recorre ao médico, mas isso custa muito, e Saint-Chamond é longe. Uma Irmã de São José se faz de enfermeira, e Marcelino começa também a sugerir um ato de caridade: cuidar dos doentes isolados que não têm família, de dia ou mesmo de noite.

Indo e voltando, saúda as pessoas que encontra. Interessa-se pelo seu trabalho e pelas colheitas.

— Aqui, diz, é ainda mais difícil do que em Marlies. Minha terra é mais fria, mas é um planalto. Aqui é só encosta. Não é fácil trabalhar. De que recursos dispõem?

— Ah! No começo da Revolução acabaram com a floresta. Era uma riqueza! Enfim, em breve, vamos atacar as batatinhas. Depois, vamos semear um pouco de centeio, mas isso não é uma grande colheita.





Sim, este homenzarrão, que haviam admirado no dia 15 de agosto, finalmente era uma boa pessoa, nada orgulhoso e que os deixava à vontade.

Os dois primeiros meses se passaram assim travando conhecimento. A conclusão de Marcelino foi que os habitantes adultos, desses vales, tinham conhecimento sumário da religião, mas, em sentido contrário, sua vida espiritual, embora um tanto rotineira, comportava respeito a Deus, o hábito da oração à noite e a aptidão para cantar os cantos comuns da liturgia. E em vinte anos de guerra durante os quais cada família temia, a cada dia, más notícias, muitos terços haviam sido desfiados. A perseguição religiosa tivera seu lado bom, obrigando os cristãos a assumirem riscos para guardar seus padres, a encontrarem outros lugares para o culto, quando a igreja do fim de 1793 foi fechada e, depois, dedicada ao culto da Razão.

Neste período de descristianização, La Valla era para um tal de Gracchus Bourgeois, juiz em Saint-Chamond, uma cidade “fanática”, que não colaborava e que merecia ser castigada. Os anos seguintes recuperaram a prática religiosa, um pouco menos, porém, do que no Antigo Regime.

A nova geração tinha um conhecimento medíocre das santas verdades, e sua influência na vida deles não estava na altura requerida.

É certo que havia belas exceções, como a do granadeiro que Marcelino queria rever. Quem sabe ele o iria reencontrar lá na altura de Maisonnettes, como aconteceu no primeiro dia. Seja como Deus quiser! De qualquer modo, no dia 1º de outubro, queria cumprimentar o Pe. Seyve, seu amigo, que foi nomeado pároco em Tarantaise e que lhe escrevera que estaria em La Valla para o almoço.

Seyve era um dos que haviam feito em Fourvière, no dia 23 de julho, a promessa de fundar a Sociedade de Maria. O pároco Rebod tinha lá seus defeitos, mas era muito acolhedor e depois, com a





Ação e projetos

restauração, os padres recebiam melhores salários. “Ah! Durante os quinze anos do Consulado ou do Império, não se podia exagerar, se a gente quisesse sobreviver!”

Seyve era um bom falador. Ninguém ficou aborrecido. O Pe. Rebod, apesar de sua gagueira, não quis privar seus ouvintes de algumas boas palavras. Foi mesmo preciso deixá-lo proclamar alguns versos que havia composto.

Marcelino, menos falador, não tinha que fazer mais do que escutar e, de vez em quando, introduzir uma palavra, para dizer que seguia a conversa.

Seyve, um pouco tagarela, fez alusão a um tal de Janvier que conseguira do Bispo o *exeat* a fim de ir para os Estados Unidos.

— Vocês, Padres, disse a senhora Rebod, metem latim por todos os cantos e nós, pobres cristãos, vocês acham que entendemos. Que é esta tal palavra *exeat* que vocês estão empregando?

O Pe. Rebod explicou à mãe que significava “sair” e que se tratava de uma autorização do bispado, pela qual um padre podia deixar a diocese. Mas ele mesmo estava intrigado:

— É um dos padres de sua ordenação. E o que vai fazer nos Estados Unidos? Há muito que terminou a guerra da Independência.

Seyve então explicou largamente a história de Dom Dubourg e, dirigindo-se a Champagnat, acrescentou:

— Que acha?

Mas Rebod estava ainda mais intrigado.

— Em suma, vocês eram muito amigos?

— Não apenas isso. Mas também fazia parte de nosso grupo.

Champagnat lhe lançou uma olhadela irritada, e Seyve entendeu que havia cometido uma gafe.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

— Ah! Ah! Senhor Champagnat, eu acho que o senhor está escondendo alguma coisa. Já faz um mês e meio que estamos juntos e o senhor nunca me falou desse famoso grupo. Na verdade, o senhor não está obrigado a me dizer todos os seus segredos.

— Não se preocupe, senhor pároco. Um dia lhe contarei tudo, mas, por enquanto, o cuidado com a paróquia toma todo o meu tempo.

— Está muito bem que assim seja, porque eu, seu pobre pároco, infelizmente, sei que não posso fazer muita coisa.

Seyve sentia que demorava poder estar livre para conversar com Marcelino. Ao longo do caminho, desculpou-se por ter caído em uma inadvertência.

— É bastante normal em nossa profissão, respondeu Marcelino, rindo. Mas, desde que podemos falar entre amigos, voltemos a falar de nossa promessa de Fourvière.

— Eu acabo de chegar, diz Seyve, ainda não tive tempo de me ocupar disso. Em todo caso, nesta pequena cidade de Tarantaise, não sei o que eu terei de fazer, pois é muito menor do que La valla.

— No outro dia, encontrei o novo pároco, Pe. Préher, mas penso que se o nomearam lá em cima, é que, contrariamente a todos os lugares em redor, lá em cima e desde muito tempo, há uma escola, uma escola de verdade, e até com um bom grupo de latinistas que, na maioria, se preparam para entrar no seminário. Estou mesmo pensando que eu poderia fazer o mesmo em La Valla. Este será outro segredo a revelar um dia ao meu pároco. E depois, você sabe que eu sou o único do grupo que pensou num ramo de Irmãos educadores. Não sei como será colhida essa ideia, mas tenho consciência de que o grupo dos futuros Maristas me delegou para este trabalho. Então, vou começar assim que Deus me der um sinal, e serei fiel,





Ação e projetos

mesmo se tiver que partir para o exterior, como Filipe Janvier.

— Você pensa seriamente nisso?

— Não, simplesmente não limito de nenhum modo a possibilidade de um chamado. E o chamado que nos foi feito é o de revelar Maria ao mundo como modelo a imitar para ir a Jesus, é o de fundar uma sociedade simples e modesta que se inspire em Maria e sirva de inspiração para a sociedade humana... Não, não penso em seguir Filipe Janvier nos Estados Unidos. Mas devo dizer-lhe que se as conferências de Dom Dubourg me comoveram profundamente foi porque me revelaram uma alma muito mariana. Lembro-me ainda muito bem desse embalo inflamado que teve um dia, como uma inspiração, durante uma conferência: “Sim, dignem-se lembrar que nesta querida Louisiana que acaba de me ser confiada, pelo Vigário de Cristo, um grande número de ovelhas que vosso Divino Filho reivindica como suas, embora ainda não pertençam ao rebanho dele. Obtende-lhes o favor de nele entrarem quanto antes, para que não haja senão um só rebanho e um só pastor. Descei vosso olhar sobre um número ainda maior de filhos ingratos que não o são senão por desânimo e fraqueza. Esta mocidade tanto americana quanto europeia é ávida de novidades perigosas. Perdida pelo ardor da idade, ela se esgota em vãos desejos e, lançada sem bússola no meio dos escolhos, está exposta a perecer, a cada instante. Fazei brilhar a seus olhos a estrela brilhante que lhe mostre o porto, no qual, depois de tanta agitação, possa encontrar a paz e a salvação”.

— Nossa! Que memória!

— Não. Tenho pouca memória, mas aqui é a memória do coração que me fez reter essas poucas frases. Lembro-me também que nos falava de seu apostolado com as almas mais simples, com os negros. E eu penso sempre nos mais desfavorecidos.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

Haviam subido o caminho de Choméol e estavam chegando ao caminho de Laval.

— Veja, é um pouco para cima que no outro dia eu encontrei um antigo granadeiro do Império que poderia, creio eu, se transformar num excelente Pequeno Irmão de Maria.

— É assim que você quer chamar seus Irmãos?

— Penso que sim.

Mas, dessa vez, não encontraram João Maria Granjon. E começaram a andar com um passo mais decidido até Laval, pois Marcelino tinha que voltar, e ele queria acompanhar seu companheiro ao menos até a Barbanche. De lá, mostrar-lhe-ia o caminho até Tarantaise.

Na volta, Marcelino rezou muito para esta Sociedade de Maria que ainda não existia senão em projeto, e para o seu ex-granadeiro com o qual seria bom retomar contato quanto antes. Invocava a Virgem do Rosário, pois era o primeiro dia de seu mês. Invocava São Remígio cuja festa se celebrava: “O senhor formou uma lionesa, Santa Clotilde, para converter seu marido e transformar a França na filha primogênita da Igreja. Fazei-me também encontrar esta mãe de família que foi tão generosa com a capela do Rosário. Pode ser que ela tenha um papel a exercer na obra que Deus espera de mim”.



CAPÍTULO 6

*O primeiro
Pequeno
Irmão de
Maria*



Na tarde do dia 1º de outubro, começou com alguns paroquianos do povoado a fazer o mês do Rosário: uma pequena leitura e um terço. Ele havia avisado na missa do domingo, sem pensar no resultado que obteria.

No entanto, tinha esperança, pois havia uma confraria do Rosário e, sem dúvida, os membros dela seriam fiéis. De fato, veio certo número, mas, sobretudo, o granadeiro lá estava, em um recolhimento extraordinário. Via-se que estava inteiramente tomado por Deus, imóvel, com os olhos abaixados, respondendo com calma à longa oração.

Voltou todas as tardes. Marcelino pensa que Nossa Senhora do Rosário tem um papel a desempenhar na sua fundação. Desde o primeiro dia de sua chegada a La Valla, ele havia descoberto a capela de Nossa Senhora do Rosário. Conseguira orná-la como se devia, para que os olhares dos fiéis se dirigissem para ela no dia da Assunção. E no dia 1º de outubro, ela lhe trazia João Maria Granjon.

“É preciso que eu fale com este jovem”, dizia ele. Antes de deixá-lo ir para casa, pediu-lhe se, no domingo seguinte, podia vir se





O primeiro Pequeno Irmão de Maria

encontrar com ele, na ponte de Rive, às 2h da tarde.

— Passearemos conversando, diz-lhe.

— Com muito prazer, Padre.

No domingo, dia 6, festejava-se o Rosário. Marcelino ainda notou que João Maria estava na missa. Logo após o almoço, tomou, com pressa, o caminho de Saint-Chamond. Bem antes de Rive, viu João Batista dando os cem passos na ponte novinha em folha, que atravessava o Rio Ban, bem no local em que ele se lança no Gier.

— Ah! É o senhor, Padre, disse, logo que percebeu Marcelino. Não tenho relógio, estava com medo de fazê-lo esperar.

Marcelino lhe propôs tomar o caminho de Maisonnettes onde não encontrariam, sem dúvida, muita gente.

— Eu vi você na igreja. Você me parece muito piedoso.

— Não sei, procuro rezar. Consigo muito pouco. Nas grandes batalhas nas quais participei, eu rezava melhor, pois era tão difícil saber o que se devia fazer: matar para não ser morto. Outros soldados levavam isso na brincadeira. Eu não conseguia. Então dizia sem parar: “Senhor, tende piedade de mim, pobre pecador”.

— E agora você diz que reza menos bem. Não acredito. Penso apenas que a situação é mais normal, então sua oração se torna mais calma. Mas, digo-lhe logo que Deus lhe deu o dom da piedade como prelúdio para outras graças. Você é um bom trabalhador agrícola, mas pode ser que Ele queira outra coisa de você.

— Se o senhor quiser me falar de me tornar padre, pode desistir. Eu sou da idade de João Antônio Rivat que foi soldado como eu, mas tenho a cabeça muito dura. Faz muito tempo que sabe ler e escrever. Por isso, apenas deixou o quartel, logo decidiu ir para o seminário. Penso que ele queria isso já faz muito tempo. Eu, aos 23 anos, não sei nada. É inútil.





— Na verdade, não vou lhe propor de se tornar padre, mas Irmão Educador. Você certamente viu, em Saint-Chamond, Irmãos que dão aula e, sobretudo, ensinam o catecismo às crianças.

— Os Irmãos com quatro braços.

— Sim, se você quiser. Estão na diocese de Lyon desde o início deste século e, mais recentemente, em Saint-Chamond.

— Por que o senhor me fala isso? O que eu sei é também que para ser Irmão é preciso ter instrução. E eu, a instrução...

— Suponhamos que isso seja verdade; mas no ponto em que se encontram as escolas hoje, não são necessários grandes estudos: latim, teologia... como para um padre.

— Então, o senhor quer que entre no noviciado deles. Eu teria vergonha.

— Tenho antes outra ideia: os Irmãos das Escolas Cristãs, este é o nome deles, dão aulas nas cidades: Saint-Etienne, Rouane, Saint-Chamond. Mas no campo é o deserto quase absoluto. Então, haveria lugar para uma outra sociedade de Irmãos. Na minha terra, Marlhes, bem como em La Valla, há pelo menos cem meninos em idade escolar. Quantos recebem instrução? Quinze ou vinte. Comecei meus estudos em Saint-Sauveur com meu cunhado. Éramos doze.

Veja, eu faço sermões na missa, é uma boa coisa, mas as palavras voam. As pessoas não conhecem a religião. Aprendem algumas perguntas do catecismo, de cor, para fazer a primeira comunhão. E depois disso se evapora tudo. Se nos seus primeiros anos pudéssemos inculcar neles as verdades da religião, ensinando-lhes em profundidade o catecismo, e se ao menos tivessem, entre seis e doze anos, educadores que fossem cristãos modelares para eles, isso os marcaria para a vida.

— Eu bem que gostaria de fazer isso. Mas o senhor acha que eu sou capaz?





O primeiro Pequeno Irmão de Maria

— Sim, se você tiver fé. Veja, tenho um *Manual do Cristão*. Note o que diz São Paulo na Epístola aos Romanos: “Abraão, esperando contra toda esperança, acreditou e se tornou chefe de uma multidão de povos. Apoiado na promessa de Deus apesar de ter cem anos, e apesar da esterilidade de sua mulher, Sara, deu graças a Deus certo de que é bastante poderoso para cumprir tudo o que promete”.

Você vê que não é só em nossos dias que Deus pede coisas impossíveis. Mas guarde este *Manual do Cristão*. Faça-lhe presente dele.

— Obrigado. Mas o que deseja que eu faça com ele, pois não sei ler?

— Aqui vai meu conselho: acabe a colheita das batatinhas, para seu patrão. Depois você virá todas as manhãs ao presbitério. Vou ensinar-lhe a ler. Eu mesmo tive muita dificuldade para aprender a ler. Penso que posso ensinar-lhe.

— Então, muito bem! O senhor não perde tempo no trabalho! Eis que já quase sou, como é que o senhor diz: Pequeno Irmão de Maria?, em menos de meia hora.

— Pode ser que eu tenha feito depressa no início, mas depois tomaremos o tempo necessário. Numa vocação, nada deve ser apressado.

Chegavam à encruzilhada do caminho de Choméol.

— Eu vou descer por aí e vou rezar o breviário. Você, então, volte pela Rive, recitando o terço para pedir a Nossa Senhora que o ilumine. Aquilo de que precisamos é bem de Irmãos educadores, mas Irmãos de Maria, pois sinto que é Ela que vai fazer tudo.

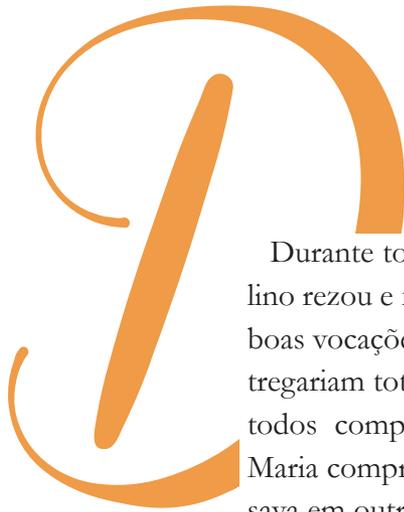
— O senhor me transtornou a cabeça com tudo o que me disse. Vou pedir a Nossa Senhora que me tranquilize, senão não conseguirei dormir esta noite.

— A paz do Senhor esteja sempre com você!



CAPÍTULO 7

Morrer
sem
conhecer
a Deus



Durante todo este mês do Rosário, Marcelino rezou e fez rezar para que Deus enviasse boas vocações de rapazes e moças que se entregariam totalmente a Ele. Para os meninos, todos compreendiam, “padres”, mas João Maria compreendia bem que Marcelino pensava em outra forma de dom total de si.

Pelo fim do mês, no dia 28, Marcelino foi chamado para visitar um jovem moribundo do lado de Tarantaise, no povoado de Palais. Haviam-lhe dito: “Este povoado se encontra entre o Bessat e Tarantaise. Mas visto que o senhor ainda não conhece o Bessat, e que conhece Tarantaise, é mais simples que o senhor vá por aí”.

Mal começara uma lição com João Maria. A lição podia esperar, mas não o doente.

— Você quer me acompanhar, disse ao aluno. É preciso ir depressa.

— Não tenho medo disso. Com Napoleão, fizemos centenas e centenas de quilômetros.

Entraram, então, pelo vale do Ban, o caminho de Choméol, o de Laval e a Barbanche. Em Tarentaise, encontraram o Pe. Seyve que saía da igreja.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

— Há fogo por ali ou o que há?, perguntou ele, vendo-os andarem com tanta pressa.

— Onde está a povoação de Palais?

— Os Palais de Tarentaise estão ali, bem em frente, a um quarto de légua. Continuem depois mais um quarto de légua à esquerda e depois à direita.

— Obrigado! Vamos ver um jovem doente que se chama Montagne. Parece que é caso perdido.

Recomeçaram a andar tão depressa como antes e não tiveram muita dificuldade para encontrar a casa. João Batista, assim se chamava o doente, encontrava-se muito mal. Estava em um quarto ao lado da cozinha. João Maria ficou na cozinha com a família, e Marcelino entrou sozinho no quarto do doente.

Qual era a idade do jovem? Haviam dito a Champagnat que tinha dezesseis, dezessete anos. Parecia ter menos idade, nessa caminha cujos lençóis acentuavam ainda mais sua palidez.

— João Batista, venho dizer-te que Deus te ama e se ele te chama a si é para te dar a felicidade eterna.

— Eu já ouvi este nome: “bom Deus”. É verdade que ele existe?

— Você não frequentou o catecismo?

— Um pouco, mas já esqueci tudo.

Tranquilamente, Marcelino se pôs a lhe explicar que Deus, nosso criador, nos enviou seu Filho que se fez homem no seio de Maria.

— Tenho certeza de que você ouviu falar de Nossa Senhora.

— Sim, já rezei a *Ave-Maria*... Mas agora eu esqueci. Esqueci tudo.

— Você quer tornar a dizê-la comigo? Você verá que se recordará dela.

E, lentamente, retomou toda a oração. E o jovem parecia feliz





Morrer sem conhecer a Deus

quando repetia essas palavras benditas.

— Então você vê que Deus criador nos deu Jesus, seu Filho, e não-lo deu por Maria.

Marcelino segurava a mão do doente que parecia reconfortado por essa conversa. Pouco a pouco, levou-o a um sentimento de arrependimento por ter esquecido quase completamente Deus. Contou-lhe o que Jesus havia sofrido por nossos pecados.

— Peça-lhe perdão, dizendo: “Jesus, perdoa-me”.

O jovem, parecendo penetrar no mistério, sorria e dizia: “Jesus, perdoa-me”.

— Você está com sede?

— Sim!

Marcelino fazia-o beber e lhe enxugava os lábios.

O doente ficava mais alegre. E a conversa retomava: “Em nome de Jesus eu vou dizer-te que Deus te perdoa. Diga-lhe: Jesus eu te amo. Estou arrependido de tê-lo ofendido. Sim, pequei”.

E João Batista Montagne repetia estas palavras e beijava o crucifixo que o Pe. Champagnat trouxera. Isso durou duas horas.

— Vou deixar-te, mas volto daqui a pouco.

Marcelino deixa o quarto e volta para a cozinha onde a família esperava, conversando com João Maria Granjon.

— Siga-me, João Maria. Vamos visitar outro doente.

Antes de voltar para La Valla, Marcelino torna a voltar para junto de João Batista. O jovem havia morrido.

— Vamos voltar pelo Bessat e Flurieux. Chegaremos à boca da noite.

A volta se passou em oração de agradecimento a Deus que permitiu essa preparação para uma morte cristã, mas Marcelino intercalava em sua ação de graças reflexões angustiosas.





— Estamos num país cristão e João Batista ia morrer sem ter consciência de que ia se encontrar com Deus, tendo esquecido tudo a respeito dele.

— Infelizmente, padre, durante a guerra eu vi morrer tanta gente que não pensava nada sobre o outro mundo. Nenhuma diferença com os animais: nem “perdão, meu Deus!”, nem: “meu Deus, eu vos amo!”, “meu Deus, tende pena do pecador que eu sou”! Nada!

— João Maria, você não acha que é preciso que haja Irmãos para ensinar o catecismo?

— Sim, seguramente.

— E então?

— Pois bem, dessa vez, digo sim! Não tenho facilidade para aprender, mas vou tentar.

— Com um pouco de boa vontade, pode-se fazer um santo religioso, é possível fazer maravilhas.

Era um dia antes da festa de Todos os Santos. No dia seguinte, dia dos mortos, João Batista Audras, um rapaz de 14 anos, vinha ao encontro de Champagnat, para se confessar e lhe pedir para se tornar Irmão.

— Quem lhe falou desta vocação?

— Meu irmão João Cláudio que fez a guerra com Granjon e que o encontrou anteontem, no enterro. Já faz algum tempo que penso nisso, pois eu vi os Irmãos de quatro braços, em Saint-Chamond. Cheguei mesmo a pedir para entrar no Instituto deles e me disseram que eu era muito jovem para ingressar no noviciado deles, em Lyon. Mas como meu irmão contou na família, a história do jovem que foi enterrado anteontem, eu pensei que, se o senhor quer fundar uma sociedade de Irmãos, eu gostaria de pertencer a ela.





Morrer sem conhecer a Deus

— Pois então, pergunte a seus pais se estão de acordo e, amanhã, venha à casa paroquial. João Maria Granjon vem. Eu lhes darei aulas para que aprendam a ler e escrever.

Depois de dois meses, Marcelino, muito satisfeito com seus dois discípulos, decidiu que poderiam se reunir, para formar uma verdadeira comunidade, um noviciado com um regulamento no qual fossem determinados tempos para a oração, o silêncio, o estudo e o trabalho. Para isso, foi alugada a casa Bonnair logo acima do presbitério.

O velho Bonnair, que era marceneiro e fazia cadeiras para a igreja, se sentia muito feliz em poder alugar a casa. Não o escondeu de Marcelino.

— Não sou um ricoço, mas também não sou um pobretão. Construí esta casa lá em cima, para meu filho, mas agora não tenho muita vontade que ele vá morar nela, senão vai me deixar sozinho e, com minha idade, isso não me dá tranquilidade. É, pois, com prazer que eu lha alugo e se um dia o senhor a quiser comprar, eu também darei meu sim, com muito boa vontade.

Nos últimos dias de outubro, Marcelino havia também recebido um jovem amigo, João Francisco Maisonneuve, originário da região de Marlies. Este jovem ficara algum tempo com os Irmãos das Escolas Cristãs, no noviciado de Lyon, mas desistira. No entanto, conhecia o método de ensino dos Lassalistas, e Marcelino pensou que ele poderia formar os primeiros Irmãos por esse método. Por isso, primeiro iria prová-lo. Ora, no povoado de Sardier, a uma hora da cidade, havia uma escola que funcionava em uma propriedade, e o professor, casado e pai de família, acabava de encontrar um lugar, em um povoado vizinho, onde receberia um salário melhor. Maisonneuve poderia substituí-lo. Se satisfizesse, Champagnat o chamaria para La Valla, abriria uma escola e ensinaria a seus Irmãos como disciplinar os alunos e lhes ensinar os conhecimentos básicos, como também as orações e o catecismo.



CAPÍTULO 8

*Marcelino
catequista*



Após a Festa de Todos os Santos, Marcelino Champagnat havia também começado o catecismo das crianças. Ensinava na igreja, vestido de sobrepeliz de acordo com a concepção sulpiciano do respeito devido à Palavra de Deus, comentada por seu ministro. “Que me torne digno de ser ministro de seu altar”, dizia Marcelino, na oração que tinha feito a Maria, um dia depois de ordenado.

As meninas estavam de um lado e os meninos do outro. Nem todos os dias fazia calor. Nos dias mais frios, acendia-se, com serragem, uma grande estufa que ficava muito vermelha quando a chaminé puxava bem. Serragem não faltava, pois às margens do Ban e do Gier havia várias serrarias. A cor da estufa e o crepitar das brasas bastavam para acalmar os mais friorentos. No entanto, os que moravam nos povoados a quatro ou cinco léguas de distância chegavam aquecidos pela caminhada.

Aqui, Marcelino fazia a mesma constatação que em Marlies. Como a maioria das crianças não sabia ler, era preciso fazer aprender tudo, de cor. Felizmente, os poucos alunos do Sr.





Montmartin podiam servir como repetidores. E quando Marcelino havia explicado bem duas ou três perguntas, cada um dos repetidores ia se sentar um pouco mais longe, com sete ou oito coleguinhas, para fazer repetir a pergunta a todos, um depois do outro. Repetia-se duas ou mais vezes, se fosse necessário, porque depois era feita a verificação, pelo Pe. Champagnat. Algumas alunas das Irmãs de São José, que sabiam ler, exerciam o mesmo papel em relação a suas colegas.

Marcelino dava pequenas recompensas. Não precisava castigar, pois seu tamanho e seriedade se impunham a todos.

João Maria e João Batista, postados no fundo da igreja, assistiam à lição. Admiravam o jovem padre que, desde o primeiro dia, soubera organizar tudo tão bem e achavam que o tempo que os separava do dia em que poderiam fazer o mesmo lhes parecia passar devagar demais. Isso os estimulava também em seus estudos, pois, naquele momento, sabiam menos do que essas crianças que Marcelino chamava de monitores.

No entanto, o tempo do “de cor” era apenas uma passagem. Marcelino começava dando algumas explicações, mas as crianças sabiam que, depois da avaliação, haveria outro tempo de explicação. E ali então era um encanto.

Marcelino tinha o dom de tornar vivas todas essas respostas abstratas do pequeno catecismo do Cardeal Fesch, que a diocese usaria ainda durante longas décadas.

Vejamo-lo comentando a lição 8: A graça e a oração.

Podemos, por nós mesmos, observar os mandamentos da lei de Deus?

Resposta: *Não, para observá-los, precisamos da graça de Deus que nos é dada pelos méritos de Jesus Cristo.*

— Quem quer me explicar o que quer dizer: “pelos méritos de Jesus Cristo”?





Marcelino catequista

Ninguém ousava responder, havia explicado que, antes de responder, era preciso levantar o dedo. Entretanto, depois de vinte, trinta segundos, uma menina se decidiu:

— Vamos, fale!

— Sim, Jesus Cristo, porque morreu por nós.

— Muito bem. Jesus Cristo, por sua morte, é a fonte dos méritos. Dentre vocês, os que moram no Salto do Gier, vocês observaram como o Gier nasce, formando esta cascata magnífica. Depois corre um pouco calmamente. Alguns de vocês o atravessam todos os dias, para vir ao catecismo. Então, se um dia, por um motivo qualquer, a água do Gier viesse a se esgotar, o que aconteceria?

— Abaixo dele não haveria mais água.

— Isso mesmo. O leito do Gier ficaria seco, os peixes estariam de barriga para cima, e o que mais aconteceria?

Um menino, certo de que sabia responder, levantou o dedo.

— Eu tenho um prado na direção de Colet, um pouco acima. Nós fazemos reguinhos, para irrigá-lo...

Quase todos entenderam a palavra “reguinhos”, mas Marcelino explicava para os que habitavam a cidade que os “reguinhos” eram os pequenos canais que se faziam pelo prado afora, para regá-lo.

— Continue.

— Então, se faltasse água no Gier, meu prado ficaria completamente seco.

— Certo, e toda a descida até Saint-Chamond, tudo ficaria seco... Pouco a pouco, todos vocês estariam obrigados a irem embora, porque as plantas e as árvores não cresceriam mais e as vacas nada mais teriam para comer.

Viam-se todos os olhos dessas crianças tornarem-se sonhadores.





Mesmo os de Grenart, os quais se haviam molhado os pés mais de uma vez ao passarem desajeitadamente o Gier, em Colet, estavam amedrontados por esta perspectiva do Gier sem água.

Marcelino os deixava se impregnarem dessa eventualidade sinistra e depois acrescentava: “Jesus derramou seu sangue por nós e é isso que nos faz viver. Os méritos de Cristo nos vêm deste sangue derramado”.

Mas percebia que estas palavras eram também bastante abstratas.

—Agora, é preciso que eu lhes faça entender o que se entende por “mérito”.

Você, Madalena, suponha que todos em casa, numa bela manhã, aparecem doentes. Você, pelo contrário, foi ontem à noite que se sentiu um pouco cansada. Você não comeu nada, mas o resto da família comeu cogumelos. Havia entre eles alguns venenosos. E todos ficaram mais ou menos envenenados. Então, você pensou: “É preciso que eu os cure”. É então necessário que você vá a Saint-Chamond e volte de lá com toda a pressa, trazendo um remédio. Dito e feito. Você volta e ninguém ainda morreu. Você tem o remédio e explica muito bem tudo o que o farmacêutico lhe recomendou.

Pronto. O remédio é eficaz. Todos se salvam. O que se dirá ao falar de você?

Várias mãos se levantam.

— Você, Margarida.

— Dir-se-á que ela tem mérito.

— Muito bem. Agora então vocês entendem melhor que a graça de Deus nos é dada pelos méritos de Jesus Cristo que se fez até matar, para nos obter a força de viver na pureza, na caridade e na sinceridade. Algumas vezes, é difícil fazer o que Deus nos pede, mas Jesus possui a força e no-la transmite se nós lha pedimos.





Marcelino catequista

As explicações de Marcelino eram acompanhadas de muitas imagens. Cativava a criançada e no fim de um mês, em todo o povoado, se falava de suas aulas. Aproveitou o embalo para passar a outra etapa.

—Vejam, vocês são um grupo numeroso que segue o catecismo para se prepararem à primeira comunhão que farão daqui a 1, 2 ou 3 anos. Mas alguns de seus companheiros e companheiras não vêm.

Alguém levanta a mão.

— Bartolomeu, o que você quer dizer?

— Eu conheço um menino que gostaria de vir, mas ele é pastor na casa do Françon e ele não o deixa vir.

— Mas as vacas, neste momento, não estão mais no campo.

— Não, o patrão dele está puxando lenha e é preciso que ele vá buscar as vacas.

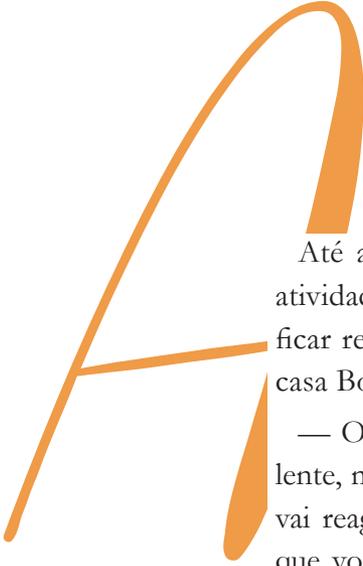
— Está bem. Vou falar com o Françon. Escutem muito bem, agora, o que vou lhes dizer: é possível que alguns meninos e meninas não venham porque não os deixam vir, mas outros não vêm por preguiça ou por descuido. Por isso, vou dar uma recompensa àquele ou àquela que trazer um companheiro ou companheira.

A sugestão teve êxito completo. E foi graças a isso que o pequeno Gabriel Rivat, de oito anos, começou a frequentar o catecismo. Vinte anos depois, Gabriel seria o sucessor de Marcelino Champagnat, à frente dos Irmãos Maristas.



CAPÍTULO 9

*Construir
uma
comunidade*



Até aqui, o Pe. Rebod gostou de toda a atividade de Champagnat. Mas começou a ficar reticente quando ele falou de alugar a casa Bonnair.

— O senhor Bonnair é uma pessoa excelente, mas se você não consegue pagá-lo, ele vai reagir como todos os credores. Onde é que você vai arrumar dinheiro? Com o seu salariozinho de vigário, não se pode ir muito depressa. Em todo caso, não conte comigo para ajudá-lo. Seus dois jovens, que agora vejo todos os dias, me dão a melhor das impressões. Concordo que os forme bem para que possam, depois, ser bons professores, mas o lugar no qual você pensa é muito grande e por isso mesmo muito dispendioso.

— Não penso que seja muito grande, porque é preciso pensar num grupo importante de alunos.

— Penso que você está sonhando. Veja o Montmartin. Quando ele tem 15 alunos, no mês de novembro, está satisfeito e, muitas vezes, em fevereiro tem menos do que isso.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

— Sim, mas se a lei de 29 de fevereiro de 1816 prevê que em cada cidade deve ser aberta uma escola, pela iniciativa do professor ou do pároco, é com a ideia de que ela será aberta para todos os alunos em idade escolar. Diga-me quantas crianças há em La Valla que estão entre seis e doze anos. É preciso acrescentar um zero ao número de Montmartin.

— Sim, mas neste número você já deve descontar os do Bessat. Eles não vão fazer duas vezes a viagem de duas horas, para poder frequentar sua escola.

— Admito que o Bessat é um caso à parte, mas podemos, para os que moram um pouco mais longe, dar um jeito para que sejam alojados na cidade. Conheço famílias que os receberiam. E, além disso, na casa Bonnair poderíamos alojar alguns.

— Você é otimista, zeloso, você se entrega a fundo, e eu gosto disso. Eu o deixo fazer, mas arrume o dinheiro!...

— Tenho certeza de que a Virgem Santíssima não permitirá que eu fracasse.

— É verdade. Pode ser que eu não tenha fé o bastante.

Naquele dia, Marcelino se arrependeu de não ter tratado a questão a fundo. Nossa Senhora lhe estendia a mão. Ela fez com que o Pe. Rebod tivesse se mostrado totalmente compreensivo. Então, um pouco partindo do que disse o Pe. Seyve, um pouco partindo da pergunta do Pe. Rebod, sobre a superfície do edifício a alugar, ele podia ter começado a proclamar essa certeza que sentia no coração, de fundar uma Sociedade de Maria. Tanto pior, faria isso em outro dia.

De mais a mais, as lições de leitura e escritura que ele dava todos os dias se transformavam em um verdadeiro noviciado. Os dois jovens voltavam todos os dias para casa. Granjon à sua família e João Batista, na casa do patrão. Mas como Marcelino sentia que estava





Construir uma comunidade

construindo sobre algo sólido, podia passar a uma nova etapa, depois de ter consultado a Deus e a seu diretor espiritual. Este era seu companheiro de estudos e amigo desde os tempos de Verrières, João Luiz Duplay. Era apenas um ano mais velho do que ele, mas tinha conselhos muito sábios. Morava longe, sem dúvida, pois era professor em L'Argentière, mas seu trabalho o levava, vez por outra, ao Seminário Maior de Lyon. Foi lá que se encontraram em um dia de dezembro de 1816. Marcelino fez então dois dias de retiro antes de ultrapassar o primeiro limiar de sua aventura: fundar uma comunidade. João Luiz o encorajou: “De fato, você vai com pressa, mas visto que Deus te dá coragem, vá adiante!”

Ao voltar a La Valla, encontra a força de falar aos dois jovens as palavras que convém dizer: “Amigos, vamos chegar ao Natal e vejo que vocês estão firmes em sua vocação. Penso que vocês podem começar um verdadeiro noviciado e tive a ideia de alugar a casa Bonnair onde vocês podem morar. Assim vocês já terão deixado o mundo. O que acham disso?”

Os dois se declararam contentes e decididos.

— Proponho então que, no primeiro dia do ano, vocês saiam para apresentar os votos de feliz ano a todas as pessoas que quiserem e, no dia seguinte, vocês começam o noviciado, na casa Bonnair, Rua do Grand-Air, no Thoil Saint-Andéol de La Valla³ (Loire).

Os três começaram a rir e a cantar: “Entramos no noviciado, uma boa aventura”.

— Vejam, quando se quer entrar na vida religiosa, não se deve deixar um pé para trás, reservar uma porta de saída. A gente se entrega a fundo e isso é a fonte da verdadeira alegria. Quem quer salvar a própria vida, perde-a e quem a perde para Deus, ganha-a.

³ Antigo nome de La Valla.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

No dia 2 de janeiro de 1817, João Maria e João Batista começam então a vida marista. No entanto, era necessário ser realista: “Enquanto vocês não ensinarem, vocês não terão salário”.

— Contamos somente sobre Deus que nos transmite tudo por Maria, mas devemos também fazer tudo para ajudar o céu. Vocês dois sabem fazer pregos e eu também. O Pe. Boiron ficará satisfeito em nos trazer os vergalhões da venda de Patouillard, em Gands, a fundição mais próxima. Este trabalho nos dará um dinheirinho. E você, João Batista, peça a seus pais para nos dar algo para pagar a comida.

João Maria interveio:

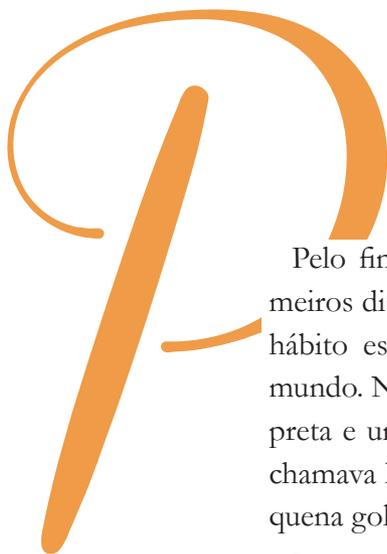
— Eu também tenho um pouco de dinheiro do meu soldo e um pouco da desmobilização, mas a guerra não me enriqueceu. Napoleão perdeu e seus soldados também. Mesmo nossos oficiais recebem apenas a metade do soldo.

O inverno se passou no estudo e no trabalho manual intensos. A vida de oração também se intensificava. Os dois jovens viviam um pouco como eremitas, mas estavam presentes a todas as liturgias da paróquia. Davam também com muito boa vontade uma mãozinha na ornamentação da igreja ou para alguma obra de caridade.



CAPÍTULO 10

Caim
na
arapuca



Pelo fim do mês de março, os dois primeiros discípulos de Marcelino vestiam um hábito especial destinado a separá-los do mundo. Não era uma batina, mas uma calça preta e uma espécie de sobrecasaca que se chamava levita. A isso se juntavam uma pequena gola e um chapéu alto.

Isso teve interpretações diferentes entre o povo. Os Audras, cristãos sérios, acharam que o jovem padre ia depressa demais. Então, João Batista era, para os pais, um caso decidido? Por certo, se ele tivesse ido com os Irmãos das Escolas Cristãs, em Lyon, teria sido a mesma coisa. Mas, enfim, em La Valla, tão perto, parecia uma coisa chocante, e as pessoas não se importavam em lhes fazer observações, o que chateava o pai Audras. Sua mulher procurava fazê-lo refletir: “O que é que você quer? Se João Batista é feliz, nada podemos desejar de melhor”. Mas o pai não estava completamente convencido. Quando chegou o tempo do corte do feno, decidiu que João Batista devia vir ajudá-lo.





Caiu na arapuca

— Escute, João Cláudio, vá buscar seu irmão. Você dirá ao Pe. Champagnat que precisamos dele para a colheita.

— Mas o Pe. Champagnat bem sabe que, na verdade, não precisamos do João Batista. Com uma chacinha como a nossa, é possível dar conta sem ele.

— Não discuta. Você dirá que precisamos dele.

— Bom, vou tentar. Mas o Pe. Champagnat é esperto. Deus sabe com que resposta vou voltar.

Quando João Cláudio chegou à casa Bonnair, seu irmão e João Maria Granjon trabalhavam na horta.

— Você sabe, João Batista, que o pai quer que você volte para casa, para ajudar durante algumas semanas.

— Ah! não!... Não é possível! Nós temos que nos instruir muito depressa para poder dar aula. E agora o Sr. Maisonnave nos ensina o método para fazer trabalhar várias turmas numerosas, numa mesma sala. Depois, temos também bastante tempo consagrado à oração. E quanto à leitura, à escritura e ao cálculo, estamos longe da meta.

Neste momento chegou o Pe. Champagnat, que escutou o final da conversa.

— Então, pelo que vejo, você veio buscar seu irmão.

— Não sou eu que quero, é meu pai.

— Vamos lá. Conheço bem seus pais. É preciso dizer-lhes que não é possível. João Batista começou o noviciado. A vida religiosa é como o casamento: “O homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher”. O religioso se unirá à sua comunidade. Se vocês quiserem, nós três iremos um dia ajudar seus pais, mas depois, não. Não podemos querer matar dois coelhos ao mesmo tempo. E quando os trabalhos pesados tiverem terminado é você que virá aqui conosco, não é verdade?





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

— Eu? Para fazer o quê?

— Para se tornar um bom Irmão. Não é, João Maria? Uma vez que você é um grande amigo de João Cláudio, você não acha que poderia ser Irmão?

— Certo. Ele seria ótimo Irmão.

— Você vê, João Cláudio. Seria bom você pensar nisso.

— Mas o senhor está caçoando, Pe. Champagnat. Eu não sei absolutamente nada!

— Eu também não, interveio João Maria. Eu não sabia nem ler nem escrever. Agora tudo isso entra, pouco a pouco, na minha cabeça. Você dará conta ao menos tão bem quanto eu.

— Mas eu, eu sou feito para os trabalhos agrícolas e é tudo. Vocês acham que sou capaz de dar aula? Lá em casa nem sequer se fala francês.

— Todos aqui, como também em Marlhés, podem dizer o mesmo, mas pergunte a João Maria o que o decidiu.

— O que foi?

— Acho que eu lhe disse alguma coisa no dia de Todos os Santos, porque era tudo muito recente. Fui acompanhar o Pe. Champagnat a Tarantaise, na casa dos Montagne onde morava o tal de João Batista, que morreu aos 16 anos. Você se recorda dele? Champagnat ficou muito tempo com ele, mas quando estávamos de volta, e ele me explicou como preparou o jovem para se encontrar com Deus. Aquilo me impressionou e eu me disse: “Só o Padre pode absolver pecados, mas eu quero passar minha vida formando cristãos prontos a frequentar o caminho dos sacramentos, para se orientarem para Deus”.

Marcelino continuava a capinar. Houve um silêncio e ele se voltou para João Cláudio:





Caiu na arapuca

— Então?

— O senhor quer mesmo que eu me torne Irmão? Ah! Então seria engraçado: Eu, com 23 anos, ignorante como um burro, querer me tornar educador! Sei de muita gente que vai cair na gargalhada quando souber disso!...

— Diga então: quem, por exemplo?

— Oh! Não sei. Por exemplo... não muito longe de nós, no Coin, o rapaz Couturier que eu conheço bem.

— Couturier é um nome que me lembra alguma coisa. Sim, lembro-me. Acho que é um rapaz dos Couturier que tem vontade de vir para cá e ficar conosco. Eu disse à mãe dele. Que ele venha e veja! É assim que Jesus dizia: “Venha e veja!”.

— Não! Não! Eu não me atreveria mais a me mostrar. Ouviria todos dizendo: “Mas o que aconteceu com o João Cláudio Audras? O Pe. Champagnat lhe virou a cabeça. Olhe para ele, com sua levita e seu chapéu alto. Ele se julga importante!...”

— Pois bem. Você deixará o povo falar. Não é possível impedir que falem.

— Sim, mas pense um pouco: meu pai me mandou buscar meu irmão. Pense com que cara vou lhe dizer: “Não somente é preciso renunciar a João Batista, mas também a João Cláudio”. Ele me dirá: “Você está sonhando!...”

— Pois então, você lhe dirá que você não está sonhando. E lhe dirá também: “Eu vou trabalhar por dois, até novembro e mesmo dezembro se quiser. E depois, eu vou com o João Batista, vou me fazer Irmão.”

— O senhor quase me dá vontade de fazer isso. Coisas tão impossíveis parecem naturais para o senhor.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

— Não é natural, é sobrenatural. É impossível aos homens, mas é possível para Deus. Vamos, seu irmão entrou aqui no dia 2 de janeiro deste ano. Seria bom que você estivesse aqui para festejar o primeiro aniversário.

João Cláudio ria e chorava ao mesmo tempo. Apertou a mão de João Maria e de Marcelino. Abraçou o irmão, dizendo-lhe: “Vejo que caí na arapuca. Vejo que virei para o primeiro aniversário”.

Entrou na véspera do Natal deste ano de 1817.

As pessoas de La Valla viram-nos juntos, todos os domingos e festas, na missa, nas completas e em todas as cerimônias da igreja, no mês de Maria, nas numerosas peregrinações que Marcelino organizava em direção a Nossa Senhora de Leytra, onde se rezava à Virgem Dolorosa.

Partia-se cantando o *miserere* e voltava-se cantando as ladainhas de Nossa Senhora. Marcelino cantava bem, e seus discípulos faziam pelo melhor.

Mas, pouco a pouco, fazia-lhes compreender que a verdadeira oração não consistia apenas na recitação de fórmulas, por mais veneráveis que fossem e que os cristãos se transmitiam de século para século. Orações eram também os sacramentos, por exemplo, a eucaristia, esta eucaristia que nos introduz ao contato com Deus, e também a oração silenciosa que, pouco a pouco, lhes ensinaria.



CAPÍTULO 11

Mãos
à obra



M

Mas, voltemos ao passado, para acompanhar os passos de Marcelino, pastor de uma paróquia.

De início, pensou em empregar os meios que a Igreja põe à disposição dos pastores de almas para reaproximar de Deus os que o abandonam. Entre essas pessoas simples, não há verdadeiras reticências com relação à secular prática cristã. Todas as mulheres são cristãs sólidas, praticantes. Todos os homens assistem à missa do domingo. É menos certo, porém, que participem da missa com uma oração profunda. Mas, enfim, há boa vontade e existe o sentido de Deus: “Deus manda e nós obedecemos”.

Quanto ao dever pascal, há menos unanimidade. Certo número de homens não se confessa nem comunga mais. Os menos ignorantes podem ter lido algumas obras dos filósofos do século XVIII que perderam a fé. A isso, acrescentou-se a Revolução, com sua raiva destruidora do culto cristão. Visto que era tão difícil se aproximar dos santos sacramentos, havia mais



uma razão prática que se juntava às razões intelectuais para não mais se confessar.

O hábito está, pois, arraigado em certo número de pessoas: continua-se a ir à missa, para não escandalizar a paróquia, mas os outros sacramentos são abandonados.

Marcelino irá atacar o problema. Primeiro, organiza reuniões, na igreja, para preparar a Quaresma e, nelas, faz rezar muito pela conversão dos pecadores. Depois, em uma dada manhã, passa à ação.

Sabe, mais ou menos, como irá recuperar os que se afastaram um pouco da igreja. Um deles está descarregando estrume. Depois da saudação e um pouco de conversa banal, Marcelino, que invocou o Espírito Santo, encontra as palavras oportunas.

— Diga, papai Fará, o tempo da Páscoa está chegando e é preciso pensar no dever pascal. Eu o vi no outro dia, no enterro do Sr. Frécon, e o senhor me disse que tinha a mesma idade que ele. Então, se Deus o chama, eu tenho medo pelo senhor.

— Mas, meu pobre pároco, deve haver uns 25 anos que eu não me confesso mais. Sou um dos soldados voluntários de 1792. Pense que eu estive em Valmy! É verdade que houve muito heroísmo. Era a fúria francesa. Mas essas vitórias e alguns copos demais, isso nos fazia virar animais. Então nos entregávamos ao massacre, ao roubo, ao estupro, tudo parecia permitido em relação às cidades que nos recebiam mal. Nossos chefes tiveram que reagir. Alguns de nossos companheiros foram mesmo fuzilados para nos ensinar a agir como verdadeiros soldados. Mas que ambiente! Que conversas! E o costume de blasfemar. E todos os ataques contra a religião: “O que é que os padres têm que saber a respeito do que você faz com sua mulher e com as outras? Os direitos do homem e do cidadão já foram proclamados. Que nos deixem em paz!”



Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

Estávamos continuamente em perigo, mas a gente acabava levando essa situação na brincadeira. Veja então: a gente era como que levada num turbilhão. Eu nunca consegui me acostumar com isso, mas me habituei a viver longe dos bons costumes. Eu me dizia como os demais: é preciso, muitas vezes, aproveitar; algumas vezes, então, quando se apresenta a ocasião, a gente aproveita.

Há já um bom tempo fui desmobilizado, mas quase tomei como ponto de honra continuar como soldado que não se submete a ir se confessar. Sou um cabeçudo, se quiser. Eu me casei e vou à missa para contentar minha mulher, mas não observo as prescrições da Páscoa.

— Se bem entendi, parece que você teria vontade de observá-las.

— De certo modo, sim, mas é algo muito difícil.

— Que nada! Você já fez a metade da confissão.

— Verdade? Eu nem me dei conta.

— Você sabe que a Igreja pede ao padre que ponha a estola para confessar, para dar a entender que não é um homem que escuta outro homem, mas é o ministro de Jesus Cristo que quer ouvir e perdoar o pecador. E eu trouxe minha estola. Se quiser completar sua confissão, podemos fazê-lo aqui mesmo.

— Não, não, senhor Padre. Escute: começo a sentir muita vontade de me confessar ao senhor, porque me parece tão compreensivo, mas eu ainda tenho muito respeito humano e, por certo, de um momento para outro, um vizinho aparece por aqui. Se ele me encontrar falando longamente com um padre e, sobretudo se o senhor vai pegar aquele negócio...

— Você quer dizer, a estola...

— É isso mesmo. Nunca terminará de caçar de mim. Se quiser, eu vou vê-lo esta tarde, ao cair da noite. Minha mulher vai ficar feliz!





Mãos à obra

Quando eu me tiver confessado, vou ver o que tenho que fazer para que meus amigos entendam.

— Tenho a impressão que entenderão sozinhos... Há um santo dos tempos antigos, o que chamamos padre do deserto, que dizia: “Estabeleça a paz em seu coração e todo o mundo ao seu redor se converterá”.

— Sim, muito bem! Se o senhor converter o camarada no qual estou pensando, então o senhor será bom de verdade!

— Mas, é você que o deve converter...

Esta preparação para a Páscoa foi notável. O pessoal se acostumou a dizer que era impossível resistir ao Pe. Champagnat. O único meio de escapar era se esconder.

No entanto, não havia proposto uma quaresma fácil. Desde o domingo da quinquagésima que precedia a quarta-feira de cinzas, anunciara:

“Começamos um período de penitência, imitar Jesus Cristo: Ele jejuou durante quarenta dias. Faremos o mesmo, menos nos domingos, pois todos eles, durante o ano, nos recordam a Ressurreição. Mas para os outros dias, vou recordar-lhes o que diz o catecismo:

Qual é o quinto mandamento da Igreja?

Você jejuará nas quatro temporadas e nas vigílias e durante toda a Quaresma.

Jejuar é... tomar apenas uma refeição por dia. A Igreja tolera que se acrescente uma pequena refeição pela manhã.

É um pouco duro, mas como sabem o corpo se acostuma a tudo e é recusando satisfazê-lo que ele se torna menos exigente.

Vocês ainda não estão na época do ano em que têm que fazer trabalhos pesados, como durante o verão, em que é preciso preparar o feno e colher as messes e quando trabalham quatorze, quinze horas





por dia. É duro, mas se não quiserem jejuar, é preciso não cometer pecados. Nós todos faremos isso, e os jovens que não estão obrigados ao jejum, até os 21 anos, estão convidados a pensar na prática de alguma outra penitência para imitar Jesus no deserto.

Vocês sabem também que esses sacrifícios devem lhes permitir economizar alguma coisa, para dá-la aos pobres.

Isso também está muito claro no catecismo:

— *Em que consistem as obras corporais de misericórdia?*

— *Em dar de comer e em vestir os pobres, visitar os doentes e os presos, enterrar os mortos.*

— *A esmola é de preceito?*

— *Sim, todos os cristãos devem dar esmola quando e como podem.*

Durante a Quaresma haverá distribuição de víveres, de roupa e de dinheiro. Não se deve esperar que apenas os ricos deem esmolas. Em geral, os pobres são mais generosos para com os que são mais pobres que eles.

No dia 1º de maio, Marcelino inaugura o primeiro mês de Maria. Irá se servir da tradução francesa de um jesuíta italiano: Lalomia. Faz uma breve leitura, um comentário rápido, reza-se a Maria e canta-se. Os que participam são, sobretudo, os jovens da cidade. Para o ano, ver-se-á como estender isso para os outros povoados.

Providencialmente, ao longo da leitura, Marcelino encontra uma expressão que lhe agrada muito: “Maria recurso habitual”. Não pode se impedir de fazer um pequeno comentário: “Vejam, meus irmãos, há pessoas que têm recursos financeiros, outras que têm dons naturais, outras que são hábeis com seus dedos, outras que têm a palavra fácil. Dessas pessoas se diz que estão cheias de recursos. Mas cada um tem sua especialidade. O ajustador de ossos põe você em pé, mas não lhe peça dinheiro, porque é pobre. Ao rico não adiante





Mãos à obra

que você lhe peça que lhe ponha no lugar o tornozelo ferido. Cada um tem seus limites. Com Maria, é o contrário: Ela socorre todas as situações, é o recurso habitual”.

Por outro lado, Marcelino cada vez mais ia ser ajudado pelos dois primeiros Irmãos que, agora, sabiam ler bastante bem para serem monitores, no catecismo. O jovem Maisonneuve havia definitivamente abandonado o Sardier para lhes ensinar o método simultâneo e abrir, na festa de Todos os Santos seguinte, uma escola com duas salas em La Valla.

Marcelino foi explicar as razões que tinha para isso à família Duvernay, que, desde diversos meses, abrigava um professor e que dele fazia o maior elogio nos povoados dos arredores.

— Eu necessito do Sr. Maisonneuve na cidade, pois preciso formar dois jovens que se destinam a se tornar Irmãos educadores. Ensinar-lhes-á um método que conhece bem. Não pôde aplicá-lo aqui porque o número de alunos é pequeno, mas em La Valla vamos abrir uma escola para todos os meninos, e eu espero ao menos 60, pode ser mesmo 100, se as famílias quiserem fazer um pequeno esforço. Mas vocês, crianças, vou recebê-las no catecismo todos os dias. E se vocês me trouxerem o necessário para o meio-dia, será possível fazê-lo esquentar, e assim vocês aproveitarão a escola: as meninas com as Irmãs, e os meninos com Maisonneuve.

Marcelino ensinava o catecismo antes da aula. As crianças do Sardier o conheciam particularmente bem, pois havia ido visitá-las regularmente. Eram as mais fiéis, e Marcelino as citava como exemplo. “Vejam”, dizia às crianças da cidade, “alguns de vocês moram a dois passos e chegam atrasados. Os do Salto do Gier que ficam a uma hora de distância estão sempre aqui, na hora.”

Uma vez, até chegaram cedo demais. Era em uma noite de lua





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

cheia e esta que desaparecia atrás do monte Pilat ainda banhava com sua luz toda a paisagem. Uma menina acordou cedo demais e pensou que se tratava do levantar do sol. Acordou primeiro seus irmãos e irmãs e depois foi bater às outras portas: “Vamos chegar atrasados, o sol já está se levantando”.

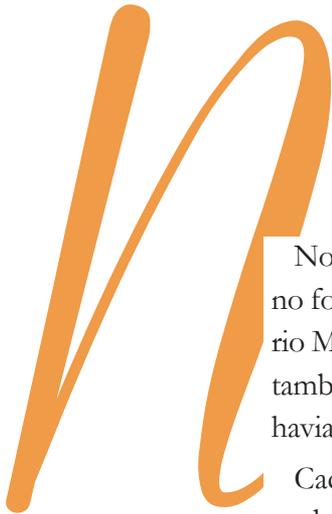
Em menos de dez minutos todos estavam prontos.

Bem que foi preciso perceber que o céu, em vez de se iluminar, recaía na noite à medida que se aproximavam de La Valla. Mas não valia mais a pena voltar para casa. As crianças haviam se esquentado com a caminhada, mas como o vento era frio, encostaram-se contra o muro do cemitério que cercava a igreja. Um tempinho depois, Marcelino chegava para rezar a missa matinal. Ficou muito surpreso ao ver as crianças que logo fez entrar na igreja. Lá, pelo menos, estavam ao abrigo do vento.



CAPÍTULO 12

*A primeira
escola*



No fim do mês de agosto de 1817, Marcelino foi a Lyon para fazer um retiro, no Seminário Maior. Ali, encontrou João Cláudio Colin e também Etienne Déclas e outros entre os que haviam feito a promessa em Fourvière.

Cada um deles pôde contar aos demais onde se encontrava. Colin, em Cerdon, no Ain, conseguira convencer seu irmão mais velho a segui-lo na Sociedade de Maria. O ramo das Irmãs estava também para nascer, visto que duas mulheres de grande solidez espiritual eram esperadas de um dia para outro. Joana Maria Chavoïn estava com 30 anos. A outra, Maria Jotillon, 25 anos, desejava também ardentemente entregar-se a Deus.

Marcelino podia falar do que havia começado em La Valla. Alugara uma casa para seus dois primeiros discípulos. Os dois, formados por um educador e por ele mesmo, logo seriam capazes de ensinar a leitura e o catecismo nos povoados. Depois se veria. Havia duas ou três outras vocações a caminho. Champagnat contava também que Cláudio Courveille acabava de ser nomeado para Rive-de-Gier e que poderiam, de vez em





A primeira escola

quando, se encontrar no meio do caminho em Saint-Chamond. Havia, ainda, o Benoît Journoux, que fizera a promessa de Fourvière, quando era diácono e que acabava de ser ordenado. Estava nomeado para Colombier, no Pilat. Lá, também, seria possível se encontrar.

Por conseguinte, um ano após a separação dos aspirantes, o grão-zinho semeado na terra crescia um pouco.

Mas Champagnat concluía: “Se o grão não morre, fica sozinho, mas se ele morre, dá muito fruto. É preciso preparar-nos a uma série de pequenas mortes e a muitas provações. Nós o prometemos: para fundar a Sociedade de Maria, abraçaremos todas as dificuldades, torturas e sofrimentos e, se preciso for, todos os tormentos, pois podemos tudo naquele que nos fortalece. Deve ter sido o Espírito Santo que nos inspirou estas palavras. Não devemos nos surpreender se elas vierem a se realizar”.

O retiro terminou pela retomada de uma tradição que havia sido supressa pela Revolução: todos os retirantes fizeram solenemente a procissão do Seminário até Fourvière. Fez-se uma parada na Praça de Terreaux, onde a guilhotina matara um bom número de padres e, entre outros, Robert, pároco de Saint-Sauveur. E depois de Saint-Nizier, a procissão atravessou a ponte do Change, passou pela catedral de São João e enfrentou a rude subida de Chemin-Neuf, cantando as ladainhas de Nossa Senhora, em ritmo lento, como convinha para essa subida.

Para os futuros Maristas Colin, Déclas, Champagnat, era uma grande lembrança de sua própria promessa do ano anterior. Por isso, é com muito entusiasmo que cantam um *Te Deum* retumbante nessa pequena igreja de Fourvière, formada por duas alas paralelas, uma dedicada a Maria e a outra a Santo Tomás de Canturbury.⁴

⁴ Desde então, a parte dedicada a Santo Tomás de Canturbury foi bastante reduzida, para deixar lugar à basílica construída depois da guerra de 1870.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

Foi depois pedido a todos um ato de generosidade para poder oferecer como recordação um grande quadro de Maria na sua Assunção. Relembra-se às gerações futuras que em Fourvière, mais do que em outras igrejas, Maria é a Rainha do clero.

Na volta, Champagnat para em Rives-du-Giers, onde o Pe. Courveille acabava de ser nomeado vice-pároco, no dia 15 de agosto. Falou-lhe da casa que alugou. Courveille possuía uma fortuna pessoal e estava disposto a colaborar. Sem dúvida, o homem tinha tendência a se apossar de tudo: muitas vezes, pensava que seus desejos eram a realidade. E esse era o menor de seus defeitos. Champagnat o conhecia bem, mas, apesar de tudo, não é preciso aceitar as pessoas como são?

Courveille propõe comprar imediatamente a casa Bonnair. “Eu pagarei.” Dito e feito. Marca-se um encontro com o Sr. Finaz, escrivão em Saint-Chamond, e no dia 1º de outubro, a casa é comprada por “mil francos — em ouro”.

Durante os dois anos que está em Rives-du-Gier, Courveille se mexe muito, vem, de vez em quando, para La Valla, considerando-se já fundador de tudo o que os outros empreendem, tanto Champagnat, em La Valla, quanto Colin, em Cerdon.

Mas para Marcelino, este 1º de outubro de 1817 é um dia bendito no qual Nossa Senhora do Rosário lhe faz o presente deste berço do Instituto. “Maria, tudo fizestes entre nós.”

Pela metade do mês anuncia, do púlpito, que os catecismos irão recommençar. “Mas, acrescenta, neste ano vamos abrir a escola. Vocês viram que, desde janeiro, João Maria Granjon e João Batista Audras se prepararam seriamente para se tornar religiosos educadores consagrados a Nossa Senhora. O Sr. João Francisco Maison-neuve, que todos conhecem bem agora, formou-os seriamente ao método de ensino.





A primeira escola

É na casa que compramos do Sr. Bonnair e que está acima do presbitério que vamos abrir a escola. O diretor será o Sr. Maison-neuve. Vocês devem saber que no dia 29 de fevereiro de 1816 uma lei do governo estabeleceu comissões cantonais para reanimar a instrução primária. Esta ordem exige que cada município abra uma escola, deixando a iniciativa ao prefeito. É, pois, graças a este acordo de João Batista Berne que nosso município poderá gozar desse grande benefício, tanto para a instrução como para a educação de nossas crianças.

Fique bem claro que a escola do Sr. Montmartin como a escola das Irmãs continuarão. Entretanto, doravante, haverá uma escola para todos os rapazes de 6 a 12 anos e mesmo mais, na qual serão ensinados o catecismo, a oração, a leitura e também a escrita e o cálculo.

Recomenda-se aos pais que encorajem os filhos para que aproveitem desse tempo da festa de Todos os Santos até a Páscoa, mesmo que morem um pouco longe. Entendendo-nos com pessoas da cidade, alguns poderiam almoçar aqui mesmo. Outros poderiam passar a noite também aqui, e só voltar para casa no sábado à tarde. Falo dos que moram mais longe. Os que são muito pobres serão recebidos de graça. Aos outros, será pedida uma pequena contribuição de meio franco ou de três quartos, por mês”.

Inútil dizer que, no fim da missa, todos falavam da nova escola.

— Vocês vão ver o que vai acontecer conosco, os valões, vamos poder instruir nossas crianças como os de Saint-Chamond. Para que vai servir esta instrução?

— Eu, eu passei minha vida toda sem saber ler nem escrever. No entanto, passei bem assim mesmo.

— Ah! Mas, assim mesmo, quando vamos a Saint-Chamond, não somos capazes nem de ler os nomes das ruas. E depois, os anúncios.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

Eu me sinto sempre obrigada a pedir a alguém que me diga o que neles está escrito.

— Oh! Há bem alguém que anuncia os avisos.

— Bom, não discutamos mais tempo. Quanto a mim, minhas crianças irão à escola todos os dias. De Laval estarão a uma hora a pé. Não morrerão por causa disso.

— Quanto a mim, se quiserem ir, não me oporei, mas também não os forçarei. Mas minha mulher pensa como você. Então, o que uma mulher quer...

Marcelino havia saído da igreja e ouvira o fim da conversa. Aproveitou a ocasião:

— Sim, sim, Deus o quer.

E continuou seu caminho para o presbitério.



CAPÍTULO 13

Um
noviciado
em
plena.
vida.
paroquial



Na véspera do Natal de 1817, João Cláudio Audras veio juntar-se a seu irmão. Pouco depois, Antonio Couturier, do povoado do Coin, como também Bartolomeu Badard, filho do sacristão, vieram completar a pequena comunidade.

O pai Badard tinha em alta consideração o jovem padre e, sendo ele mesmo cristão convicto, não encontrava dificuldade em compreender esse ideal, um tanto novo, de religioso não padre que se consagraria à educação.

Também já começava a se entender melhor a necessidade da educação e, embora houvesse as Irmãs de São José que se consagravam a Deus para a educação, por que não haveria Irmãos para fazer a mesma coisa?

Aceitava-se também que era necessário um tempo de preparação para isso, um tempo de noviciado dedicado, sobretudo à oração, aos estudos religiosos, à oração silenciosa, à meditação da Sagrada Escritura. E, além disso, certamente, era preciso ter tempo para aprender a ler, a escrever, calcular, porque todos esses rapagões não sabiam quase nada ao





Um noviciado em plena vida paroquial

se unirem ao Pe. Champagnat. Levantar-se às quatro ou às cinco não era problema, pois, em casa, estavam acostumados a levantar cedo para se entregar aos primeiros trabalhos do dia: limpar a estrebaria, encher de feno o cocho das vacas e fazer uma primeira ordenha. Mas no noviciado, quando já se havia feito a toailete e vestido a roupa, era preciso ir para a sala da comunidade, para uma oração bastante comprida e, depois, passar meia hora em oração silenciosa.

Marcelino, que morava no presbitério, a cem metros da casa dos Irmãos, tinha unido as duas casas com um fio de arame e nele suspendeu um sininho. Cada manhã acordava os noviços, tocando o sininho. Juntava-se depois a eles para a oração e a meditação. Para essa oração, ficava-se de joelhos no chão. Brincando, dizia: “Vocês cairão de menos alto se, por acaso, adormecerem”. Com efeito, a tentação de dormir era uma das dificuldades dessa oração.

Outra dificuldade era de se recordar do tema da meditação. Esse era lido à noite, antes do deitar, mas não era relido na manhã seguinte. Então, muitas vezes havia tido tempo de se evaporar depois de uma noite de sono profundo durante a qual se dormira de um sono só e, certamente, insuficiente.

Mas o Pe. Champagnat queria uma formação sem concessões e sabia que os seus cinco primeiros discípulos não fariam cara feia diante das mais severas exigências.

— Vejamos, João Cláudio, qual era o assunto da meditação hoje de manhã?

— Ah! Padre, o senhor acertou. Foi Deus que o inspirou a me interrogar, para que eu seja humilde, porque eu esqueci completamente o assunto. Bem que eu procurei escavar alguma coisa na minha memória, mas nada!...

— Então, o que é que você fez?





— Pois então, comecei a pensar em São Régis postado diante da Igreja de Saint-Bonnet-le-Froid, de joelhos, fora, em plena noite, pensando em Jesus presente na eucaristia e ficando lá imóvel. E eu me dizia: “Eis alguém que não esquecia o assunto de meditação! Isso o ocupava durante horas”.

— E você se ocupou com isso durante toda a meia hora?

— Sim, mais ou menos todo o tempo.

— Ah! Você fez uma excelente meditação. É assim que deve fazer todas as vezes que esquecer o assunto.

Nesse mesmo ano de 1818, passou-se à etapa das promessas que completavam a tomada de hábito. Não se tratava de um compromisso formal, como com os votos, cuja dispensa dependia da autoridade diocesana ou pontifícia. O compromisso era semelhante, mas pronunciado apenas perante o superior.

Marcelino falara disso com seu amigo e conselheiro João Luiz Duplay que lhe havia dito de prosseguir.

Os Irmãozinhos – como começavam a ser chamados –, à medida que sabiam ler e escrever, mais ou menos corretamente, se encarregavam de uma divisão da aula de Maisonneuve para treinar na aplicação do método simultâneo. O professor principal, por exemplo, dirigia uma aula de leitura, enquanto outro grupo escrevia uma página, e um terceiro aprendia uma lição de catecismo.

Mas os Irmãozinhos iam também aos povoados ensinar o catecismo.

Com um hábito especial, haviam recebido também um novo nome. João Maria Granjon se chamava Irmão João Maria; João Batista Audras pediu para receber o nome de Irmão Luiz, por devoção a São Luiz de Gonzaga; João Cláudio Audras recebeu o nome de Irmão Lourenço. Bartolomeu Badard guardou o nome de Irmão Bartolomeu, e Antonio Couturier, o de Irmão Antônio. Tudo isso tinha





Um noviciado em plena vida paroquial

como finalidade reforçar a impressão de separação do mundo, para os que, doravante, assistissem a seus catecismos: crianças ou adultos.

Eis que percorrem os principais povoados: Luzernod, Le Pinay, Choméol, e que dão, sobretudo, catecismo inspirando-se no que fazia Marcelino, seu modelo.

Este os segue, chega inesperadamente na granja onde está sendo dado o catecismo, fica no fundo, sem fazer barulho, e depois pode dizer o que, de acordo com seu pensamento, foi bem ou menos bem feito.

Mas Marcelino Champagnat, muito impregnado pela doutrina de São Francisco de Sales, sabe que a santidade é um ideal para todos e que é necessário servir-se de tudo para levantar as almas. Sabe, sobretudo, que Jesus quer uma igreja dirigida pelo Espírito Santo e que ela proponha meios ainda válidos no mundo rural de nossos dias.

Nesse ano de 1818, o calendário curiosamente acumulava dias chamados das “Rogações”. No dia 25 de abril, as Rogações de São Marcos. No dia 26, domingo, e nos três dias seguintes, antes da festa da Ascensão, as Rogações propriamente ditas. Era como um sinal de que não se devia faltar a essa grande oração.

Marcelino não era de introduzir inovações. Toda sua educação no seminário era no sentido de grande respeito pela tradição e particularmente da tradição lionesa e vienense, a qual se ligava à primeiríssima cristandade do oriente, por meio de Plotino e Irineu, discípulos de Policarpo de Esmirna, que, por sua vez, era discípulo do apóstolo São João. Conhecia bem o cerimonial romano-lionês, mas também sabia que na paróquia de La Valla não era possível comportar-se como no seminário ou na catedral. Consultou o Pe. Rebod a respeito do que convinha fazer, tendo em conta que, relativamente ao ano precedente, pudera também formar melhor o grupo dos cantores.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

Ficou combinado que no dia 25 se festejaria simplesmente São Marcos, com os fiéis que quisessem assistir à missa, depois da qual se cantariam as ladainhas de Todos os Santos.

Quanto à segunda, terça e quarta-feira, seriam retomadas as procissões que haviam sido um pouco simplificadas. No domingo, 26, que se chamava domingo das Rogações, Marcelino consagrou um sermão para explicar o que ia ser feito nos dias seguintes.

“Vocês todos sabem responder às ladainhas de Todos os Santos *Ora pro nobis* e *Te rogamus, audi nos*, o que significa: Rogai por nós, quando invocamos os santos, e *Nós vos pedimos que nos escuteis*, quando nos dirigimos a Deus. No fundo, é isso que cantaremos enquanto percorremos os povoados de nossa paróquia. Os cantores, comigo, cantarão em latim outras orações indicadas pela igreja.

Essa tradição é muito antiga e nasceu na Gália em nossa região, mais ou menos na época de nosso primeiro rei, Clóvis. Foi um bispo de Viena, São Mamerto, que a instituiu, para substituir, pensa-se, as cerimônias pagãs que se faziam em maio. Na oração das Rogações, pedimos perdão pelos pecados e invocamos todos os santos, para pedir a bênção do céu sobre os frutos da terra.”

Indicava depois que direção tomaria cada uma das procissões nos três dias. No primeiro dia, começaria ao amanhecer, em direção a Leytra e le Pinay. Na frente, iria a bandeira de Saint-Andéol, patrono da paróquia, depois os jovens, dois a dois. Vinham, em seguida, a bandeira da Confraria do Santíssimo Sacramento com os membros dessa confraria, a bandeira da Confraria do Rosário, também com seus membros. Atrás deles, a cruz que era levantada por um coroinha com sobrepeliz e, atrás, os cantores, dois a dois. Depois, os coroinhas, o pároco e o vice-pároco com sobrepeliz e estola violeta, seguidos das autoridades locais. Enfim, os homens e depois as mulheres, duas a duas.





Um noviciado em plena vida paroquial

A procissão durava uma boa hora. Ao sair da igreja, cantava-se a antífona “Levanta-te”. “Levanta-te, Senhor, ajuda-nos e livra-nos por causa de teu nome...” Depois, cantavam-se os salmos de penitência. Montmartin e Maisonneuve conseguiam cantar bastante bem os versículos ímpares. O Pe. Rebod e seu vigário cantavam os versículos pares. As Irmãs e algumas senhoras tinham livros em que se encontravam os salmos e se uniam aos cantores. Todos chegavam juntos ao Glória ao Pai. Aqui e ali, uns galos se intrometiam no canto. Era engraçado e ao mesmo tempo comovente, pois a criação também louvava seu Senhor. E os melros e pintassilgos com seu solo ou com o silêncio admirado diante das invocações da ladainha. Aqui e ali, um latido tímido. Os cantores imperturbáveis estavam chegando à segunda parte.

Marcelino, previdente, disse em voz alta: “A partir daqui, respondemos: *Te rogamus audi nos?*”

Em Leytra e depois em Pinay, havia uma parada durante a qual o povo se dirigia a Jesus, o Cordeiro de Deus, dobrando o joelho.

O padre dizia depois uma oração e aspergia os campos ao redor dele. A procissão voltava depois para a igreja e ali se celebrava a missa.

Muitos chegavam depois que a procissão já havia começado. Outros saíam antes do fim, de acordo com a urgência dos trabalhos, mas todos faziam questão de participar nos três dias dessa oração comum, dessa submissão a Deus que unia profundamente esse povo pobre e humilde.

No segundo dia, a procissão se dirigia para Fonts e Gaize e, no terceiro, em direção à Cruz dos Mortos e Rive.

Marcelino gostava dessas cerimônias cristãs adaptadas ao povo da terra e capazes de elevar sua alma acima do comer e do beber.



CAPÍTULO 14

*Os Pequenos
Irmãos
de Maria.
ensaiam
as primeiras
armas*



O ano de 1818 ia ser marcado por diversos fatos felizes. A primeira comunhão se celebrava no dia 19 de abril, quarto domingo após a Páscoa. Marcelino já havia adquirido certa experiência na preparação imediata desse acontecimento tão importante na vida das crianças. Como a maioria de seus contemporâneos, considerava-a como o término de uma formação cristã, sem dúvida, curta, mas intensa. Quando suas escolas estivessem bem estabelecidas, elas teriam os alunos durante quatro ou cinco meses por ano e apenas por cinco ou seis anos, mas seriam lugares de forte impregnação cristã.

Nos primeiros anos havia até três aulas de catecismo por dia ao menos para os pensionistas e as crianças da cidade. O terceiro catecismo era dado ao cair da noite. Mais tarde, Marcelino, baseado na sua experiência da confissão, podia dizer: “Muitos homens abandonam a prática religiosa porque fizeram más comunhões. Não foram esclarecidos. Tiveram medo de dizer a verdade nas confissões e se habituaram a enganar a própria consciência e, assim que puderam, abandonaram tudo”.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

Consagrava três dias completos a essa preparação, que era feita na capela de Nossa Senhora da Piedade. O pessoal ia para lá, cantando um hino, e o dia todo era um verdadeiro pequeno retiro com um tempo de catecismo, um tempo de oração e um tempo de confissão.

Os que haviam feito a primeira comunhão no ano anterior participavam também desse retiro para preparar a renovação.

E assim se formava um grupo de 80 rapazes e moças que se apresentavam em procissão solene. As meninas estavam vestidas de branco. Os rapazes trajavam as melhores roupas que tinham e todos levavam, na mão, uma vela para proclamar que queriam ser luz de Cristo. Algumas famílias mais ricas haviam comprado uma vela mais grossa. Era preciso aceitar esse gesto de vaidade que, ao mesmo tempo, era um gesto de generosidade para com a paróquia. O clero, com efeito, no fim do dia, recuperava essas velas, conseguindo, assim, uma iluminação bem barata.

Para essa preparação, o Pe. Champagnat havia sido ajudado pelos Irmãos João Maria e Luiz que, assim, se aperfeiçoavam na função de educadores catequistas.

Marcelino lhes dissera: “Quanto mais religiosa for a educação, menos será preciso que seja severa. Se a consciência for bem formada, e a piedade se apoderar do coração, a criança, espontaneamente, obedecerá e cumprirá todos os seus deveres”.

“Vocês veem”, disse ainda naquela tarde, a seus discípulos, “é preciso que vocês não sejam pessimistas. Vocês talvez pensem que poucas destas crianças vão conservar os bons princípios que vocês lhes transmitem, e que a maioria vai deixar se arrastar pelo turbilhão das paixões quando se tornarem adolescentes. A isso respondo que já é um grande bem conservar essas crianças na inocência durante





Os Pequenos Irmãos de Maria ensaiam as primeiras armas

alguns anos, formá-las à virtude e às práticas da vida cristã, dar-lhes uma sólida instrução religiosa e lhes proporcionar a graça de uma boa primeira comunhão.

Mas o fruto do seu trabalho não para ali: as crianças que vocês formaram com cuidado terão conhecido a bondade e o encanto das virtudes. Saberão por experiência quanto Deus é bom, quanto somos felizes quando o servimos. E se mais tarde se transviarem, o retorno à religião é muito mais fácil. Como não encontrarão nos prazeres e bens do mundo a felicidade que esperavam, um dia abandonarão o caminho do vício para reentrar no caminho da virtude”.

Em conjunto, os rapazes tinham 12, 13 anos. Nos anos precedentes, o catecismo foi um pouco negligenciado. Marcelino então se mostrou exigente. Em compensação, havia algumas exceções, em particular a de Gabriel Rivat. Nos últimos dois anos, fizera progressos gigantescos, sobretudo porque frequentava a escola de Maisonneuve. Sabia ler e escrever e sabia de cor todo o catecismo. Melhor ainda, era de uma piedade excepcional. Então, por que fazê-lo esperar? Por acaso, não desejava de todo coração realizar o que havia aprendido:

— “Devemos desejar comungar?”

— Sim, devido aos grandes benefícios que a comunhão nos proporciona.

— Quais são?

— Primeiro, ela nos une intimamente a Jesus Cristo; segundo, diminui nossa inclinação ao mal; terceiro, aumenta em nós a vida da graça; e, por último, é para nós princípio da ressurreição gloriosa e penhor de vida eterna”.

Gabriel, um dia, perguntou ao Pe. Champagnat:

— O que é que impede que eu possa comungar?





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

— Nada. Você fará a primeira comunhão no dia 19 de abril. E depois, o que é que você pensa ser na vida?

— O que o senhor disser, pois essa será a vontade de Deus. E eu desejo apenas fazer a vontade de Deus.

— Você quer fazer como seu irmão João Antônio que está no seminário?

— Sei apenas que quando eu tinha cinco anos, fui com minha mãe a Valfleury e que ela me consagrou a Nossa Senhora. Quando vejo seus cinco Irmãozinhos, eu me digo que se o senhor julgar bom, posso fazer como eles: tornar-me Irmãozinho de Maria.

Essa candura encantou Marcelino. As lágrimas lhe vieram aos olhos.

— Bom, falarei com seus pais.

A festa da Ascensão que caía no dia 30 de abril se aproximava, e Marcelino ia aproveitar dela para lembrar o que havia sido feito no ano anterior e que era preciso melhorar neste ano.

“Amanhã, 1º de maio, todas suas casas vão receber a visita dos cantores do mês de maio e todos vocês vão dar alguns ovos para a grande omelete da tarde. Bem, mas eu gostaria também que vocês pensassem que é o mês da Santíssima Virgem, nossa Boa Mãe.

Aqui na igreja, todos os dias, faremos, como no ano passado, o mês de Maria, às dezenove horas. Vocês já sabem alguns cantos. Aprenderemos outros. Mas o que eu gostaria é que vocês fizessem o mês de Maria em todos os povoados, na hora que for melhor para todos. Escolham a casa que tem a maior cozinha ou uma granja, se o povoado é numeroso. Darei um livro para cada povoado onde houver uma pessoa que saiba ler bem e explicarei a essa pessoa o que deve fazer.

Alguns dos jovens que se preparam à vida religiosa na minha casa poderão ir aos lugares onde não há nenhum leitor e, sem dúvida,





Os Pequenos Irmãos de Maria ensaiam as primeiras armas

não esqueço as Irmãs de São José. Elas também prestarão este serviço, onde for necessário”.

Marcelino foi ver, in loco, o que se passava nos povoados confiados a seus Irmãozinhos. Esses faziam dessa reunião uma mescla de catecismo e mês de Maria. Em um povoado, o Pe. Champagnat ficou decepcionado com a magra assistência que escutava o Irmãozinho Luiz. Queixou-se aos presentes, mas esses puderam responder: “O Irmãozinho Luiz faz muito bem as coisas e nós nos interessamos muito. Mas como a lição estava ficando comprida, as mães saíram levando suas crianças porque, o senhor compreende, os homens em casa estão esperando o jantar”.

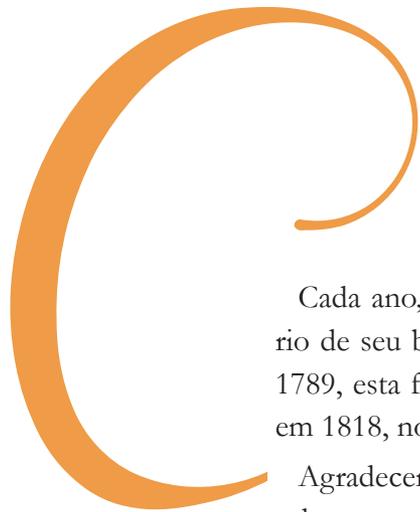
Marcelino achou perfeitamente válido essa desculpa.

Pouco a pouco, esse costume se estendeu a outras paróquias. Como passou a toda a França? O que é certo é que o mês de Maria, praticamente desconhecido nas paróquias francesas antes de 1815, havia se tornado, vinte anos depois, uma forma generalizada de oração e de catecismo.



CAPÍTULO 15

Os Pequenos
Irmãos
de Maria
nas escolas



Cada ano, Marcelino celebrava o aniversário de seu batismo no dia da Ascensão. Em 1789, esta festa caía no dia 21 de maio, mas em 1818, no dia 30 de abril.

Agradecera a Deus desde a manhãzinha e achou que se tratava de um dia propício para ir a Maisonnettes falar da vocação de Gabriel. Queria também entregar-lhe, como lembrança da Primeira Comunhão, o pequeno Mês de Maria, de Lalomia.

Logo depois do almoço, partiu invocando o Espírito Santo, pois se iniciava a novena de Pentecostes: “Não vos preocupeis com o que direis”, esta palavra de Jesus lhe vinha sem parar ao espírito.

Os Rivat tinham terminado a refeição havia pouco e quando bateu à porta, a senhora Rivat estava sozinha.

— Bom dia, padre. Acho que sei por que veio. Gabriel não deve estar longe, mas podemos começar a conversa.

— Pois bem, senhora, devo dizer-lhe que estou perplexo. Estou certo de que Gabriel





é chamado a se entregar totalmente a Deus, mas não tenho razões convincentes para decidir se é no sacerdócio ou na vida religiosa.

— Gabriel nos diz: ‘É o Pe. Champagnat que deve decidir. Eu só quero cumprir a vontade de Deus’. O irmão dele, João Antônio, não lhe fala de entrar no seminário. Não cabe nem mesmo a mim decidir. Eu ficaria orgulhosa, vendo-o celebrar a missa, mas compreendo também muito bem o que o senhor quer fazer com os jovens que está formando e todos me dão muito boa impressão. Conheço bem as famílias Audras e Couturier. Os Badard são seguramente dignos de toda confiança, e meus filhos mais velhos têm a melhor ideia do jovem Granjon que conheceram no exército. Mas quem dá a vocação é Deus.

— Escute, senhora, creio que Gabriel poderia vir para a nossa casa. Tenho meu sobrinho Filipe Arnaud e um jovem de Marlhès, chamado Matricon, que estudam o latim com mais dois ou três. Gabriel seguirá as lições e, em outubro, ele verá melhor.

— Muito bem. Vou tomar o tempo necessário para preparar algumas coisas e quarta-feira eu lho levarei.

E na quarta-feira, 6 de maio, no começo da tarde, a Senhora Rivat tomava, com Gabriel, o caminho do Choméol e chegava à velha igreja. Entrou na capela do Rosário onde estavam o quadro e a imagem que oferecera como ex-voto para rezar um momento: “Nossa Senhora do Rosário, vós me conservastes vivos meus dois filhos. Eu vos ofereço o Gabriel, pois sei que ele mesmo se oferece a vós. Fazei-lhe ver como deve se entregar ao Senhor”. Trouxera algumas rosas que dispôs, da melhor forma possível, em um vaso.

E agora vamos ao encontro do Pe. Champagnat.

Atravessaram com passo ágil os duzentos metros que os separavam do presbitério. Marcelino não estava. Devia então estar na casa





Os Pequenos Irmãos de Maria nas escolas

dos Irmãos, como se começava a dizer. Estava, com efeito, trabalhando na horta.

— Padre, eis-me aqui. Receba este rapaz. Faça dele o que quiser. Pertence a Nossa Senhora, a quem o dei e consagrei muitas vezes.

Mais tarde, essa criança que se tornou jovem escreverá em seu diário: “Doador por minha mãe a Maria, aos pés do altar da capela da Virgem do Rosário, na igreja de La Valla, eu saí do mundo na quarta-feira, 6 de maio de 1818”.

Sem dúvida, a escolha definitiva ainda não havia sido feita, mas Gabriel ia mais ou menos seguir o regulamento dos Irmãos com todas as suas exigências.

No dia 3 de agosto recebia, com uma multidão, o sacramento da confirmação, em Saint-Chamond, e Marcelino aproveitou para lhe fazer sentir a presença do Espírito Santo em sua vida e vocação.

O outono chega e, com ele, novos problemas. O Pe. Alliot faz saber que ficaria bem contente se pudesse dar-lhe dois Irmãos para a sua escola. Assegura que há um lugar e enquanto se prepara um espaço, os Irmãos poderiam alojar-se no presbitério.

O Pe. Champagnat não gosta dessas soluções provisórias que, às vezes, se prolongam indefinidamente, mas, enfim, o Irmão Luiz e o Irmão Antônio irão experimentar. Já ensinaram a leitura, o catecismo e as orações, tanto na escola de Maisonneuve como nos povoados de La Valla. Abram, então, a escola de Marllhes! O Irmão Luiz tem 16 anos e o Irmão Antônio, 18.

O pároco e seu coadjutor acham que são muito jovens para disciplinarem uma turma que pode ser tão numerosa como a de La Valla, mas, de fato, no final de alguns dias, a disciplina dessa escola causa a admiração das pessoas, e o pároco e seu coadjutor se sentem obrigados a mudar de opinião.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

Nesse ambiente, o bem é feito, uma verdadeira educação é dada às crianças, e a obra de Champagnat começa a ser apreciada. Constatava-se não apenas que ele mesmo é o bom educador que se havia conhecido em Rozet, nos anos precedentes, mas que também soube formar outros educadores, mesmo que esses ainda sejam muito jovens.

Em La Valla, o Irmão Lourenço viu seu Irmão mais novo partir para a missão. E ele próprio não poderia fazer alguma coisa? Não dar uma verdadeira aula, mas pelo menos alguma coisa mais modesta.

— O senhor manda muitos Irmãos para os povoados, disse ao Pe. Champagnat, mas há povoados muito distantes, para que se possa ir e voltar cada dia. Há, sobretudo, o Bessat. De maneira geral, são duas horas de caminhada, mas no inverno quando se faz em três horas, é extraordinário. Muitas vezes, nem dá mesmo para passar. Então, o senhor não pensa que alguém poderia se encarregar do Bessat, fazendo como o Maisonneuve quando estava no Sardier, vivendo na casa de um habitante?

— Sim, pensei e mesmo entrei em contato com o Pe. Tardy, que aceitaria alojar um Irmão. Você pensa em alguém para esse trabalho?

— Eu mesmo o faria, se o senhor julga que eu sou capaz.

— Aceito sua proposta, mas vai ser duro!... De qualquer forma, não há ainda um ano que você está conosco. É preciso que termine de aprender a ler muito bem, pois, além do catecismo às crianças, você terá que reunir os adultos muitas vezes, quando não houver padre para a missa do domingo. Para as crianças, será também preciso ensinar-lhes a ler. É a única verdadeira maneira de poder ensinar-lhes o catecismo. Se não houver muita neve, você poderá começar no primeiro dia do ano.

E o Irmão Lourenço fez, a cada semana, sua subida ao Bessat, levando em um saco pão, toucinho, batatinhas e queijo para a semana.





Os Pequenos Irmãos de Maria nas escolas

Três vezes por dia, fazia um sopão. Esse era seu cardápio habitual.

Nas quintas-feiras, descia para La Valla e passava o dia com os Irmãos. E tornava a partir para outra semana.

As crianças e o povo logo o conheceram e apreciaram. Percorria a povoação com uma sinetinha. As crianças se apressavam. Foi encontrada uma grande sala que era possível esquentar um pouco. Montagne, o marceneiro, fizera um quadro negro, e assim, pela primeira vez, esta parte da paróquia de La Valla podia ser verdadeiramente catequizada.

Os adultos, ouvindo o que lhes contavam os filhos a respeito do Evangelho, da Bíblia, da vida dos santos, dos dogmas cristãos, se davam conta da ignorância religiosa que os dominavam. E, aos domingos, as pessoas vinham, com muito gosto, escutar o Irmão Lourenço e rezar com ele, duas ou três horas.

É possível que o exemplo do Irmão Lourenço tenha suscitado a sétima vocação. Vinha de Versanne, povoado situado a cinco quilômetros do Bessat. Chamava-se Estevão Roumesy.



CAPÍTULO 16

Marcelino
vai viver
com seus
Irmãos



Antes da primeira dispersão, o primeiro grupo havia escolhido seu superior, o Irmão João Maria Granjon. Era dotado de caridade extraordinária para com os pobres, de incontestável espírito de penitência, mas tinha ideias pessoais desequilibradas a respeito da perfeição religiosa. Sentia então Champagnat que devia vir morar com os Irmãos. Era verdade que estava muito perto deles, pois morava no presbitério logo abaixo da casa que ocupavam. Por certo, também, vinha muitas vezes rezar com eles, mas não era a vida comunitária integral.

Em novembro de 1818, quando o Irmão Luiz não estava mais lá para exercer uma certa influência pacificadora, Marcelino pensava sempre mais em vir partilhar totalmente a vida do grupo que vivia em La Valla.

Com o Pe. Rebod, abordou a questão de deixar o presbitério. O Pe. Rebod, a princípio, reagiu mal.

— Ir morar com seus jovens, o senhor não pensa! São camponeses rudes. Estar sempre com eles será uma coisa insuportável!





— Já vivo bastante com eles. É verdade que têm alguns defeitos, mas são de uma piedade e de uma virtude que a cada dia me causam mais admiração.

— Bom, admitamos. Mas vou lhe fazer outra pergunta: O senhor usa com relação a mim uma sinceridade que me causa admiração diariamente renovada. Penso, então, que pode me dizer a verdade. Não há no seu pedido um certo desejo de se afastar de mim? Conheço meu grande defeito. Alguns dias não sou capaz de me privar de beber. E mesmo o vinhozinho daqui que chega a sete ou oito graus é suficiente para que, de tarde, eu saia dos trilhos. O senhor teve a bondade de me censurar isso e fez muito bem. Quando estou de sangue frio, reconheço meus erros. O senhor procurou me corrigir ao se servir apenas de água. Mas não sei se cheguei a me corrigir. Então, quando vejo que me pede para ir morar lá em cima, naquela cabana, apesar de tudo, digo: o fato de eu não me corrigir o chateia e ele quer se afastar de mim. Eu acho que eu o chateio também com os versos que são antes rimas do que verdadeira poesia: mas o que quer? É uma mania.

— Então, senhor pároco, posso tranquilizá-lo. Não é para me afastar do senhor que quero ir morar lá na cabana, como o senhor diz. Seria covarde de minha parte abandoná-lo e, de fato, como o senhor recebe bastante bem minhas observações, eu me questioneei se eu não deveria ficar aqui para ajudá-lo a se corrigir desse defeito que, efetivamente, escandaliza bastante as pessoas. Mas como vejo que o senhor aceita muito bem as mesmas observações quando feitas por sua mãe e sua irmã, eu julguei que minha presença constante aqui não seria necessária sob esse ponto de vista. Não, se eu quero ir lá em cima, é porque meus jovens, por mais virtuosos que sejam, precisam ser acompanhados. Eu quis que eles escolhessem um superior e o Irmão João Maria que elegeram é, sem dúvida, o





Marcelino vai viver com seus Irmãos

mais virtuoso. Mas o senhor sabe o que diz Santo Tomás: “Não se deve escolher para superior o mais santo, mas o mais sábio”. Ora, nosso ex-granadeiro fará logo chiar as engrenagens, por sua intransigência. À força de moderá-lo, pode ser que chegue a entender que não deve nem para ele mesmo, nem para os outros pensar numa perfeição ilusória e que o melhor é inimigo do bom... Mas será preciso muito tempo.

— Bom, acredito no senhor. Vá viver com seus Irmãos, mas não me abandone demais...

Marcelino teve a impressão de que a voz do Padre se tornou mais fraca ao pronunciar as últimas palavras e que uma lágrima furtiva escorria de seus olhos. Ele mesmo sentia como que um beliscão e uma inquietação, que procurou espantar dando alguns passos fora da porta. Mas, visto que o acordo havia sido feito, não convinha voltar atrás.

Ajudado por seus jovens, transportou suas coisas nessa mesma tarde. No domingo seguinte, com muita naturalidade anuncia aos paroquianos: “Como o grupo de jovens que se preparam para a vida religiosa precisa mais da minha presença, as pessoas que precisam de minha assistência me encontrarão mais, doravante, na casa dos Irmãos, onde o pároco, muito fraternalmente, me autorizou a ir viver”.

Evidentemente, houve comentários. Mas, pouco a pouco, a situação se tornou normal.

Quanto à escola, Granjon trabalhava cada vez melhor. Podia, se fosse necessário, se encarregar da direção do estabelecimento. No entanto, Maisonneuve não se sentia à vontade, no meio desses noviços fervorosos. Para eles, era o homem do mundo que se realiza na sua profissão e que deseja se realizar no casamento.

No fim do mês de março, foi procurar o Pe. Champagnat.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

— Nosso ano escolar vai terminar sábado, 10 de abril. Fiz todo o possível para bem manter a escola e para formar no método simultâneo os poucos jovens que se destinam a se tornar Irmãos Maristas. Mas essa não é minha vocação e é muito difícil para mim viver no meio deles. Vejo, por outro lado, que eles podem manter, por eles mesmos, a escola. Tenho, pois, a intenção de procurar outro emprego de educador. Conheço o pároco de Saint-Rembert e eu sei que é um município que me empregaria.

As crianças dali são mais filhos de operários do que de camponeses, porque Saint-Rembert emprega uma parte de sua população nas embarcações de navegação sobre o Loire. As aulas funcionam o ano todo. Isso me permite pensar num salário melhor. Não é verdade que é preciso que eu pense em me casar?

O Pe. Champagnat considerou a proposta perfeitamente razoável e ele mesmo não pensava de outro modo. Agradeceu-lhe calorosamente pelos serviços que lhe havia prestado.

— Aliás, dar-lhe-ei um certificado bem elogioso sobre suas aptidões pedagógicas. E, quando quiser, pode começar a tratar do seu futuro. Termine bem este ano escolar. Penso que as crianças e os pais guardarão boas lembranças de você. No domingo de Ramos anunciarei sua partida. Direi que se os primeiros Irmãos o podem substituir, é porque foram formados por você e muito bem formados.

João Maria Granjon tinha toda a autoridade necessária para dirigir a escola, mesmo que sua instrução continuasse fraca. Limitava-se à aula dos principiantes. Estevão Roumezy daria a primeira classe. De qualquer forma, os dois tinham ainda seis meses para se aperfeiçoarem, dado que as aulas começariam em novembro.

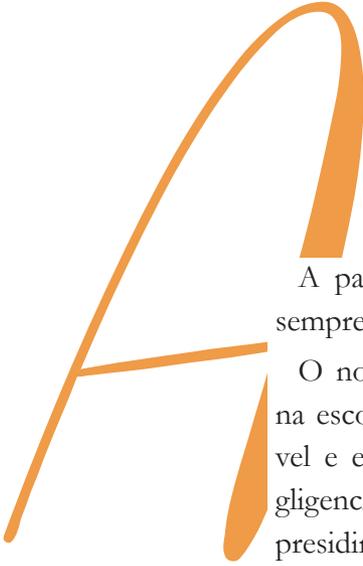


CAPÍTULO 17

*Sem
esquecer
a
paróquia*



Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II



A paróquia continuava a viver uma vida sempre mais fervorosa.

O noviciado inserido na vida paroquial e na escola era, para todos, um exemplo visível e estimulante. Marcelino tampouco negligenciava a formação das moças. Era visto presidir com o pároco Rebod as tomadas de hábito na casa das Irmãs de São José que, em toda a diocese de Lyon, apresentavam um ritmo de crescimento extraordinário.

Muitas moças faziam parte da Confraria do Rosário e, ocasionalmente, Marcelino sabia ser severo com elas, quando procediam levemente.

No púlpito, Marcelino não procurava ter uma linguagem rebuscada. Seus conselhos tinham o tom simples da verdade: “Chegamos ao tempo dos trabalhos pesados: os dias são compridos e os calores acabrunhantes; vocês saem para o trabalho muito cedo e, muitas vezes, voltam apenas de noite. Vocês se cansam, vocês suam o dia inteiro. Oh! quanto vocês podem merecer para o céu, se





Sem esquecer a paróquia

quiserem... Quantas graças Deus derramará sobre vocês, se vocês santificarem suas ações e suas penas!

E o que é preciso para isso? Oferecê-las a Deus. De manhã, unir seus sofrimentos e cansaço aos de nosso bom Salvador. Antes do trabalho e durante o dia, quando se lembrarem, ofereçam seu trabalho a Deus e lhe digam: Meu Deus, quero suportar tudo isso para cumprir vossa santa vontade, imitar Jesus Cristo, expiar meus pecados, merecer vossa graça e o paraíso e para que abençoeis meus filhos e tudo o que é meu... O cuidado de oferecer a Deus vossos cansaços e ações não tornará o trabalho mais duro. Ao contrário, este trabalho lhes custará menos porque vocês o farão por amor a Deus”.

Marcelino nada dizia que não tivesse vivido antes. Por isso, o escutavam e achavam que falava bem. Muitos de seus ouvintes podiam dizer que se servia de frases incorretas, inacabadas, mas esses mesmos ouvintes diriam que o preferiam a qualquer outro pregador.

Sabia dizer as verdades sem usar luvas, mas sabia também tocar outras cordas: “Mães de família, ofereçam a Deus, todos os dias, esta criancinha que vocês levam nos braços; do mesmo modo, consagrem-na todos os dias à Santíssima Virgem. Peçam a Nossa Senhora que suas crianças sejam obedientes, que conservem a inocência de seu batismo, e que salvem sua alma. De tempos em tempos, venham oferecê-las a Jesus presente no Santíssimo Sacramento do altar, peçam ao Divino Jesus, que tanto amou as crianças, que abençoe a sua, para que cresça em sabedoria e graça, como cresce em idade. Desde o momento em que a criança começa a falar, façam-na pronunciar muitas vezes os nomes de Jesus e Maria, ensinem-lhe pequenas orações, ensinem-lhe a recitá-las de manhã e de tarde... Não esqueçam, sobretudo, de lhe inspirar uma grande devoção a Nossa Senhora, acostumem-na a lhe dirigir todos os dias algumas orações e a recorrer a ela com toda confiança em todas as necessidades.





Uma criança assim educada nunca perecerá. O evangelho nos conta que Jesus tomou uma criança, abraçou-a e abençoou-a. Acredita-se que esta criança é São Marcial. Esta única bênção foi suficiente para fazer dele um grande santo e assegurar-lhe a salvação. Vocês pensam que se ele abençoar a sua, todos os dias, ela não se salvará?”

Tudo isso não é arte oratória, é algo que a mãe cristã séria guarda, aprecia e que a satisfaz em profundidade.

Entretanto, um pastor deve estar atento também aos desvios. Marcelino conhecia bem as maldições de Isaías contra os pastores irresponsáveis: “São todos, cães mudos, incapazes de latir. Sonham, gostam de ficar deitados, gostam de dormir” (56,10).

Não, não se atreveria a merecer essa censura. Seria o inimigo implacável dos bailes noturnos, em granjas evidentemente mal iluminadas, e propícias a muita libertinagem. Ele, que ouvia tantas confissões, sabia que havia nisso ocasião de pecado. Contudo, poderia citar mais de um autor não cristão de sua época que via na valsa, então introduzida, um verdadeiro perigo moral. Por isso, reagia de maneira decidida. Sabendo que um baile estava marcado para tal povoado, aparecia de improviso e, nessa sociedade, quase nunca rebelde em relação a um padre irreprensível, provocava a dispersão dos dançarinos. Ter conseguido evitar o pecado era a única recompensa que esperava desse esforço, que nada tinha a ver com qualquer desejo de dominação clerical.

Reagia do mesmo modo contra a embriaguez. Nessa época, as tabernas se multiplicavam nas cidades e nos povoados. Mas em La Valla, pelo contrário, iam se tornando caras, porque nesse tempo de pobreza generalizada a embriaguez de um pai logo reduziria a família à extrema miséria. E Marcelino podia cobrir de vergonha quem provocasse tal infelicidade.





Sem esquecer a paróquia

No entanto, sabia também que uma política repressiva não é a melhor solução. É preciso inspirar gosto por alguma coisa. O canto na escola é um meio de criar gosto por liturgias bem celebradas, e, sob esse aspecto, foi um pioneiro porque introduziu o canto no programa, não como matéria opcional, mas como elemento indispensável de formação.

À medida que há maior número de jovens que sabem ler, é preciso fornecer-lhes leitura. Irá então criar uma biblioteca que lhe custará caro, mas que lhe permite exercer todo um trabalho de acompanhamento intelectual e espiritual e lhe dá frequentes ocasiões de contato com os leitores.

Outro assunto que irá atacar é o das discórdias cujos motivos são, muitas vezes, tão leves quanto pertinazes. Eis que certo dia um tal de João Drever vem lhe confiar um aborrecimento: “Eu era grande amigo de um vizinho meu, João Freycon. Ora, não sei qual foi o diabo que lhe sugeriu de jogar pedras à beira do meu terreno, mas isso se deu. Somos apenas duas casas no nosso povoado de Croix-Sabot e estou certo de que, antes, não havia pedras nesse lugar. Então quando o feno crescer, eu irei cortá-lo nesse lugar e minha alfanje ficará embotada.

Eu lhe fiz notar isso, com delicadeza, mas ele ficou zangado ao ver que eu me tinha dado conta de sua indelicadeza. Encolerizou-se e disse-me que eu estava inventando histórias, que, sem dúvida, tinha sido minha mulher que me esquentou a cabeça porque, com sua língua maligna, era capaz de provocar a guerra entre as montanhas. Isso também me irritou e não fui capaz de resistir, e o chamei de ‘velho martelo’. E, desde então, não nos falamos mais. Tenho a impressão que naquele dia ele tinha bebido um pouco e que agora pode estar arrependido do que aconteceu, mas não sou capaz de dar o primeiro passo para me reconciliar, pois eu lhe dizia a verdade”.





Marcelino refletiu um instante: “Bom, vou lá!”

Vai e diz tranquilamente ao Sr. Freycon:

— Hoje, é o juiz de paz que se desloca. Meu pai tinha essa função, quando eu era pequeno. Vim provar se sou capaz de atuar tão bem quanto ele.

— Foi o Sr. Drevet que lhe falou. Pois bem! Ele me tratou de “velho martelo!”

— Quanto a isso, ele está errado. Mas quem começou a lhe dizer desaforos foi o senhor.

— Mas ele veio me chamar a atenção...

— Porque você jogou pedras no terreno dele. Então, antes de entrar aqui, eu fui examinar o campo e devo dizer-lhe que eu vi pedras ainda cheias de terra, que, seguramente, não estavam lá dois ou três meses atrás. O senhor foi traído pela seca. Como já faz um mês que não chove, as pedras ficaram tais e quais. Acho então que é melhor reconhecer, diante de Drever, que o senhor não tem razão. Ele nada mais deseja do que se reconciliar com o senhor.

Na mesma hora, Marcelino leva Freycon para a casa do vizinho. Como sempre, tem a palavra certa para fazer rir, começa assim: “Passamos por 20 anos de guerra que criaram maus hábitos em nós. Mas agora, é preciso imitar a sabedoria de nossos governantes. O Sr. Freycon pensava que os gaviões do Pilat transportavam pedras como transportam as galinhas, mas ele acaba de renunciar a essa crença”.

Puseram-se a rir e brindaram em honra da paz reconquistada. Tomou-se um vinhozinho das colinas dos arredores, mas tinha realmente o gosto da paz reencontrada.

Marcelino havia feito a paz em sua vida e procurava estabelecê-la também em sua paróquia. A unidade se constrói ao redor da caridade para com Deus e para com o próximo. Exige muitos sacrifícios:





Sem esquecer a paróquia

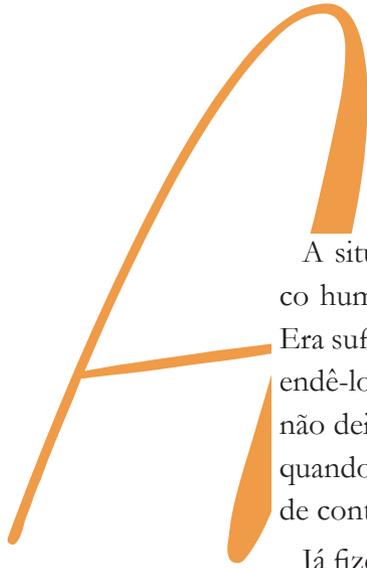
o dos impulsos carnis para construir uma família sólida, ao abrigo da dispersão do desejo; o da gula e embriaguez para conservar uma família pobre na dignidade e no amor; o do orgulho, para reconhecer seus erros e criar relações sociais capazes de resistir às crises e aos passos errados.

E a liga de toda essa ambiência cristã é a relação com Deus, a oração em família, o encontro dominical em torno do altar, e a confissão dos pecados. Eis o que um pastor deve manter, para a felicidade de todos.



CAPÍTULO 18

*O pároco
e o
vigário*



A situação do pároco Rebod era um pouco humilhante em relação ao jovem vigário. Era suficientemente inteligente para compreendê-lo. O demônio da inveja, no entanto, não deixava de fazer seu trabalho, sobretudo quando um início de embriaguez o impedia de controlar seus atos e palavras.

Já fizera alguns desaforos, em público, contra seu jovem vigário. Este, por exemplo, havia introduzido bem tarde, depois do meio-dia, a oração das completas, durante a qual fazia uma leitura ou um sermão que terminavam com o canto: *O crux, ave, spes unica*.

Em um domingo à tarde, por exemplo, o Pe. Rebod chegou atrasado à oração e achando que a cerimônia já se alongava demais, corta a palavra ao orador e entoia o *O crux ave*. Toda a assembleia indignada olha para ele, deixa-o cantar sozinho e quando o canto termina, Marcelino continua tranquilamente o que vinha dizendo.

Outra vez, é durante o catecismo. Marcelino explica que o ministro ordinário da crisma é o Bispo. O Pe. Rebod entra nesse mo-





mento na igreja e, pegando no ar a última frase de Marcelino, grita: “Os padres também podem, com a devida licença, administrar este sacramento”.

Em tais casos, é evidente que o pároco, prejudicando-se a si mesmo, reforçava a afeição que o povo devotava ao seu vigário.

Mas a inveja podia, às vezes, tornar-se maligna apoiando-se em cumplicidades, como, por exemplo, a do escrivão Montmartin. Este, ao ver Maisonneuve deixar La Valla, logo pensou que a escola mantida por Irmãos pouco experientes ia fracassar, mas, muito depressa, teve que se convencer que não era o caso. E então começaram as guerrinhas: “a escola dos Irmãos está roubando meus alunos e logo, logo, estarei na miséria, etc.”

Quando cedia à fraqueza, o Pe. Rebod nada mais desejava do que ouvir críticas a seu vigário. Nas reuniões eclesiais de Saint-Chamond, quando se tocava no assunto, Champagnat era o pequeno orgulhoso que, em tudo, segue sua cabeça, abre escolas sem a autorização regular, que torna pobres educadores de mérito, etc.

Mas Deus não abandonava seu servo. Na paróquia de Notre Dame de Saint-Chamond, o jovem Pe. Journoux o avisava do que se dizia dele. Na igreja de São Pedro, o pároco Dervieux recebia, vez por outra, o Pe. João Luiz Duplay. Ignorando que Marcelino o havia escolhido como diretor espiritual, de vez em quando, manifestava sua cólera contra este Champagnat que atuava como franco-atirador, não se importando com nenhum regulamento diocesano...

Marcelino soube então, por Journoux e por Duplay, das críticas de Montmartin. Foi ao encontro de seu pároco: “Sr. pároco, parece que roubamos os alunos de Montmartin e que o reduzimos à miséria. Então, por favor, dado que o senhor o encontra muitas vezes, pergunte-lhe se pode indicar um só aluno que tenha passado





O pároco e o vigário

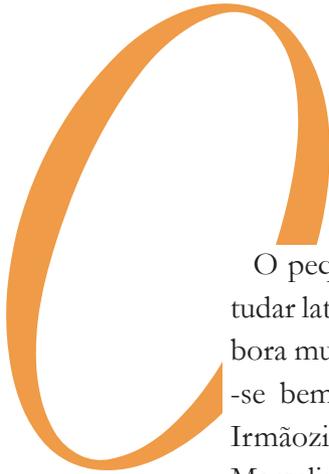
da sua escola para a dos Irmãos. Pode também ir à nossa escola e perguntar aos alunos se um só deles tinha estado antes com Montmartin. Se o senhor constatar que essas perguntas são respondidas negativamente, será necessário torná-lo público, porque por nada no mundo eu queria prejudicar a alguém. Eu simplesmente quis estender ao maior número possível de crianças o benefício da educação cristã, mas tomei o maior cuidado para fazê-lo, respeitando o que já existia de bem”.

Nessas circunstâncias, Rebod reconhecia seus erros. Entretanto, era necessário estar preparado para outras recaídas.



CAPÍTULO 19

*Recrutamento
entre
os
antissociais*



O pequeno Gabriel Rivat continuava a estudar latim, mas já havia feito sua opção. Embora muito mais jovem que os outros, sentia-se bem no noviciado e decidira se tornar Irmãozinho de Maria. Do mesmo modo que Marcelino o havia recebido para a Primeira Comunhão com dez anos, ia lhe dar um hábito e um nome de Irmão na idade de 11 anos. Nunca esse filho de predileção oporia qualquer coisa a essa proposta que lhe era feita. Pedira apenas para se chamar Irmão Francisco, porque sua mãe se chamava Francisca e que via nela a iniciadora dessa escolha que Deus fazia dele melhor do que ele de Deus.

A cerimônia de vestição se realizou no dia 8 de setembro. Quando o novo Pequeno Irmão foi visto vestido como um adulto, exercendo uma função semiclerical, o fato provocou comentários e risos. Mas também dessa vez o pessoal se acostumou: “O Pe. Champagnat vai um pouco depressa; mas parece que esse pequeno Rivat é inteligente e, quanto à piedade, ele tem em quem se apoiar”.



Via-se também que a casa dos Irmãos estava abrigando muitas crianças indigentes. No entanto, Marcelino notava também que a colocação em famílias, dos alunos que vinham de longe, não era uma boa solução. Aumentou então sua casa que se tornou um pequeno internato. E pôde acolher com seus internos alguns órfãos. A partir do ano escolar 1819-1820, havia 12 alunos, totalmente desprovidos de recursos.

Nesse caso também, a primeira reação do Pe. Rebod foi de oposição e crítica. Mas muitas pessoas se declararam prontas a ajudar. Mulheres se encarregavam de fazer a toailete dos mais sujos entre os órfãos, e, sobretudo, de lhes lavar a cabeça quando tinham piolhos.

Chegavam doações mandadas por ricos e pobres. De vez em quando, havia pedidos de ajuda, precedidos de uma pregação sobre a necessidade da esmola. “São João Crisóstomo, no século IV, o grande Bourdaloue, no XVII, não faziam um só sermão, sem falar da esmola. Vocês aceitarão, meus queridos irmãos, que eu fale dela vez por outra, porque sempre serão os pobres que ajudarão os mais pobres. Vejam: faz pouco, estava em Lyon e ali me contaram o que uma jovem de 20 anos faz para as missões. Pede aos operários e operárias que reservem um centavo por semana para as missões. Pode ser que um dia falemos das missões, mas, por agora, há necessidades entre nós, aqui mesmo. Fazer com que muitos indigentes possam viver, alimentar-se, vestir-se. Nós temos alguns deles lá em cima em nossa casa, e as Irmãs também têm na casa delas”.

Os paroquianos davam o que podiam. Mas também nisso achava-se meio de criticar Marcelino: “Desvia todo o dinheiro das esmolas para os rapazes e nada sobra para as meninas”. Vinha a saber disso indiretamente. Mas então sacudia os ombros e dizia: “É preciso que lhes conte a fábula do *moleiro, seu filho e o burro*. Se eu tivesse dado muito para as meninas, haveria outras insinuações.



Recrutamento entre os antissociais

Finalmente, não nos queixemos....”.

Os pobres eram sua grande preocupação. A senhora Rivat pediu-lhe um dia que fosse visitar uma pobre viúva que morava ali perto de Maisonnettes, em Rivoire.

“A pobre Joana Berne não aguentará muito. Era uma moça solteira que teve um filho de sabe lá Deus quem, que se tornou um pequeno moleque. Oh! Sim, tem bom coração, cuida de sua mãe, mas é ainda muito pequeno. Deve ter uns oito anos. Mendiga para ele e para ela que tinha conseguido se casar com um Tamet, com o qual teve uma filha, mas, desde que adoeceu, foi por ele abandonada, e Deus sabe onde o marido está agora! Levou embora a menina.”

Marcelino foi ver a pobre. Era, de fato, a pobreza total. João Batista, a criança, lá estava, em um canto. Não dizia nada.

— Você ama muito sua mãe?

O menino se contentou em fazer sinal que sim.

— Então, vá buscar lenha seca. Vamos acender o fogo porque sua mãe precisa se esquentar.

A pobrezinha tossia. Via-se bem que, debaixo de uma miserável coberta, não conseguia se esquentar. Era começo de janeiro de 1820. Era preciso organizar o socorro para essa pessoa infeliz.

Marcelino foi até Maisonnettes e pediu a Joana Rivat, irmã de Gabriel, se podia cuidar da doente e cozinhar alguma coisa. O pequeno João Batista devia chegar com a lenha, de um momento para outro.

Nos dias seguintes, de acordo com seu costume, Marcelino moveu céu e terra. Para a doente, conseguiu uma acompanhante durante o dia e outra durante a noite. Fez levar-lhe lenha, pão, manteiga, queijo, cobertas. Conseguiu mesmo convencer um médico de Saint-Chamond a lhe fazer gratuitamente uma visita. Mesmo





assim, a doente não resistiu, mas teve a consolação de ver tanto amor ao redor dela, nas últimas semanas. Morreu no dia 25 de janeiro de 1820.

Quanto ao menino, um camponês o quis receber e empregar como pastor, a partir da primavera. Mas não dava satisfação. Fugia e voltava apenas quando tinha fome. Prestou algum serviço para a colheita do feno e outras colheitas como a da batatinha, mas seu patrão, um belo domingo, foi ter com Champagnat:

— Fizemos o possível, mas não podemos fazer mais do que isso. Eu tenho dez bocas para alimentar e o João Batista Berne (tinha o nome de sua mãe), creia-me, não colabora.

— Está bem, agradeço-lhe de coração tudo o que fez; creio que agora cabe a nós fazer alguma coisa.

Quando chegou em casa, expôs a situação.

— Vamos pegar mais um órfão, a criança cuja mãe morreu no começo deste ano. Temo que não seja uma criança fácil. Será preciso rezar e ter paciência.

Desde o início, o rapazinho resolveu não falar com os companheiros e nem com os Irmãos. Era um pequeno selvagem, que não se submetia pôr-se em fila, recusava-se a comer. Via-se que espreitava uma ocasião para fugir. E encontrou-a logo. Foi procurado. João Maria o censurou. Falou-lhe seriamente. Submeteu-se a entrar nas filas e no refeitório parecia mais feliz: comeu de tudo. A fome o devia torturar. Mas se recusava a falar.

No dia seguinte, o que iria fazer na aula? Na aula de leitura, conseguiram arrancar-lhe algumas sílabas, mas via-se que estava perdido e não compreendia o que se lhe pedia.

Seria idiota? Era difícil julgar. Entretanto, não era o que havia dito dele o camponês que o recebera.





Recrutamento entre os antissociais

Na tarde do segundo dia, fugiu de novo. “Perdemos tempo com esse rapaz.” Foi pego uma segunda e depois uma terceira e quarta vez. Mas, dessa vez, o Irmão João Maria disse a Champagnat:

— É a última vez que perdemos tempo com ele. Prefere mendigar antes que se submeter a um mínimo de disciplina. Seu coração está viciado. Só pode se tornar um vagabundo. Não temos nenhuma autoridade sobre ele. Experimentamos tudo: severidade, bondade. É preciso abandoná-lo à sua triste sorte.

— Experimentem mais uma vez e se vocês não quiserem prolongar a experiência, Deus dará a outros a incumbência de se ocupar dele. Pois é impossível que Deus se resigne a entregar alguém à sua triste sorte, como você diz. Sim, outro receberá a graça de o acolher e também a recompensa. E vocês, vocês terão perdido essa recompensa.

Os demais Irmãos estavam de acordo com João Maria, mas, enfim, experimentaram colocar toda a boa vontade para criar um clima de afeição para o órfão.

Marcelino lhe disse:

— Sua mãe morreu como uma santa. Estou seguro de que ela reza por você e que ela vai ajudá-lo a tornar-se bem comportado. E sabe que você tem outra mamãe?

— Não é verdade. Não tenho outra mãe!

— Oh! Que maravilha! Você fala? Eu ainda não tinha ouvido o som de sua voz. Pois bem, visto que você fala, talvez vamos conversar.

Falou-lhe de Nossa Senhora com o tom convicto que lhe era próprio. O menino escutava.

No fim, disse:

— Vamos, João Batista. Agora você conhece alguns companheiros. Você já não tem mais medo de ir com eles. Você quer experi-





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

mentar fazer como eles: entrar na fila, responder quando pedirem para você ler?

— Sim.

Experimentou. Não era nada bobo. Passou a se interessar sempre mais pelo catecismo.

— Poderei fazer a primeira comunhão?

— Quando tiver doze anos se você se comportar bem e se souber bem o catecismo.

Fez não apenas a Primeira Comunhão, mas depois pediu para ser Irmão e, de fato, se fez Marista.



CAPÍTULO 20

*A visita
aos
doentes*



O caso de Joana Berne não é o único. Marcelino sabia muito bem que quando o chamavam para um doente grave, era que já se tratava de um caso perdido. Muitas pneumonias e pleurisias eram fatais. Hérnias e apendicites também. A tuberculose – a história do romantismo o testemunha – era a doença do século.

Marcelino estava disposto a enfrentar todos os perigos para dar assistência a um moribundo.

— Badard, é preciso vir comigo esta tarde, para o lado de Laval. O pai Farat está morrendo.

— Pois bem, com esse já são três enterros.

— Há mais dois mortos? Eu nada sei a respeito disso.

— Não! É que haverá o seu morto e depois nós dois. O senhor viu essa neve? E esse vento que corta o rosto e impede de enxergar a cinco passos? Como pensa achar os caminhos?





A visita aos doentes

— Não posso lhe impor tal expedição. No entanto, os regulamentos eucarísticos pedem que o padre que leva o Santíssimo Sacramento seja acompanhado por um clérigo, mas não a ponto de expor a própria vida. Portanto...

— Portanto, eu o acompanho! Ficaria com vergonha, diante de meu filho, se eu não enfrentasse esse risco.

— Pois então, vamos!

De fato, falando em expedição, essa era uma delas. A neve era bastante espessa para fazer desaparecer qualquer sinal de caminho. Na ida, ainda havia a luz do crepúsculo. Era possível adivinhar um pouco a direção. Mas na volta, não se distinguia mais nada! O pai Badard conhecia a região e andava bem, mas em um certo momento, sentiu que o solo lhe escapava debaixo dos pés e escorregou em uma represa cheia de água. O Pe. Champagnat apenas consegue pegá-lo pelo braço para salvá-lo do passo em falso, mas ele está molhado até os ossos. Felizmente, falta apenas um pequeno percurso: a subida desde Ban até a Cruz dos Mortos será percorrida em ritmo de marcha forçada, com algum tombo aqui e ali.

Chegando ao presbitério, Marcelino dá logo ao seu sacristão roupas para que se sinta bem. Prepara-lhe um chá generosamente aromatizado.

— Não diga nada à minha mulher. Ela ficaria amedrontada. Eis as chaves para abrir a igreja amanhã cedo. Eu ficarei na cama, bemquentinho, para não apanhar uma pleurisia. O senhor me levará minhas roupas quando estiverem secas. Minha mulher nada adivinhará do que aconteceu. Vou dizer-lhe que eu suei muito e que o senhor me emprestou o necessário para me trocar.

— E é verdade, pois, apesar do frio, suamos muito na marcha forçada do último quilômetro.





No dia seguinte, um pouco depois da missa, Marcelino foi à casa Badard e fingiu estar surpreso:

— Olá! Eu o encontro na cama! Você está doente? No entanto, algumas horas atrás eu o deixei de saúde perfeita.

A senhora Badard sorria e o doente se pôs a rir:

— Não faça mistério! Minha mulher me arrancou o segredo. Eu tive que contar tudo. Mas reze para que meu banho frio não me faça ficar doente. O senhor me prometeu que Deus nos protegeria, mas qual o quê!

— Eu lhe repito mais uma vez: Deus cuidará de você. Ele o fez passar pela água e agora o faz passar pelo fogo. Vejo, senhora, que preparou um chá. Deixo-lhe essa aguardente de Marlhes, para a aromatizar.

Decididamente, nesse inverno estava escrito que Marcelino devia arriscar a vida por suas ovelhas. Chamaram-no para o povoado de Palais, o mais afastado da paróquia. A senhora Ana Parrel estava gravemente doente. Um vizinho tinha vindo no fim de uma tarde avisar o presbitério.

— Eu prometi avisá-lo, mas eu não volto esta tarde. Tenho primos aqui e vou dormir na casa deles. O senhor sabe onde se encontra Palais?

— Sim, tive oportunidade de passar por lá.

Badard estava atarefado com a preparação do presépio, pois Natal estava perto. Sabia-se que estava preocupado.

— Fique tranquilo, Badard, não vou pôr em perigo sua vida outra vez, pois o tempo, hoje, está pior do que no dia do seu banho.

— Mas isso significa que o senhor vai?

— Por certo, para mim está claro qual é meu dever!





A visita aos doentes

— Mesmo se o senhor tiver 50% de possibilidade de morrer?

— Mesmo nesse caso.

Com efeito, não havia ninguém fora de casa. Um vento furioso transportava turbilhões de neve e o ar estava cheio dela, de tal modo que se ia adiante como que mergulhado em uma nevasca. Em vez das duas horas normais, Marcelino levou quase quatro para chegar à casa.

Mas o Senhor e a Virgem Maria o haviam guiado bem, sem, no entanto, preservá-lo de algumas quedas.

— Oh! Como lhe agradeço, padre, disse a doente ao vê-lo. Com o senhor, eu vou me embora acompanhado por todos os sacramentos: penitência, viático, extrema-unção. Como me sinto feliz!...

Champagnat teve o tempo de confessá-la e de lhe administrar os dois outros sacramentos que a fortaleceram para sua entrada na vida eterna. Apenas terminada esta liturgia, ela dava o último suspiro.

Enquanto arrumavam a defunta, Marcelino aceitou um copo de quentão. Ainda não era meia-noite. Devia afrontar de novo uma noite ameaçadora e, bem entendido, com a rigorosa lei do jejum eucarístico, era questão de não comer nada, seja lá o que fosse antes da celebração da missa.

Lançou-se na borrasca com o coração tão leve quanto o de Maria quando corria para a casa de sua prima Isabel. Caiu ainda diversas vezes, mas estava certo da proteção de Deus. Cantava seguidamente o *Magnificat* e o *Te Deum*. E contra a neve que cegava, ele gritava o hino de Daniel:

“Vós geadas e orvalhos, bendizei o Senhor,
Vós gelo e frio, bendizei o Senhor,
Vós gelo e neve, bendizei o Senhor”.





Quando chegou, o Pe. Rebod e o Sr. Badard o esperavam meio sonolentos. Cada um deles tinha dormido em uma poltrona, despertados, de vez em quando, pelo gemido do vento que tentava imitar o estertor dos moribundos.

— Pois bem, vocês veem que eu não morri! Estou mesmo mais vivo do que nunca. Vocês não sabem o que é sentir o Senhor que nos guia e que impede uma alma de ir-se embora, para confiar-nos este envio. Nunca compreendi a palavra de Maria: “Eu exulto” como nesta noite. Sim, obrigado, meu Deus, obrigado, Boa Mãe!

Outra vez era questão de ir para os lados do Bessat onde estava à morte a senhora Madalena Morel. A pessoa que tinha vindo avisar o Pe. Champagnat estava cansada e não conseguia acompanhar o padre com um passo tão decidido. Quando chegaram a Luzernod, pediu desculpas. Entretanto, não era possível parar. Então, sem pestanejar, Marcelino o tomou nas espáduas e o carregou até que se encontrou bastante longe uma casa hospitaleira, na qual foi possível parar um pouco e encontrar as forças para acabar o percurso.

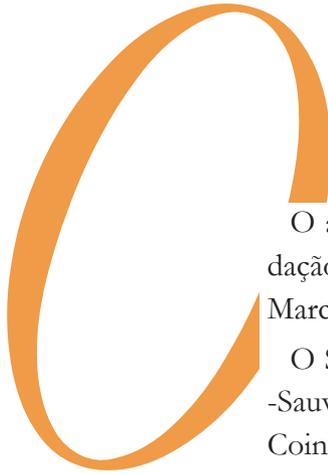
Em todos esses casos, a motivação é evidente: para um santo como Champagnat, a salvação de uma alma é muito mais importante do que a salvação do seu próprio corpo.

Contudo, a saúde do corpo não é negligenciada por isso. Um velho chega enrijecido de frio na igreja e vai se sentar ao lado das crianças do catecismo. Marcelino o conhece e o deixa ficar. Porém, terminado o catecismo, vê que o velho procura se mexer, mas não o consegue. O que está acontecendo? Tem as pernas quase geladas. Procura mantê-lo em pé, fazê-lo andar. Inútil! Então, pega-o nas costas e o leva ao presbitério. Procura um quarto e uma cama bem quente e cuida dele durante três dias. Depois disso, o velho recobrou o uso das pernas e pôde voltar para casa.



CAPÍTULO 21

O zelo
e a
perseguição



O ano de 1820 foi também o ano da fundação de Saint-Sauveur, um município que Marcelino conhecia bem.

O Sr. Colomb de Gaste, prefeito de Saint-Sauveur, tinha um castelo no povoado de Coin, pertencente a Marlhes.

Conhecera muito bem João Batista Champagnat, no período da Revolução. Mas o que ele via agora eram os discípulos de seu filho Marcelino Champagnat. Admirava-os na missa aos domingos.

Era incrível o que conseguiam fazer com as crianças. Elas se comportavam bem, cantavam bem. Em uma palavra, edificavam o povo.

Falou disso com o Pe. Soutrenon, pároco de Saint-Sauveur. “O senhor deveria pedir Irmãos ao Pe. Champagnat, pois os de Marlhes, realmente, dão a melhor das impressões. Se quiser, eu mesmo faço o pedido. Como não me faltam ocasiões de ir para Saint-Chamond, passarei em La Valla.”

Marcelino aceitou e, na festa de Todos os Santos de 1820, a escola foi aberta com o Ir-





O zelo e a perseguição

mão Bartolomeu e o Irmão João Francisco. Na verdade, com isso esvaziava a casa de La Valla, mas o bem não pode esperar.

Para os detratores, isso juntava uma pedra a mais em sua aljava. “O que significam todas estas fundações? Realmente, Champagnat se crê e quer ser tido como fundador!... A lei prevê que o prefeito e o pároco se ponham de acordo para assegurar o ensino primário nos municípios, mas não significa que um padre possa se pôr a fornecer professores para vários municípios dos arredores.”

O pior era que o pároco de Marlhès, que se beneficiava da primeira escola e sabia que Marcelino estava fundando uma congregação, evitava com cuidado de lhe mandar alguma vocação. Depois de ter achado que os Irmãos eram muito jovens, depois de ter sido obrigado a constatar que davam muito bem as aulas, continuava a pensar e a dizer que esta fundação não era sólida.

Por outra parte, em La Valla, João Maria se mostrava cada vez menos flexível. Portanto, se outras vocações viessem, não era a ele que se poderia pedir para formá-las. Marcelino não hesitou. Pediu ao Irmão Luiz para voltar a La Valla e mandou o Irmão Lourenço para substituí-lo em Marlhès.

O Pe. Alliot ficou aborrecido e tentou desviar o Irmão Luiz de sua vocação, não hesitando em criticar o Pe. Champagnat. Mas não logrou nenhum resultado: “Aqui o pessoal gosta de você; fique aqui e eu cuidarei de você e do seu futuro”.

— Desculpe, padre, mas até agora, por certo, o senhor não cuidou de nossa saúde porque sua escola teria necessidade de reparações importantes para se tornar habitável. Em todo caso, meu dever manda, eu devo obedecer.

Mas Champagnat atraía ainda, bem inconscientemente, outros motivos de crítica. O comitê de instrução de Saint-Chamond, presidido





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

pelo Padre Cathelin, Diretor do Colégio da cidade, criticava todos os padres que ensinavam latim no seu presbitério. Pensava que essa era a razão pela qual o colégio de Saint-Chamond possuía um número irrisório de alunos. De qualquer forma, os padres que ensinavam latim deviam pagar uma quota aos colégios para compensar o prejuízo que lhes causavam. E Champagnat não pagava.

E agora fundava escolas aqui e ali sem pensar em pedir autorização. Realmente, era preciso reagir contra tantas irregularidades!

Marcelino, mais preocupado em salvar almas do que estar na legalidade, não percebia essa tempestade que crescia acima de sua cabeça. Recebeu um dia uma carta que lhe foi entregue pelo carroceiro Boiron. “Foi seu amigo Journoux que me deu isso. Eu achei que era confidencial.”

De fato, o Pe. Journoux, pároco de Notre Dame, que havia participado da reunião do Comitê, comunicava-lhe que se decidira aplicar contra Marcelino um aviso severo que lhe proibia de exercer seu ministério sacerdotal por um tempo indeterminado. Journoux lhe pedia que queimasse a carta, pois não queria ser descoberto como cúmplice de Champagnat, aparentemente em estado de desobediência flagrante.

O choque foi duro: “Entregar-se totalmente às obras de Deus para terminar na mais terrível das punições: não ter mais o direito de exercer o sacerdócio?!”

Deu um jeito de se informar com Journoux a respeito do que censuravam nele:

— É. Sobretudo, a questão do latim. Se o senhor continuar a ensinar, será preciso pagar uma quota.

— Nesse caso, disse, vou parar de ensinar, pois, para mim, é uma terrível sobrecarga.





O zelo e a perseguição

Sei também que me recriminam o fato de fundar escolas fora de La Valla, por exemplo, em Saint-Sauveur. Foi a pedido do Sr. Colomb de Gaste que o fiz. Ora, este senhor era advogado em Saint-Chamond, antes da Revolução. Então, ele deve ter conhecido muito bem o Pe. Dervieux. Seria então preciso que eu fosse explicar a este que eu fundei a pedido do Sr. de Colomb. Sim, vou tomar minha coragem com as duas mãos e vou me explicar lealmente com o Pe. Dervieux e, depois, irei até Lyon. Lá, perguntarei qual é a vontade de Deus e, custe o que custar, eu a cumprirei.



CAPÍTULO 22

*Novas
dificuldades*



M

No dia do ano-novo de 1821, o Irmão Lourenço foi encarregado de substituir seu Irmão, em Marlhès. Acostumado no Bessat com um grupo de alunos relativamente pequeno, e sem programa bem definido, tinha medo de enfrentar um conjunto escolar de duas classes. Mas isso não importa, ele iria.

— Confio-lhe, diz-lhe Champagnat, o Irmão Gabriel. Não posso continuar a dar-lhe lições de latim. Sou obrigado a deixar de dar essas lições, pois estou sendo gravemente ameaçado.

— Como? É coisa ruim ensinar latim? Eu nunca o teria pensado.

— Não falemos mais disso. Você ensinará ao Irmão Francisco a fazer boas sopas para os Irmãos e para os semi-internos. Esses são numerosos, e o senhor deve pensar que os alunos dos povoados não podem almoçar em casa. Depois do meio-dia, ele se ocupará com os alunos mais fracos. O Irmão Antônio pode dar a aula do primeiro ano. Ele leva muito bem os alunos e os pais estão satisfeitos.





Na véspera de São Silvestre, era possível ver dois Irmãozinhos que subiam a Barbanche. A terra estava recoberta de uma tênue camada de neve. Haviam feito uma breve parada em Péorey e depois em Maisonnettes para saudar suas famílias, e a senhora Rivat preparara um presentinho de ano-novo para o pequeno Gabriel: um par de sapatos novinhos, que pareciam lhe servir maravilhosamente bem.

Com efeito, tudo foi bem até Tarantaise. À medida que continuava, Gabriel começou a sentir que o calcanhar lhe doía, que se formava uma bolha d'água. Quando chegaram à ponte do Furan, ele não sabia o que dizer. Nunca poderia andar até Marlies.

O Irmão Lourenço era um homem decidido.

— Vamos, suba nos meus ombros. Você segurará nossos dois sacos e eu o carregarei. Não foi por nada que eu subi o Bessat durante dois anos. Meu saco de alimentos pesava menos, mas aqui o terreno é quase plano. Nós chegaremos.

Falando a verdade, quando chegaram a Saint-Genest-Malifaux, o Irmãozinho estava se tornando pesado nas espáduas de seu São Cristóvão. Mas lá encontraram um carroceiro para chegar até Marlies.

A recepção na casa do pároco foi das mais frias:

— Então você é o novo professor? Eu o vi entrar na igreja com seu companheirinho. Quanto à piedade, estou então seguro.

— É um princípio de nosso Padre Champagnat: a primeira visita é para Jesus e Maria, a segunda, para o pároco, e a terceira, para a escola.

— Está certo, mas o seu Champagnat me trata de uma maneira que não admito. O Irmão Luiz, parece que você é irmão dele, atuava muito bem aqui, e ele o troca por razões que não convencem.

— Quanto a isso, senhor pároco, não sei que motivos ele tem. Eu, simplesmente obedeco, como, aliás, fez meu irmão. Certamen-



te, não farei tão bem como ele, mas farei o melhor que puder.

— E o que vai fazer este Irmãozinho? Acho que ainda não fez a Primeira Comunhão.

— Já, já, senhor pároco. O Pe. Champagnat me fez fazer quando eu tinha dez anos.

— Dez anos?! Não é permitido. Esse seu Pe. Champagnat faz o que lhe passa pela cabeça. E agora, quantos anos tem?

— Doze e meio.

— E o que fez entre a Primeira Comunhão e agora?

— Eu estudava latim com o Pe. Champagnat.

— Você teria feito melhor de ir estudá-lo no seminário.

— Meu irmão João Antônio está lá. É muito mais velho que eu. Foi para lá logo que voltou da guerra.

— E então seu Pe. Champagnat interrompe seu estudo do latim e o manda para cá, para fazer o quê?

— A cozinha.

O Pe. Alliot se pôs a rir.

— Enfim, desejo que vocês dois tenham sucesso.

Na escola, o Irmão Antônio esperava-os. Havia preparado uma bebida quente para eles.

O Irmão Lourenço disse simplesmente:

— O pároco não nos recebeu muito bem.

— Vocês deviam estar preparados para isso. Quando eu e o Irmão Luiz chegamos, há dois anos, foi a mesma coisa. E depois tudo se arrumou. Nós somos apenas Irmãos!...

O Irmão Francisco nada dizia, mas o Irmão Antônio notou que, quando entrou, estava mancando. Preparou água quente para que

pudesse lavar o pé dolorido e foi procurar uma compressa na casa de um vizinho que era um tanto curandeiro, conhecedor de pequenos curativos e sempre disposto a prestar serviço.

Mas o Padre Alliot havia ficado irritado. Pôs-se a escrever uma carta destinada ao Pe. Courbon, Vigário-Geral.

Senhor Vigário-Geral,

Estou um pouco atrasado para lhe apresentar meus votos de Feliz Ano. Que o Senhor lhe dê muitas consolações por parte deste clero de Lyon, no meio do qual eu sou um pouco uma ovelha perdida, pois, até o início deste século, eu pertencia ao clero de Velais e na origem, do clero vienense.

Abordo agora um tema do qual eu o escolho como juiz, visto que conhece os lugares e pessoas.

O Senhor é de Saint-Genest. Conheceu a família Champagnat, a atividade revolucionária do pai e a profunda piedade da mãe. O senhor nomeou Marcelino vice-pároco de La Valla, sabe que ele tem a intenção ou a pretensão de fundar Irmãos. Eu não deveria me queixar, pois ele me deu dois e devo reconhecer que eles faziam tudo direito sob todos os pontos de vista.

Só que este Champagnat varia como o vento. Do dia para a noite me avisa que vai me retirar o melhor dos dois e, para substituí-lo, manda o Irmão dele (que parece muito mais rude) com uma espécie de coroinha de doze anos, encarregado, segundo parece, de fazer a cozinha.

E eu, pároco de Marlbes, há quarenta anos, tenho que aceitar isso, por parte de um vice-pároco que eu batizei e ao qual administrei a Primeira Comunhão. Sem mencionar que se eu não tivesse intervindo com todo meu poder para seu retorno ao seminário, num certo ano, ele hoje estaria atrás de um arado. Aliás, parece que em La Valla, é encon-

Novas dificuldades

trado mais frequentemente capinando, trabalhando como marceneiro ou pedreiro do que recebendo as pessoas no presbitério. Contaram-me também que não mora mais no presbitério, mas com cinco ou seis rapazes do campo que ele considera educadores.

Não se preocupe em me responder. Mas eu lhe seria agradecido se o senhor pudesse sacudir-lhe um pouco as pulgas e ensinar-lhe a respeitar os cabelos brancos, sobretudo dos que foram confessores da fé quando o pai funcionava como um dos pontífices do Ser Supremo...

O Pe. Courbon conhecia suficientemente o caráter do Pe. Alliot para não tomar a carta ao pé da letra. Esperou dois meses e mandou apenas esta simples nota:

Prezado confrade e amigo,

Achei sua carta um tanto severa para com Marcelino que conheço bem. Acho que o Espírito Santo me inspira a resposta que eu vou lhe dar hoje. Depois da Páscoa, vou lhe fazer uma visita. Creia em meus sentimentos mais sinceros.

No mesmo dia, escreveu a Marcelino:

Prezado Marcelino,

Há cinco anos que o nomeamos para La Valla. Acho que o senhor já fez um bom trabalho neste lugar. E creio também que desenvolve um zelo incansável.

Digo, sem hesitar, continue. No entanto, considere que, às vezes, o ótimo é inimigo do bom. Por isso, seja prudente. Alguns exemplos:

O Pe. D Regel, reitor de academia, disse-me que seu inspetor, Sr.

Gillard, tinha visitado minha cidadezinha de Saint-Genest, no ano passado. Então o avisaram que em La Valla e Tarantaise, alguns padres ensinavam latim sem pagar a taxa prevista. Felizmente para o senhor, uma grande nevasca impediu-o de lhe fazer uma visita surpresa, para redigir uma censura contra o senhor.

Estou certo de que o senhor não tinha a mínima ideia da existência desta taxa, mas, saiba-o de hoje em diante, pois “ninguém pode usar a desculpa da ignorância da lei”.

Tenho também a impressão que o senhor mandou dois Irmãos a Marlhes, sem ter, em boa e devida forma, a autorização do prefeito. Aqui também, por certo, o senhor não sabia dessa exigência. Mas ela existe e é preciso observá-la.

Oh! Bem sei que quer fazer alguma coisa. Eu mesmo fundei aqui em Lyon uma escola industrial antes da Revolução. Havia tantas leis a observar! Com as leis corporativas não era possível fazer muita coisa. Pouco a pouco, fui aprendendo as leis. Prefira sempre o zelo ao legalismo, entretanto, os dois são importantes...”.

Esta carta foi um verdadeiro conforto para Marcelino, que escreveu ao Vigário-Geral, pedindo-lhe que o recebesse na terça-feira de Páscoa. Neste ano, 1821, caía no dia 24 de abril.

Entretanto, um pedido estava sendo feito para uma fundação em Bourg-Argental. O único meio de fazê-la era fechar a escola de Marlhes, pois ali não há mais novas vocações.

Aproveitou de uma bela segunda-feira santa, quando toda a neve havia desaparecido dos montes e, partiu para Barbanche e Marlhes, fazendo uma parada em Tarantaise, na casa do Pe. Préher.

— Vou cumprir uma missão que me custa muito, mas eu rezei para encontrar a luz e tomei a decisão de retirar meus Irmãos de

Marlhes.

— E se o senhor se complicar com o pároco que o batizou!?

— É certo que vou me complicar, mas rezei e consultei; não posso mais voltar atrás.

— Não tenho que sondar suas razões, mas, em todo o caso, se isso libera um Irmão, ficaria bem feliz se o recuperasse. Creio que estão criando casos também com o senhor, por causa do latim, pois o Pe. Courbon me escreveu também a respeito disso e na carta faz alusão ao senhor.

— Sim, decidi acabar com esse ensino.

— Eu não. Minha escola tem uma tradição que remonta a muitas décadas antes da Revolução, e o mesmo Courbon nela começou seus estudos. É meu vice-pároco que ensina, mas se eu tivesse um de seus Irmãos para ensinar a leitura aos principiantes, e cuidar dos internos, seria uma boa coisa. Isso vai me complicar, eu também, com o Pe. Alliot.

— O senhor leva isso na brincadeira, mas eu não tenho nenhuma vontade de rir. Entretanto, seu pedido de um Irmão merece atenção. Enquanto espera, reze por mim e pelo encontro que vou ter em breve.

Ao chegar a Marlhes, Marcelino foi à igreja e rezou demoradamente. Depois se dirigiu ao presbitério. Vendo a decisão com que andava, o Pe. Alliot compreendeu que uma resolução grave havia sido tomada.

— Bom dia, senhor pároco. Que Deus abençoe sua paróquia. Digo-lhe logo de início que venho tratar de um assunto nada agradável para mim. Que Deus me perdoe se o entristecer!

— Espero que isso não se refira à escola, pois o ano escolar terminou este ano um pouco antes da Páscoa. Esta data para a Páscoa é tão tardia que as vacas já estão “fora do estábulo” já há alguns dias.



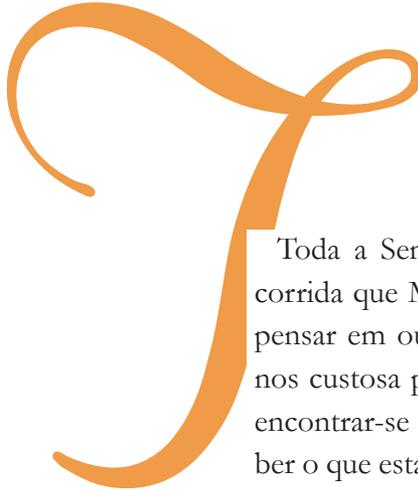
Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

- É isso mesmo, trata-se da escola. Venho retirar meus Irmãos.
- O senhor nos dará outros no dia de Todos os Santos?
- Não, não tenho nenhum para sacrificar.
- Sacrificar?
- Sim. Já há três anos que estamos lhe pedindo, inutilmente, que faça uns consertos na escola. Nada foi feito. Esta escola é um perigo evidente para as crianças e para os Irmãos. Consultei e rezei. Pediram-nos Irmãos para Bourg-Argental e eu aceitei.
- Desse jeito, o senhor sacrifica, como diz, sua paróquia natal, muito modesta para implantar sua obra no bailio dos Estados Gerais. Esta é a ambição dos Champagnat. Já se vê que o senhor nasceu em 1789!
- Acho que é inútil continuar com essas discussões. Se o senhor se ofendeu porque eu disse que manter Irmãos em sua escola, nessas condições, era sacrificá-los, sinto muito, mas é essa a razão – e a única – pela qual os retiro.
- Pois então, retire-os.
- Daqui a pouco, virão se despedir respeitosamente do senhor, se quiser.
- Sim, quero.
- O Pe. Allirost morreu no ano seguinte, e a escola ficou fechada dez anos.



CAPÍTULO 23

*A procura
da vontade
de Deus*



Toda a Semana Santa foi de tal modo corrida que Marcelino não teve tempo de pensar em outra missão que não era menos custosa para ele: ir a Saint-Chamond, encontrar-se com o Pe. Dervieux para saber o que estava reprovando nele, e depois tomar a diligência em direção a Lyon, para passar no Seminário Maior e no arcebispado.

O Pe. Dervieux era generoso, mas colérico. Marcelino havia pedido a João Maria Granjon que o acompanhasse. Foram rezar um pouco no santuário da Virgem de Todo Poder. O Pe. Dervieux terminava a missa. Marcelino achou que era bom ir vê-lo na sacristia.

— Gostaria de conversar com o senhor.

— Pois eu também. Mas penso que, depois da missa, você faz um tempo de ação de graças. Então me permita que faça o mesmo.

— É que preciso tomar a diligência, às oito horas, e não sei quanto tempo o senhor pode me dedicar.





À procura da vontade de Deus

— Pois então, siga-me.

E, ao irem para o presbitério, o Pe. Dervieux começou, em voz alta, um monólogo muito pouco ameno:

— Há pessoas que fingem pedir conselho quando notam que o raio está para lhes cair na cabeça. Não sei se é algo próprio da geração dos padres novos. Em todo caso, acho que vou dizer algo a um representante desta geração... Entre! Quem é este jovem que está com o senhor?

— É o primeiro Irmão Marista, João Maria Granjon, diretor de nossa escola de La Valla.

— Preferiria ficar sozinho com o senhor. Mas, em todo caso, ele pode entrar; também ele saberá o que penso.

— Então, eu vinha consultá-lo...

— É isso. Você viu o que o ameaçava e então...

— Na realidade, sei muito mal o que me ameaça, e, como lhe disse, vou a Lyon para dizer ao Pe. Courbon: “Estou em suas mãos. Posso parar tudo em La Valla, se for necessário. Desejo apenas cumprir a vontade de Deus”.

— Ah! Fala de vontade de Deus quando abandonou seu pároco?

— Mas eu tinha obtido...

— Quando você resolveu ensinar latim, apesar de em Saint-Chamond haver um colégio para isso!

— Mas eu parei...

— Quando o senhor manda esses jovens que chama de Pequenos Irmãos em paróquias nas quais nada tem a ver...

— Posso explicar-me?

— De forma alguma. Não há nenhuma explicação para isso. Isso se chama mania de grandeza! Vontade de Deus! Vontade de Deus!





Ah! Sim, vontade de ser chamado Fundador. E, além de tudo isso, fui informado que você faz uma afronta a este venerável pároco Alliot. Mas espere um pouco. Há dois meses, eu disse ao Pe. Courbon o que penso a seu respeito. Como vai vê-lo, penso que ele também terá algo a lhe dizer.

— Justamente! Ele me escreveu. Leia.

— Sim, vejamos. Vamos ver um pouco esta carta.

O Pe. Dervieux parou de andar de um lado para outro, o que o inspirava mais para produzir uma cena de cólera, e começou a ler a carta.

João Maria Granjon até ali, terrificado, olhava para o Padre Dervieux, cujo rosto mostrava cada vez mais o espanto que o invadia:

— E ele só lhe diz isso?

— Como o senhor vê!

— Então se até os Vigários-Gerais capitulam, a quem é preciso recorrer?

— Senhor pároco, o senhor não me deixou explicar. Creio, no entanto, que eu tinha coisas simples para dizer, como o fiz com o Pe. Courbon.

— Veremos isso outra vez, porque está na hora de sua diligência.

O Pe. Dervieux ficou perturbado por esta carta. O Pe. Courbon era alguém que ele considerava como o sábio da diocese. Mas não era homem de se entregar tão depressa. Veremos.

E agora, Marcelino e João Maria partiam chacoalhando durante quatro longas horas, às margens do Gier e, depois, do Ródano. João Maria se lembrava do tempo da mobilização e Marcelino, do tempo do Seminário Maior.

— Em primeiro lugar, irei ao Seminário Maior. Verei meu Diretor





À procura da vontade de Deus

espiritual João Luiz Duplay, depois o Pe. Gardette, o superior, e depois o Pe. Cholleton. Enquanto isso, você irá à catedral, a Fourvière, a São Nazário. Esteja no Seminário às 5h. E amanhã, pode ser que vamos juntos falar com os vigários-gerais.

Com João Luiz Duplay, a conversa foi longa.

— Asseguro-lhe, disse João Luiz a Champagnat, que eu aprecio o que faz. Pessoalmente, penso que é obra de Deus, mas a rapidez de sua ação deixa o pessoal atônito. Um dia, anunciam que o senhor já encontrou vocações. Dois anos depois, conta-se que já há seis ou sete e que seus Irmãos já lecionam e não apenas em La Valla. Sabe-se ainda que o primeiro professor que o senhor teve o abandonou e aqui no Conselho do Arcebispado, não sei quem traz as notícias, mas a interpretação que delas se faz não lhe é necessariamente favorável, tanto quanto eu possa adivinhar. Sou bastante amigo do Pe. Dervieux, mas, quando passo por Saint-Chamond, vejo que tem preconceitos contra o senhor. Eu procuro defendê-lo, mas este homem é tão cabeçudo quanto generoso. Generoso sem contar para o asilo dos velhos, mas tem pavor de toda novidade. Felizmente, não sabe que o senhor me consulta porque creio que as boas relações que tenho com ele já teriam acabado. Por isso, vou lhe dizer algo desagradável: se pudesse encontrar outro diretor espiritual, eu ficaria à vontade. Eu me permito apresentar um nome: quem sabe, o Pe. Préher.

— Então, João Luiz, eu não sabia que minha situação era tão ruim a tal ponto que o senhor me faça esta proposta. Fico atônito. Eu tinha impressão de fazer as coisas um pouco rapidamente, como o senhor diz, mas completamente normais, se acreditamos em Deus e a gente diz, como São Paulo: “Ai de mim se eu não evangelizar!”.

Então, eu vou lhe comunicar também uma ideia surpreendente, mas





ela circula na minha cabeça desde o início do ano: abandonar tudo o que estou fazendo e partir para os Estados Unidos. Partir com meus Irmãos, porque são meus filhos e não os posso abandonar, como eles também não me abandonariam. Acrescento mesmo que os aborrecimentos recentes que eu tive criaram entre mim e eles maior afeição. Ao mesmo tempo que me comunicavam seu consentimento para ir aos Estados Unidos, pediam-me para não mais me chamarem “sr. Padre”, mas me chamarem “pai”. Sim, eles são parte de mim mesmo. Eu preciso de sua afeição e de sua santidade para me estimular.

— Se quisermos falar de propostas inesperadas, esta é uma. Não é insensata, mas é tão nova que não tenho resposta. É possível que o senhor tenha vocação para um mundo novo, visto que nosso mundo francês é muito pesado pelas suas tradições. Fale disso com o Pe. Cholleton. Ele está mais informado do que é possível fazer nessa situação porque é o encarregado dos fundos a recolher para as missões da América.

Efetivamente, o Pe. Cholleton ouviu a proposta, mas não lhe foi favorável:

— Por toda parte existe bem por fazer. Vejo que em La Valla o senhor encontra muitas dificuldades, mas a promessa de Fourvière que o senhor fez, com outros em 1816, não me parece susceptível de tomar tal direção já desde o princípio. Não digo uma palavra definitiva, mas pelo menos, por ora, abandone essa ideia. De todo modo, amanhã o senhor vai falar com o Pe. Courbon, converse com ele sobre isso.

O Pe. Gardette foi ainda mais explícito:

— É preciso continuar na França. Seu problema se origina exclusivamente no Pe. Bochard, Vigário-Geral, encarregado do ensino. Não gostaria de criticar um superior, mas Deus sabe o que tive que





À procura da vontade de Deus

sofrer com ele. Quer se encarregar de tudo e intervém no Seminário Maior como intervém em seu caso. Ele também quer fundar uma congregação de Irmãos da Cruz. Ele é capaz mesmo de levá-lo a unir seus Irmãos aos dele.

Deve apenas conhecê-lo. Ele o viu, de passagem, quando o senhor era seminarista. Pode ter acontecido que o senhor lhe tenha agradado. Mas o conselho que lhe dou é: “Se ele propuser uma fusão, contemporize, pois estou certo que essa fusão não seria boa”. Parece que estou dando conselhos de desobediência, mas conheço bastante sua capacidade de discernimento para pensar que não falará disso com ninguém, e que esses conselhos apenas servirão para o senhor mesmo.

Sei que estou lhe criando uma situação difícil; por um lado, o senhor sabe o que penso do diretor do seminário; isso pode ajudá-lo para saber o que fazer; mas o senhor nunca deverá dizer que esse conselho vem dele. A única outra coisa que eu posso fazer para o senhor é rezar. Entretanto, quando for preciso, eu posso também ajudá-lo financeiramente. Não é que eu seja rico, mas quando houver necessidade, não hesite em me pedir um auxílio.

Marcelino havia marcado um encontro para o dia seguinte com o Pe. Courbon e o Pe. Bochard. A primeira visita lhe parecia mais agradável do que temível. A conversa com o Pe. Courbon lhe revelou que as ideias desse eram muito parecidas com as do Pe. Gardette. Marcelino repetiu que estava disposto a abandonar tudo em La Valla.

— Um dia, pensei em sondar meus colegas sobre a ideia de trabalhar fora da França, se Deus nos fizesse entender que este é o caminho a seguir. Todos me disseram que estavam prontos para isso. Sei que nosso amigo Louis Janvier nos acolheria de boa vontade na Louisiana, e Dom Dubourg também estaria de acordo. Esperando pelo dia de me juntar a meus Irmãos na Louisiana, eu lhe pedi-





ria apenas algumas semanas para rever a Teologia, por exemplo, no seminário, para poder ser em Louisiana um missionário válido, ao mesmo tempo em que eu veria onde implantar meus Irmãos. Mas isso é apenas uma proposta. Mande que eu obedecerei.

— Bom, eu lhe recomendo voltar para La Valla e continuar o que está fazendo. É possível que a América precise dos Irmãos, mas nossa região precisa muito, mas muito mesmo deles. Na nossa região do Loire não há uma cidade sobre duas que tenha escola. E quando se fala de escola, seria preciso entender um local e um punhado de alunos, enquanto vocês nas escolas cuja fundação é criticada, desde o primeiro dia, têm 90 a 100. Mas vá conversar com o Pe. Bochart, pois nada se pode fazer sem ele, que é o encarregado das escolas. Do mesmo modo que me oporia a que ele quisesse fazer passar seus Irmãos sob a sua cúpula, da mesma forma gostaria que o senhor lhe indicasse bem as fundações que deseja fazer. Eu não deveria desdizer de um colega, mas como o senhor tem que se dirigir muitas vezes a ele, eu o previno: é susceptível e intrometido. Portanto, cuide de sua susceptibilidade e não deixe que invada seu campo. A bom entendedor, meia palavra...

— Posso fazer-lhe uma última pergunta: trata-se de algo que eu não deveria saber, mas que vim a saber e me chocou muito. Em Saint-Chamond, falou-se na possibilidade de castigar meu “orgulho”, minha desobediência, por um interdito de qualquer espécie: proibição, por exemplo, de celebrar os sacramentos. Para um padre, é a maior humilhação e se acontecesse comigo, estou certo de que provocaria uma revolução na paróquia. Não conheço a administração diocesana, mas, como se pode chegar a isso sem avisar o culpado?

— Digamos, primeiro, que não se falou em tal decisão no Conselho da Arquidiocese e que se tivesse aparecido na agenda do dia, eu o defenderia. Em todo caso, faz bem em me alertar. A meu ver,





À procura da vontade de Deus

de La Valla e de Saint-Chamond, saltaram queixas sem fundamento. O Pe. Dervieux confia em seu pároco. O Pe. Cathelin, desesperado ante seus efetivos esqueléticos, ataca todos os padres que ensinam latim. Alguns professores se queixam aos inspetores de que os Irmãos lhes roubam alunos...

— Isso foi o que sempre fiz questão de evitar por todos os meios.

— ... E tudo isso vai parar na mesa do Pe. Bochard, que responde: “Se vocês acham que este tal de Pe. Champagnat é um exaltado, podemos fazê-lo pensar um pouco, mesmo que seja por uma sanção como o interdito”. Este recado dado oralmente, no comitê cantonal, logo foi por alguém interpretada como: “Champagnat será ameaçado com o interdito” ou mesmo “Champagnat vai ser interdito”. Não lhe digo de tomar em consideração, superficialmente, o que lhe digo, mas, enfim, os padres são homens e “onde há homens, há fraquezas humanas”. Mas esta me dá medo.

O Pe. Bochard deixou entrar João Maria, que foi se refugiar em um canto do grande escritório. E o Pe. Bochard começou:

— Então, Pe. Champagnat, o senhor já tem Irmãos aqui e ali em paróquias do Pilat e não diz nada à autoridade?

— Na verdade, eles nos foram quase arrancados, pois, do contrário, nós nos teríamos contentado em ensinar o catecismo nos povoados de La Valla, pelo menos no começo. Mas Marlhes é minha paróquia natal, e como poderia eu apresentar uma recusa ao pároco que me batizou?

— Entretanto, sei que agora o senhor os retira de lá.

— É verdade, mas, em consciência, eu não podia prolongar a experiência.

— Em todo caso, por que não pede uma autorização para o ensino, para cada um de seus Irmãos?





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

— Sou um pouco tímido. Eu pensei: ao pedir essas autorizações, serei forçosamente levado a dizer que quero fundar uma congregação.

— De fato, creio saber que seus educadores têm um hábito – como esse jovem ali – e que fazem promessas.

— Era um pouco isso que eu tinha medo de anunciar, pois mesmo se a intenção é esta, apenas estamos começando.

— O senhor não precisava ter medo de mim. Eu também estou fundando uma congregação e disso não faço nenhum mistério. Mas então por que decidiu vir me visitar hoje e me falar?

— Porque soube que queriam me castigar com um interdito. E eu fiquei estonteado, pois não duvidava de nada.

— Ora! A discrição não reina no vale do Gier!... Mas, na verdade, é certo. Eu tinha pensado na possibilidade de tal sanção. No dia de sua ordenação prometeu obediência a seu Bispo. O Bispo de Lyon está exilado em Roma, há cinco anos. Mas, na ausência dele, sua obediência depende dos Vigários-Gerais.

Champagnat queria intervir, mas o Pe. Bochard continuou:

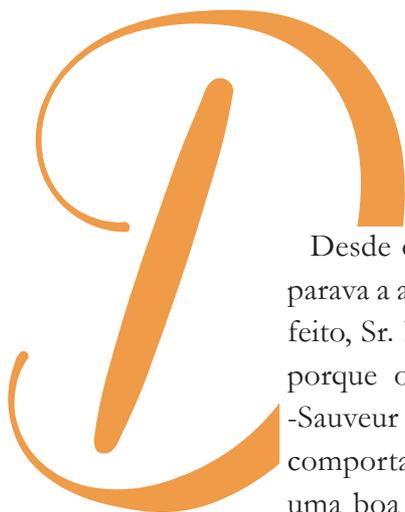
— Veremos... Veremos se o futuro corrige o passado. Passe-me, pois, o nome dos seus Irmãos que estão empregados como educadores nos municípios e eu pedirei ao Pe. D'Regel de lhes dar uma autorização. Isso regularizará sua situação. Quanto à ideia de congregação, veremos mais tarde. Esperando, felicito-o pelo Irmão que trouxe consigo. Impressiona bem.

Marcelino viu que nada mais havia a dizer. Não havia podido se exprimir. Deu os nomes pedidos. Retirou-se pouco confiante e foi expor seu dissabor a Nossa Senhora de Fourvière.



CAPÍTULO 24

*Virão
novas ~
vocações?*



Desde o outono de 1821, Marcelino preparava a abertura de Bourg-Argental. O prefeito, Sr. Pleyné, queria Irmãos de La Valla, porque os Irmãos que ele via em Saint-Sauveur lhe davam boa impressão, e o bom comportamento deles já havia despertado uma boa vocação, um moço de Burdigues, chamado Martinol, que tomaria o nome de Irmão João Pedro.

Bourg-Argental não era uma cidade populosa. Era menor mesmo que La Valla ou Marlies, mas, desde séculos, era muito importante politicamente e por isso sofreu lutas devastadoras na guerra dos Cem Anos, nas guerras de religião e na Fronda. Se a isso juntarmos as devastações provocadas pelas diversas pestes, pode-se compreender que, no início do século XIX, ela era ainda apenas uma cidade grande, mais industrializada do que as outras dos arredores e com um setor terciário mais interessado na educação das crianças do que as cidades puramente agrícolas.

Aparentemente, era equivalente, mas, na realidade, existia o risco de ali haver exigên-





Virão novas vocações?

cias maiores. Por isso, Marcelino, antes de mandar os Irmãos para lá, fez-lhes algumas reflexões.

“Quando fundei nossa pequena Sociedade, eu pensei unicamente nas crianças das paróquias menores. Mas temos que nos deixar conduzir por Deus. Bourg-Argental apresenta características de um ambiente mais intelectual e mais interessado pela instrução. Que este fato não nos faça esquecer que nossa finalidade é, antes de tudo, o anúncio do Evangelho. É preciso esperarmos que, pouco a pouco, exigirão de nós um programa mais reforçado. Isso é bom, contanto que não prejudique o catecismo. Em Bourg-Argental, muitos alunos ficarão na escola o ano todo e durante mais anos para adquirir o máximo de instrução. Nada a objetar, mas se os pais se preocupam mais com o sucesso terrestre para seus filhos, nunca devemos esquecer que nossa verdadeira finalidade é de levá-los a conhecer e a amar o Pai do Céu, destruir o reino do pecado e estabelecer o da virtude, em resumo, de formar ao mesmo tempo bons cristãos e virtuosos cidadãos. Transmitam, pois, a seus alunos todos os conhecimentos exigidos por programas que serão ampliados, mas, acima de tudo, preparem-nos bem à primeira comunhão, mostrem-lhes o imenso amor com que Jesus os ama, e no ensino nunca separem Jesus e Maria.”

O Pe. Champagnat mandou para Bourg-Argental o Irmão João Batista e o Irmão Antônio durante o mês de dezembro. Lá, também era preciso acertar do melhor modo possível o problema de um tal Sr. Brole, que era cantor e tinha alguns alunos aos quais ensinava um programa relativamente extenso.

Combinou-se que ele conservaria seus alunos e que os Irmãos assumiriam todos os outros que quisessem vir. Desde o começo, apresentaram-se uns duzentos. A senhora de Pleyné, estupefata com o trabalho estafante dos dois Irmãos, mandou entregar-lhes





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

colchões especiais, para substituir os colchões de palha que eles usavam. Mas o empregado dela, que de tanto em tanto levava provisões para os Irmãos, a avisou que os colchões que ela haviam mandado estavam no celeiro.

Os Irmãos responderam à generosa senhora: “A regra não nos permite ter colchões, a senhora pode talvez dá-los ao hospital”.

O mesmo aconteceu com pães doces e outros artigos açucarados que foram terminantemente recusados.

— Se quiser nos fazer um presente, mande-nos um saco de batatinhas.

Aqui, como em outros lugares, os Irmãos faziam coletas de víveres: pão, manteiga, batatinhas para distribuí-los aos pobres e às crianças indigentes da escola.

O Irmão Lourenço foi colocado em Tarentaise, onde o pároco, Pe. Préher, o empregava um pouco para ensinar os rudimentos aos principiantes, um pouco para acompanhar os internos. Infatigável, havia obtido também autorização para continuar a catequizar as crianças do Bessat. Em La Valla, o Irmão Luiz dirigia a escola e esperava eventuais noviços que não chegavam. O Pe. Champagnat fazia uma novena atrás da outra, peregrinações a Nossa Senhora da Piedade, sozinho ou com os Irmãos. Na ida cantava-se o salmo 50, o *miserere*, e na volta, as ladainhas de Nossa Senhora.

No dia 22 de fevereiro de 1822, o grupo era um pouco mais numeroso porque alguns paroquianos compreendiam sua obra e se lamentavam com ele, pois as vocações pareciam acabar. Anunciou uma missa na capela. Depois da missa, começou a se dirigir de forma espontânea à Virgem das Dores: “Lembraí-vos, ó Divina Mãe, que fostes vós que fundastes nossa pequena comunidade e que tendes interesse em abençoá-la e fazê-la progredir. Se não vierdes em





Virão novas vocações?

nosso socorro, pereceremos, apagar-nos-emos como uma lâmpada que não tem mais óleo. Mas se esta obra perecer, não é a nossa, mas sim, a vossa que perece. Isso não acontecerá, ó Divina Mãe, pois nós colocamos nossa confiança em vós e nunca se dirá que foi em vão que confiamos em vós”.

O pessoal foi se dispersando, mas ele continuou a oração: “Isso não acontecerá, ó Divina Mãe. Nós contamos convosco, com vosso poderoso auxílio e sempre contaremos com ele”.

Quando voltou para casa, uma surpresa o esperava. Um jovem se encontrava à porta.

— Chamo-me Cláudio Fayol e quem me mandou aqui foi o pároco de Saint-Médard. Disse-me de vir para cá para me tornar Irmão. Digo-lhe, logo de entrada, que apenas sei ler e não sei escrever nada. Tenho 22 anos e, por conseguinte, não poderei ensinar. Mas o pároco me deu esta cartinha que, aliás, sou incapaz de decifrar, pois sei ler apenas as palavras escritas com letra de imprensa.

Eis o que dizia a carta: “O portador desta é um jovem bom e piedoso que deseja se retirar do mundo. É pouco instruído, mas é inteligente e poderá se formar. Para dizer em duas palavras meu pensamento a respeito dele, eu o creio capaz de fazer qualquer coisa e ele se tornará um verdadeiro tesouro para a sua casa”.

Lágrimas brotaram dos olhos de Marcelino: “Jesus, perdão por não ter tido fé. Eu já começava a não saber para onde voltar minha cabeça e vós me mandais, por vossa Mãe, uma nova esperança que ela foi encontrar fora deste pequeno canto do Pilat de onde tinham vindo os outros”.

— Querido amigo, sim, é Maria que o envia. Seja bem-vindo! Mas o que é que você traz aí com você?

— É uma máquina para fazer tecidos, da marca Jacquard, confiei-





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

-a a um transportador, junto com minha mala e os recobrei ontem, quando cheguei a Saint-Chamond. Foi um transportador que tem mulas de carga que nos trouxe até aqui. Pensei que essas coisas poderiam prestar serviço, pois as fitas, este ano, se vendem por bom preço. Se o senhor não tiver outras coisas para eu fazer, posso ajudar fazendo fitas.

— Penso que você teve uma excelente ideia. Na região, a tecelagem é bem conhecida, mas em La Valla os habitantes têm antes o costume de fazer pregos, visto que estamos numa região metalúrgica. Entretanto, a fabricação de pregos é um artesanato que está perdendo velocidade. Talvez tenhamos que nos orientar em direção à tecelagem.

— Conheci isso em casa, mas perdi um pouco a prática e depois não se tratava ainda de máquinas Jacquard.

Nos dias seguintes, voltou, mais de uma vez, à capela de Leytra: Cláudio Fayol o acompanhava.

— Você é um primeiro fruto de nossa oração perseverante. Deus nos deu um sinal para nos encorajar. Não paremos por aqui. É preciso obter outras vocações.



CAPÍTULO 25

Os caminhos
de Deus
são
impenetráveis



Pela metade de março a casa de La Valla estava cheia de crianças, mas as aulas iam terminar com o fim do mês e, outra vez, a casa ficará vazia.

Aconteceu que, nessa tarde, Marcelino, ao voltar da igreja, viu que na porta da casa dos Irmãos havia um jovem que parecia esperá-lo.

Está elegantemente vestido, parece um pouco nervoso, mas adivinha-se que se sentirá à vontade para se exprimir.

— O senhor é o Pe. Champagnat?

— Para servi-lo.

— É para mim uma honra conhecê-lo, pois me falaram muito bem do senhor e de sua casa. Sei que é fundador de uma congregação que já conquistou o apreço de muitas localidades.

— Que bom! Onde é que você pescou estas boas notícias?

— Pois então, eu conheço o Pe. Courveille que serve em Epercieux. Eu sou do norte do departamento e peço desculpas por não me ter apresentado. Mas sou Bento Grizard,





Os caminhos de Deus são impenetráveis

educador na congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs. Eu era Irmão, mas tive problemas de saúde e, depois de três anos, não renovei os votos. Antes de ser Irmão, eu já tinha ensinado três anos numa de suas escolas. Fiz mal em sair, mas não tenho coragem de lhes pedir que me aceitem de volta. Como minha saúde está completamente restabelecida, resolvi procurar uma vocação semelhante e a Providência me trouxe até o senhor.

Marcelino deixava-o falar sem mostrar muito interesse.

— Conheço muito bem o método simultâneo e se o senhor quiser, eu posso, a partir de amanhã, mostrar-lhe o que posso fazer com seus alunos.

Marcelino continuava a não dizer nada e parecia sonhar.

— Tenho impressão de que aqui não há hospedaria para eu passar a noite e já é um pouco tarde. Posso lhe pedir o favor de me alojar por esta noite?

— Sim, pode jantar conosco e eu arrumarei uma cama para você. Aconselho-lhe, no entanto, que amanhã volte para os Irmãos de onde você veio. Não se deve trocar de vocação.

— Mas acredito que sua regra não é muito diferente da que eu vivi por três anos.

Estavam conversando quando chegaram os Irmãos Luiz e o Francisco com Cláudio Fayol e outro postulante, Bernardo Gratalon. Comeram em silêncio. No recreio que se seguiu, Bento Grizard falou com todos, muito descontraidamente.

Para Marcelino, esse parece à vontade de forma exagerada, não manifestava nada de bom. Na oração da tarde, Grizard não se fez notar em nada. Mas, na verdade, Marcelino não procurava observá-lo, pois estava concentrado em Deus.

No dia seguinte, de manhã, o “postulante” repetiu seu pedido:





— Esqueci de dizer-lhe, mas o senhor pode duvidar, que não sou novinho. Tenho 35 anos, o que significa que eu tinha entrado na vida religiosa um pouco tarde. É que houve a guerra. Eu teria tanta coisa para lhe contar!... Devo dizer-lhe também que, tendo feito meus estudos em Lyon, ao lado da catedral, eu conheço as autoridades da diocese. Para resumir, foi o Pe. Courbon que me orientou a ir procurar o Pe. Courveille e o senhor. Disse-me que se os dois não pudessem me receber, ele me arrumaria um lugar para ensinar em Charlieu. Mas, veja bem, apesar de minha idade, aceito recomeçar o noviciado com vocês porque sinto necessidade de tornar a mergulhar na vida espiritual.

Marcelino escutava, mas o tom e a fala solta do postulante soavam falso.

— Já lhe disse que não se deve mudar de vocação sem motivo muito sério e sem um sinal claro do céu. Se você realmente quer ser religioso, volte para os Irmãos das Escolas Cristãs ou então aceite o lugar que lhe oferecem em Charlieu como educador cristão.

— Disseram-me que o senhor é homem de grande discernimento e eu vou pensar no que me propõe, no entanto, permita que lhe proponha ainda alguma coisa.

— Estou às ordens.

— Depois de meu noviciado, eu dei aula em Bas-en-Basset e, por outra, meus pais agora estão estabelecidos no Haute-Loire onde são comerciantes. Não sei se conhece essas regiões. Mas a povoação de Yssingaux é o que há de mais cristianizado e ali há vocações à vontade. Asseguro-lhe que eu não teria nenhuma dificuldade em lhe arrumar ao menos uma meia dúzia.

— Oh! Oh! Como?

— Assim! Se eu lhe trazer uma meia dúzia, de boas vocações,



o senhor aceita receber-me para uma experiência? Digo bem, por experiência, pois sei que minha idade o deixa hesitante.

— Bom, primeiro me traga os postulantes e depois, veremos...

— Neste caso, o senhor poderia me dar uma cartinha que eu poderia apresentar aos pais dos candidatos, por exemplo: “Champagnat, que dirige o noviciado dos Irmãos (Saint-Chamond), autoriza o senhor Bento Grizard, a levar jovens que querem seguir a vocação de Irmão educador. A pensão é de 200 francos por ano (enfim!... a quantia que quiser).

— Sim, vou lhe fazer um bilhete nesse sentido, mas torno a lhe repetir que se você for feito para a vocação de educador, deve voltar para os Irmãos das Escolas Cristãs ou ir para o lugar que lhe oferecem em Charlieu.

Marcelino pensava ter-se livrado deste personagem empreendedor que, agora, se apresentava como recrutador. Mas se enganava.

Passa-se toda uma semana. Chega-se à festa de São José. Marcelino gostava muito deste guarda da Sagrada Família, este protetor da Igreja. A toda hora, era invocado junto com Jesus e Maria. Sua festa era celebrada com a mesma solenidade do que as festas de Maria. E neste ano, rezava-se a ele para obter vocações. Muitas pessoas tinham vindo para a missa da manhã, porque os trabalhos pesados ainda não haviam começado. No entanto, a primavera estava chegando, e todos os pássaros estavam se preparando nos bosques da cidade.

Marcelino também anunciara para este dia uma liturgia vespertina, para o final da tarde. Quando subiu para a igreja com os Irmãos, pensou que estava sonhando: Bento Guizard lá estava com um grupinho.

— Boa tarde, Pe. Champagnat. Eu tinha prometido meia dúzia e calculei bem.

Era inacreditável. Marcelino se perguntava se estava sendo ludibriado pelo recrutador improvisado, mas os jovens lhe agradavam e não queria mostrar-lhes desagrado: a gente nunca sabe quais são os caminhos do Senhor. E se ele sentia necessidade de se sentir seguro, esses jovens tinham muito mais necessidade de segurança do que ele.

Mas, finalmente pergunta:

— De onde vocês vêm?

— De Tiranges.

— De Saint-Pol-em-Challençon.

— De Bas...

— E quando partiram?

— Domingo de manhã, após a primeira missa.

— E vocês chegam hoje, terça-feira de tarde! Então vocês dormiram duas noites fora de casa. Felizmente que o inverno está mansinho...

Bento Guizard interveio:

— Em cada uma das noites encontramos gente boa que nos permitiu dormir no estábulo da casa. Na guerra, como na guerra. Os camponeses nos forneciam palha. E nós dormíamos bem porque estávamos cansados.

— Vocês são realmente corajosos! Isso representou para vocês etapas de quantos quilômetros?

— Mais ou menos vinte por dia.

— E o que é que comiam? Diga-me você, pequenino, que está com vontade de falar.

— Eu tinha trazido um pão e toucinho. E também batatinhas. Nós as cozinhávamos na brasa. Os camponeses nos davam também alguma coisa porque o Sr. Guizard lhes explicava que nós íamos nos tornar Irmãos.



Os caminhos de Deus são impenetráveis

— E vocês têm outra coisa nos seus sacos?

— Sim, Guizard falou que era necessário trazer um enxoval.

— E seu enxoval ficou pronto?

Outro interveio e logo se sentiram bem à vontade:

— Eu já faz seis meses que pensava na vocação de Irmão.

— E você conhecia algum Irmão?

— Sim, os de Bas-en-Basset.

Champagnat entendia que na apresentação do noviciado, para o qual levava estes jovens, Bento havia misturado bem as coisas. Mas de nada adiantava querer agora tornar a situação deles ainda mais caótica. Esclareceria isso amanhã.

— Agora, vamos jantar. Misturaremos o que restou de sua viagem com o que temos aqui. Que Deus abençoe nossa refeição. Nós nos voltamos para nosso Pai que nos ama e que verdadeiramente é o Pai de todos nós.

E, lentamente, rezaram o Pai Nosso.

— Vocês sabem que estão num noviciado. Num noviciado a gente come em silêncio. Mas esta tarde, faremos uma exceção. Falaremos. Depois da janta leremos os pontos de meditação e vocês irão deitar logo, pois devem estar bem cansados. Para esta noite, nada está preparado. Então será preciso deitar na palha. Amanhã, nós nos organizaremos. Há alguém que sabe ler bem?

O pequeno João Batista Furet levantou o braço.

— Pois então você fará a leitura amanhã, no café.

Marcelino olhava-os. Nada parecia surpreendê-los ou chocá-los.

Durante a refeição, as línguas se desataram, pois Marcelino resolveu abrir o jogo e tratá-los como verdadeiros aspirantes.

— Vamos lá: o que mais os surpreendeu?





Um grande, chamado Poncet, respondeu:

— É, quando chegamos lá em cima e vimos La Valla, e Guizard anunciou: “É aí. Eis que chegamos!” Então eu, que acreditava que íamos para Lyon, disse: “Mas Lyon é maior que isso!”...

Marcelino ria facilmente. Deu uma gargalhada e todos fizeram o mesmo. Guizard ficou um pouco ressabiado. Mas esta risada distendeu a atmosfera. E cada um contava um episódio da viagem.

— O João Cláudio tinha pensado estar vendo um lobo quando era um cachorro. Ele tinha mais medo do que nós que estávamos armados com um bastão.

— Sim, você, Francisco, você pode falar. Você tinha medo de uma coruja que estava em cima da cocheira em que dormíamos. Mas ela me fazia rir por causa de seus grandes olhos.

O cansaço foi esquecido. Depois do jantar, não havia muita vontade de ir deitar. Como os dias começavam a ficar mais compridos, Champagnat propôs que se jogasse barra. E todos jogaram com boa vontade.

O Irmão Luiz também entrou no jogo, mas parecia um pouco sonhador:

“O Pe. Champagnat ia guardar toda esta tropa? Trouxeram dinheiro? Como se iria fazê-los viver?”

— Vamos, vamos, Irmão Luiz, você tinha barra sobre Poncet e não soube aproveitar!...

Marcelino sabia bem o que se passava na cabeça do Irmão Luiz, mas teria tempo de falar com ele sobre isso amanhã.

Neste momento, a noite estava quase chegando e Marcelino bateu palmas, para chamar a atenção.

— Vejo que vocês não estão tão cansados assim. Vou dar um





Os caminhos de Deus são impenetráveis

terço para cada um. Recitaremos uma dezena e depois faremos a oração da noite.

Três dos postulantes estavam felizes, pois podiam mostrar seu terço.

— Muito bem. Vejo que vocês gostam desta oração. Mas assim mesmo guardem o terço que lhes dou pois ele lhes lembrará de rezarem para mim.

Reuniram-se diante de uma pequena imagem de Maria. A Virgem carrega seu Filho adormecido que está chupando o indicador.

— Olhem bem. É assim que é preciso adormecer todas as noites, nos braços da Santíssima Virgem. Estamos a alguns dias de sua anunciação e isso pode nos fazer pensar em nossa vocação. Naquele dia, Maria soube que ela ia se tornar Mãe de Deus. Pediu como se faria este milagre. E o anjo lhe disse: “Nada é impossível a Deus”. Ela acreditou. E sua prima Isabel lhe dirá: “Tu és feliz porque creste”. Vocês também acreditaram que Deus os chamava. Peçamos, então, para sermos tão fiéis como a Virgem Maria.

O coração de Marcelino transbordava de alegria porque, à medida que as horas passavam, sentia que essa história incrível que ele estava vivendo tinha jeito de ser uma história divina.

Quando acabou a dezena, anunciou a oração da noite.

— Vocês são de Velay. Quando eu nasci, também era de Velay. Depois criaram os departamentos, e minha terra natal, Marlihes, passou a pertencer ao Loire, enquanto vocês pertencem ao Haute-Loire. Mas na família, era sempre a oração da noite da diocese do Puy que se fazia e eu ainda me lembro bem dela, mesmo se atualmente fazemos a oração da diocese de Lyon.

— João Batista, você a sabe bem? Então, você reza os atos de fé, esperança, caridade e contrição, e todos juntos rezamos o Pai Nos-





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

so, a Ave Maria, o Creio em Deus Pai, o “Eu pecador”. Hoje não rezaremos as ladainhas.

João Batista Audras executou bem sua tarefa. E foram dormir.

Marcelino ainda disse:

— Agora é o grande silêncio, como num mosteiro. Que o Senhor vos abençoe: o Pai, o Filho e o Espírito Santo e que conceda a todos um repouso benfazejo.



CAPÍTULO 26

Acolher
com
amor,
mas
sem
concessões



M

No dia seguinte, Marcelino tocou o despertar às cinco da manhã.

— Louvado seja Jesus Cristo! E Maria sua Mãe! Eu lhes ensinarei isso, logo, em latim. Agora vão lavar o rosto na gamela que recebe a água da fonte. Em La Valla não falta água, mas é fria. Daqui a 15 minutos, apresentem-se no lugar onde ontem rezamos à Santíssima Virgem.

Depois da oração, Marcelino lhes fez uma instrução sobre a bondade de Maria e a necessidade que temos de recorrer a ela. Em seguida, foram à missa e voltaram para tomar o café da manhã, em silêncio.

E todos pareciam já ter feito isso durante seis meses. No fim da manhã, durante o recreio das crianças da escola, Marcelino chama o Irmão Luiz:

— Eu não lhe disse nada desde ontem de tarde. Sei, no entanto, muito bem que você está se perguntando uma porção de coisas. Mas só Deus sabe se outros não se perguntam também. Na missa desta manhã muitos podem ter-se perguntado: De onde vêm to-





dos esses jovens? E agora toda a cidade deve saber. E o senhor mesmo reflete: O que é que Champagnat quer fazer com todos esses jovens? Pois bem, sente-se. Vou tentar explicar-lhe como acolho esse acontecimento. Num primeiro momento, tive medo, como você. Senti logo, porém, que Deus me dizia: “Homem de pouca fé!” Não é que eu confie no líder desse grupo. Fico pouco à vontade com ele, e você escutou bem o que um jovem disse durante o jantar. Bento Guizard lhes tinha falado do noviciado de Lyon, portanto, do noviciado dos Irmãos das Escolas Cristãs. Mas naquele momento eu pensei em você.

— Em mim, por quê?

— Você não vê?

— Porque, antes de conhecer os Irmãos Maristas, eu tinha ido me encontrar com os Irmãos das Escolas Cristãs?

— Exatamente. A autenticidade do chamado de nossos oito postulantes era discutível, pois era evidente que ali havia uma mentira. Pensei também em Rebeca e Jacó. Deus pode até se servir de uma mentira. E também, meu problema era o seguinte: antes da palavra de Poncet, eu não estava seguro do que se tinha passado. Podia eu fazer uma afronta talvez imerecida a Bento Guizard? Pode ser que tenha pensado em estar agindo bem. E poderia eu dizer a esses jovens que tinham 60 quilômetros nas pernas, vocês ainda não chegaram, e precisam caminhar mais 60 quilômetros para chegar a Lyon?

— Onde certamente não eram esperados, diz o Irmão Luiz.

— É isso mesmo! Você me segue muito bem. Então eu disse a mim mesmo: façamos como fizemos o outro dia com Cláudio Fayol. Nós os recebemos com toda a alegria, mas também com todo o rigor do noviciado.

— Então, o senhor os recebe?





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

— Para dizer a verdade, sim, pois, desde ontem, me impressionam bem. Nossa Senhora do Puy deve se lembrar que no meu nascimento eu pertencia à sua diocese. Mas não seria prudente tomar tão depressa decisão tão importante. Vou consultar todos os Irmãos no domingo. Agora volte logo para junto de seus alunos e chame os dois postulantes Cláudio Fayol e Bernardo Gratalon.

Quando chegaram, Champagnat lhes disse:

— Amanhã, sexta-feira, vocês irão a Tarantaise e dirão ao Irmão Lourenço que se arranje para estar aqui domingo, para o almoço. Para que essa caminhada não seja inútil, vocês recolherão a maior quantidade possível de dente-de-leão, e vocês pedirão ao Pe. Préher se ele pode nos dar uns dez quilos de batatinha. Conto com você, João Cláudio, pois você é o mais idoso, para lhe dizer que peço as batatinhas como esmola, porque tenho que alimentar uma dúzia de jovens. Diga-lhe também que, depois da Páscoa, irei vê-lo. Espere, pois não é tudo: sábado é preciso que vocês vão a Saint-Sauveur, e depois a Bourg-Argental. Eu lhes explicarei o caminho. Vocês partirão logo depois do meio-dia. E dirão aos Irmãos dessas comunidades que eu os espero para o domingo ao meio-dia. Vocês mesmos podem voltar com os de Bourg-Argental.

No domingo após a missa solene, Marcelino encontrou todos os seus Irmãos, os de Bourg-Argental, João Maria e Antonio; os de Saint-Sauveur, Bartolomeu e João Francisco; de Tarantaise, Lourenço.

Os de La Valla já estavam muito bem informados do problema que seria apresentado.

Marcelino explicou aos que acabavam de chegar o que se havia passado, a pouca confiança que tinha no recrutador e a boa impressão que lhe causaram todos os postulantes. E acrescentou:

— Como de costume, vamos comer em silêncio. Eu os apresen-





tarei aos jovens, depois, durante a refeição e no recreio que seguirá vocês podem observá-los, e depois dizer-me o que acham que eu devo fazer.

Antes do almoço, foram feitas as apresentações. Um pouco rápidas, visto que Marcelino não queria comprometer o futuro, antes que os Irmãos pudessem emitir seu parecer.

A salada de dente-de-leão foi muito apreciada, e uma bondosa paroquiana que havia visto toda esta tropa mandara uma grande panelada de batatinhas fritas. Foi Cláudio Fayol que se encarregou de preparar tudo. Já estava pondo seus talentos a serviço da comunidade.

E, depois de um tempo de recreio muito alegre e distendido, Marcelino chamou os Irmãos, e os postulantes continuaram a jogar.

— Eis. Vocês puderam julgar um pouco. Os caminhos do Senhor não são os nossos. Eu rezei e fiz rezar. Em fevereiro, veio Cláudio Fayol. Penso que será uma de nossas melhores vocações. Continuamos a rezar e eis que veio todo este grupo, recrutado, podemos dizer da forma mais discutível, mas que parece animado de boas intenções. Será que o Pai do céu dá uma pedra quando nós lhe pedimos pão, ou uma serpente, quando lhe pedimos um peixe?

Os Irmãos não sabiam bem o que dizer. Depois de um tempo de silêncio bastante longo, o Irmão João Maria tomou a palavra: “De fato, estes jovens nos causam boa impressão. Até agora, Deus não nos deixou faltar nada e devemos pensar que continuará. É certo também que todos vão dizer que é uma loucura. Aceitá-los é uma loucura ou um ato de fé?”

— É o que eu me pergunto, interveio João Francisco Roumesy. Mas eles não trouxeram dinheiro?

— Não muito, respondeu Marcelino, mas podemos pensar que seus pais não quiseram lhes confiar grandes quantias. Pelo con-





trário, alguns trouxeram uma promessa escrita de pagamento de cem ou duzentos francos, se até aquela data os filhos quisessem continuar. Conheço duas ou três famílias que me emprestarão, sem juros, certas quantias, esperando que nós recuperemos algo com os pais desses jovens. Penso então que, com relação a isso, vamos fazer o que podemos e depois confiar-nos naquele que alimenta as aves do céu e veste os lírios do campo. Posso pedir um parecer, levantando o braço?

Todos disseram sim e, ao mesmo tempo, levantaram a mão.

— Mas estejam seguros, acrescentou Marcelino, que eu já os provei e ainda vou prová-los para que não sobrem senão os verdadeiros soldados de Gedeão.

Os Irmãos voltaram a suas escolas que funcionavam até a Páscoa e mesmo, como em Bourg-Argental, até o fim do verão.

No dia seguinte, Marcelino reuniu todos os jovens e lhes anunciou uma semana ainda mais carregada de trabalhos manuais: “Até aqui, vocês trabalharam bem e a casa já tem melhores instalações para recebê-los, mas há ainda muito por fazer. Portanto, hoje, precisamos de homens corajosos e não de preguiçosos”.

E durante dois dias Marcelino pareceu ser mais severo e mais exigente. No entanto, a festa da Anunciação, 25 de março, que caía na segunda-feira da Paixão, foi celebrada dignamente e, na missa, Marcelino fez uma homilia muito bela. No almoço, houve um doce de amoras que havia sido preparado no outono e que foi comido com um pedaço de pão bento, este brioche que se distribuía na missa do domingo e cujas sobras eram deixadas no presbitério. O Pe. Rebod, que, muitas vezes, censurava Marcelino por não alimentar bem seus Irmãos, veio em pessoa trazer as sobras que caíram muito bem com o doce, melhor do que o pão cor de terra do cardápio de cada dia.





Acolher com amor, mas sem concessões

Mas fora este doce, os três primeiros dias da semana foram tão ascéticos quanto possível. Durante as refeições liam-se os sofrimentos de Cristo, escritos pelo Pe. Alleaume. Era realmente o regulamento de um noviciado sem concessões.

Na quinta-feira, Marcelino reúne todo o seu pessoal, inclusive o Irmão João Maria e o Irmão Francisco, que naquele dia não tinham alunos.

— Eu os reuni, disse, com o Irmão Luiz e o Irmão Francisco, que servirão de testemunho. Vocês se comportam muito bem e, em verdade, penso que são bons noviços. Mas a casa é pequena. Conseguimos abrigá-los e fazer colchões de palha e camas, mas estamos muito apertadinhos. A solução não me parece boa. Por outro lado, alguns dentre vocês são muito jovens para bem conhecer a vocação. Resolvi então empregá-los com algum bom cultivador, para cuidar dos animais. Se se comportarem bem, se seus patrões se mostrarem satisfeitos com vocês, se mantiverem a decisão de se tornarem Irmãos, eu os admitirei definitivamente ao noviciado na festa de Todos os Santos.

— Vejamos: você, João Batista, que é o mais jovem, você concorda?

— Estou de acordo, mas com a condição de que na época marcada o senhor me receba.

Marcelino se perguntou se não estava indo longe demais: “Que jovens me manda, Nossa Senhora do Puy! Obrigado, ó Boa Mãe”.

Levantou-se e com a voz entrecortada, disse: “Pois bem, eu os recebo todos, desde agora”. Foi aplaudido e aclamado: Bravo!... Bravo!...

E tranquilamente se continuou a seguir o regulamento severo do noviciado. Mas os jovens sentiram que tinham um pai que os amava.



CAPÍTULO 27

*Todos
ao
trabalho
para ter uma
habitação*



Agora era preciso pensar nos meios necessários para sustentar toda essa pequena família. Desde a segunda-feira de Páscoa o Irmão João Francisco, liberado da atividade escolar, foi mandado para a região de onde vieram os jovens para pedir aos pais deles que pagassem uma pequena pensão, a fim de enfrentar as despesas mais urgentes para a alimentação.

Os jovens que sabiam escrever aproveitaram para dar a seus pais notícias a respeito da viagem e do que estavam fazendo em La Valla. Estavam satisfeitos, muito satisfeitos com o Pe. Champagnat e o Irmão Luiz, o mestre de noviços, e dos outros noviços que os haviam precedido. As notícias corriam. Outros jovens se decidiram e no mês de abril, o noviciado contava com uma quinzena de membros.

Um deles escreverá mais tarde:

“O que é que nos retinha numa casa onde apenas se via pobreza, onde tínhamos como dormitório uma granja, como cama, um pouco de palha, como comida alguns legumes e pão preto que caía aos pedaços, de tão mal





cozido. Eu respondo: ‘Era a devoção que esta casa demonstrava a Nossa Senhora e o modo tão persuasivo com que Champagnat nos falava dela.’”

Mas o crescimento súbito da comunidade obrigava a pensar em trabalhos.

— Meus queridos amigos, disse ele quando o Irmão João Francisco voltou, anunciam-me que três ou quatro outros jovens de sua terra querem se juntar a vocês (*vibrantes aplausos*). É então necessário aumentar a casa (*novos aplausos*). Acontece que, quando eu era seminarista, tivemos o mesmo problema e eu aprendi a construir. Dois ou três Irmãos acabam de chegar dos lugares onde ensinavam, pois as aulas acabaram na Páscoa. Há, portanto, muitos braços disponíveis.

Precisaremos de cavadores e transportadores de terra, canteiros para extrair as pedras. Não levantem o dedo, todos, pois eu sei que vocês querem trabalhar. Indicarei logo um trabalho para cada um de vocês. Precisaremos de serventes de pedreiro para misturar a cal, vidraceiros para colocar os vidros, mas mandarei fazer as janelas e portas por um marceneiro. Espero que o Sr. Basson me dê dinheiro para pagá-las, senão faremos uma casa sem portas e janelas, como o Cadete Rouselle. Quem conhece o Canto do Cadete Rouselle? Não, engano-me. Quem não o conhece? Então, vamos lá cantemos todos em coro:

“O Cadete Rouselle tem três casas,
Que não têm nem traves, nem caibros.
É para alojar as andorinhas.
Que diriam vocês do Cadete Rouselle?
Ah! Ah! Ah! É verdade
Que o Cadete Rouselle tem bom coração”.





Todos ao trabalho para ter uma habitação

O Irmão Lourenço, que havia voltado de Tarentaise, caiu na gargalhada.

— O que é que o faz rir tanto, Irmão Lourenço?

— Há no Bessat uma mãe que me dizia o que lhe tinha dito seu garoto: “Como o Irmão Lourenço tem bom coração!”

— Muito bem, Irmão Lourenço, mas eu não sou o Cadete Rous-selle, eu não tenho bastante bom coração. Não quero construir sem traves nem caibros. Você que acabou de dar catecismo no Bessat e que acaba de completar um trimestre em Tarentaise, eu o encarrego de encontrar, ali para cima, traves e caibros. Certamente, há pais de família que têm serraria e que lhe darão alguma coisa. Eu lhes indicarei as medidas. Como agora você não tem mais a vigilância dos latinistas, encontrará bastante tempo para fazer esses negócios.

E as pessoas de La Valla viram, com estupor, uma nova casa ser levantada ao lado da casa Bonnair.

— Mas este Champagnat sabe fazer tudo!

— Bem que ele poderia dar trabalho aos pedreiros de La Valla.

— Mas com o que é que você quer que ele os pague?

É certo que, durante este tempo, a gente o encontrava com as vestes salpicadas de terra ou de massa. Endossava uma velha batina e usava tamancos. Entretanto, se o procuravam para um doente, não manifestava a menor impaciência.

— Por favor, espere uns cinco minutos.

Com efeito, pouco depois aparecia com o rosto e as mãos limpas, com uma boa batina e com os sapatos bem engraxados.

— À sua disposição.

Um dia, no entanto, foi o Pe. Préher que o veio visitar. O Irmão Lourenço lhe falara da nova construção pedindo a quem o poderia





mandar para encontrar traves e caibros. O Pe. Préher tinha confiança em Marcelino, mas, mesmo assim, há limites. Havia então dito ao Irmão Lourenço:

— É preciso que eu vá ver essa nova construção.

Encontrou Marcelino em uma escada com a batina cor de terra, as mãos cheias de argamassa e sempre pronto para rir.

— Pe. Champagnat, o senhor mudou de profissão! Agora é pedreiro!

— Sim, padre pedreiro e mesmo arquiteto!

— Felizmente que a Revolução fez desaparecer as corporações, senão atacá-lo-iam...

— Seria um crime a mais entre os muitos de que me acusam.

— Corporações à parte, o senhor pode estar certo de que muitos pedreiros estão se queixando.

— Bem que eu lhes daria trabalho, mas como não posso pagá-los, queixar-se-iam ainda mais.

— Dizem que está formando uma mina de pedreiros e que isso pode prejudicá-los no futuro.

— Não formo apenas pedreiros, mas também cavadores e transportadores de terra, carreteiros e, sobretudo, serventes de pedreiro, não é, Irmão Lourenço?

— Sim, respondeu ele. Certamente, não conseguirei ir além desse nível.

E pôs-se a rir com gosto.

O Pe. Préher continuou:

— O senhor sabe que somos bons amigos. Por isso, quero ajudá-lo a conseguir as travessas e os caibros de Cadete Rousselle de que me falou o Irmão Lourenço, mas, nessa construção, eu acho que o senhor passa dos limites. Não convém que os fiéis o vejam assim!...





Todos ao trabalho para ter uma habitação

— Sabem as horas em que me encontrarão na igreja e no presbitério. E lá sempre estarei bem vestido e limpo. Sabem também que podem me procurar aqui, em qualquer momento num estado de limpeza menos correto.

— E sua saúde?

— Até agora, o trabalho a melhora. Em todo caso, não é mais perigoso do que ir visitar um doente, numa noite de inverno, nos Palais.

— Você tem resposta para tudo. Em todo caso, eu, por amizade, lhe faço uma crítica com gentileza, mas não faltarão eclesiásticos que encontrarão uma razão para se indignar, digo bem: indignar.

— Estou bem convencido disso. Mas eles vão se cotizar para pagar os pedreiros que eu teria que contratar? Para mim, a vontade de Deus é muito clara! Primeiro, tenho quinze jovens para alimentar; segundo: não tenho dinheiro; terceiro, temos braços, um coração e cérebro. É preciso servir-nos disso.

E os muros da casa, um dia, se cobriram de traves e telhas.

Quanto ao recrutador ocasional, não gostava dessa vida de noviçado durante o qual a maior parte do tempo se passava em trabalhos manuais. O Pe. Champagnat, sem mostrar nada, o seguia de perto. Decididamente, ele era a mosca da carroça. Sobretudo, não parecia franco, e algumas de suas atitudes faziam duvidar de seu senso moral.

Na semana da Páscoa, João Luiz Duplay, que nessa época se livrava um pouco do ensino no seminário, passou por La Valla. Desculpou-se ainda uma vez, com Marcelino, de não saber ou de não ousar dirigi-lo:

— Esteja assim mesmo certo de toda minha estima. O Senhor o abençoa. Vejo que tem novos discípulos e que vão ter uma nova casa. Eu me alegro com isso, mas ao mesmo tempo estou espantado que o senhor esteja indo tão depressa.





— Mas não vou muito depressa. É Nossa Senhora que me instiga e me diz: “Eu te mando discípulos, discípulos que serão Irmãozinhos. Você não vai deixá-los na palha ainda muito tempo”.

Se eu ouvisse essas palavras com minhas próprias orelhas, eu não estaria mais convencido do que estou. Não fui eu que fui buscar esses jovens. Você quer que eu os mande embora, quando, por enquanto pelo menos, são modelares? Ah! Mas, pelo contrário, eu gostaria de mandar embora quem os trouxe.

— Neste caso, tenho aqui uma carta do Pe. Bochard que pode, quem sabe, resolver a situação. Antes de passar aqui, estive com o Pe. Dervieux que soube, sem dúvida através do Pe. Rebod, que um jovem lhe tinha trazido oito postulantes de Haute-Loire. Ora este jovem, antes de chegar aqui, deve ter feito outros pedidos, pois a carta que lhe apresento é uma autorização do Diretor da academia, com data de 25 de março de 1822, referente a Bento Guizard.

— Sim, é bem este o nome dele. Efetivamente tinha ares de conhecer um pouco o Pe. Bochard, mas ele apenas fala o que quer. De toda forma depois de ter feito sua experiência-relâmpago, parece que não tem nenhuma vontade de recomeçar o noviciado. Eu diria que se trata de um aventureiro, um espertalhão, tanto quanto esses poucos dias me permitiram certificar-me.

— Neste caso, por um instante volto a ser seu diretor espiritual. Meu conselho não compromete: dê-lhe esta carta e deixe-o decidir. Você pode também lhe dizer que o Pe. Bochard conta com ele, para Charlieu. Não sei bem como foi que o Pe. Bochard soube que ele estava aqui.

— Provavelmente, pelo Pe. Rebod, que se opõe cada vez mais ao que eu faço aqui. Como o consulto todos os dias depois da missa dele e da minha, e que lhe peço que me diga lealmente o que





Todos ao trabalho para ter uma habitação

pensa que Deus quer de mim, não se opõe redondamente ao que faço, mas me diz sem cessar: ‘Seja prudente! Seja prudente!’ E de tarde, se encontra alguém que acha que estou fazendo loucuras, seja ele eclesiástico ou outra pessoa, está pronto para criticar tudo. Evidentemente, é muito penoso, mas acabei por me acostumar e o Pe. Préher me ajuda muito. Como você, ele acha que vou muito depressa, mas como termina por aprovar, isso me dá segurança quanto à vontade de Deus.

— Finalmente, vejo que se eu não quis mais acompanhá-lo, Deus o conduz pela mão.

— Ao pé da letra, estou continuamente num túnel. Se não sentisse a mão do Senhor, eu pararia.

Marcelino chamou Bento Guizard e lhe deu a carta.

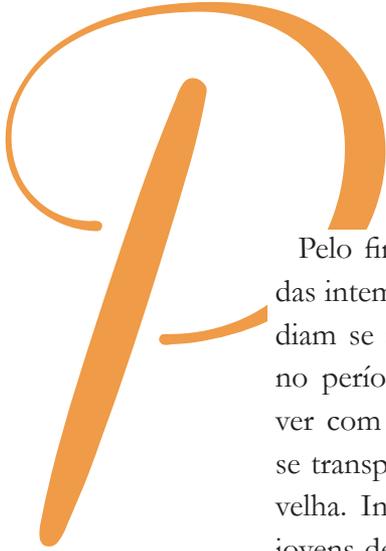
— Sim, disse o jovem, vou aceitar essa proposta. Obrigado por me ter permitido passar uns dias em sua casa. Mesmo tendo achado o regulamento muito rígido, devo dizer que conservarei boa lembrança de sua casa, e pode acontecer que de Charlieu eu lhe mande alguns bons rapazes. Mas é duas vezes mais longe do que a região de Bas-en-Basset.

— Seja feliz! Rezaremos por você. Lembro-lhe apenas que o trabalho de professor é um trabalho humilde no qual é preciso aceitar a monotonia. Não sei se você será capaz de se acomodar.



CAPÍTULO 28

*Visita
do
Inspetor*



Pelo fim de maio, a casa estava ao abrigo das intempéries. As chuvas da primavera podiam se abater sobre ela que resistiria. Mas no período preparatório foi preciso conviver com a lama dos aterros, um barro que se transportava por todos os cantos da casa velha. Intrigadas pela chegada sucessiva de jovens de Haute-Loire, as pessoas da cidade subiam sempre mais o caminho do cemitério velho para verificar o que estava acontecendo. Marcelino as saudava, dizia-lhes umas palavras amenas e continuava a dirigir os trabalhos com simplicidade e eficácia.

Às vezes, havia estranhos. Mas, no dia 26 de abril um deles causou estranheza. Cláudio Fayol notou este homem a cavalo, que apenas deu uma olhadela, e voltou a descer para o presbitério.

O personagem em questão saía agora do presbitério e se dirigia para a casa dos Irmãos, acompanhado pelo Pároco Rebod.

Marcelino desceu ao encontro deles.

O desconhecido lhe diz:





— Apresento-me, inspetor Guillard, delegado do Reitor D´Regel, para a visita das escolas.

— E eu mesmo, Marcelino Champagnat, vigário. Mas podemos voltar ao presbitério. Será mais cômodo para falar.

O Pároco Rebod pediu licença:

— Eu os deixo um minuto, sobretudo, porque o problema da escola se prende mais à atividade pastoral do meu vigário.

— Pois bem, Sr. Inspetor, estou à sua disposição para responder às suas perguntas e para visitar o que o senhor quiser na nossa escola. Digo-lhe, no entanto, que atualmente está sendo restaurada e mesmo em construção, o que faz com que não seja modelo de ordem e limpeza.

— Veremos. Mas, em primeiro lugar, umas perguntas: Quais são os efetivos?

— Chegamos a oitenta alunos em fevereiro.

— Oh! É já um número considerável. Por ocasião de uma visita anterior eu tinha encontrado apenas uma dezena.

— É que, sem dúvida, se tratava da escola do Sr. Montmartin, independente da nossa. Como logo de início quisemos uma escola popular, dissemos que não recusaríamos ninguém e que o pároco decidiria quem poderia ser considerado indigente e, portanto, não pagar nada. No entanto, os Irmãos foram treinados para usar o método simultâneo, que permite fazer trabalhar numa mesma sala grande número de alunos.

— Sim, incontestavelmente é um método bom. O método mútuo é também bom, mas não é do gosto dos Irmãos.⁵

⁵ Por volta de 1820, travou-se uma luta ideológica entre partidários do método simultâneo e do método mútuo. O último, de origem inglesa, permite a alfabetização de grandes grupos, mas, em geral, os padres o julgam pouco educador.





Visita do Inspetor

— Oh! Não tenho nada contra. Mas somos principiantes. Quis então seguir o método dos Irmãos das Escolas Cristãs que já foi aprovado. Quem sabe, um dia vou acrescentar a isso algo do método mútuo.

— Poderia ver seus alunos?

— Isso depende. As crianças de La Valla pararam de vir às aulas na Páscoa. Há quatro semanas que não estão mais na escola.

— Mas parece que o senhor tem latinistas.

— Não, não há mais nenhum desde o ano passado. Quando me avisaram que era preciso pagar uma taxa, parei imediatamente, porque não tinha dinheiro. Disseram-me que seria denunciado.

— E, com efeito, o foi. Quando fiz a inspeção de Saint-Genest-Malifaux, há dois anos, alguém, um de seus amigos, sem dúvida! pediu-me que lhe fizesse uma visita para constatar o fato.

— Sim, tenho bastantes amigos desse gênero que se encarregam de corrigir os meus erros.

— Confesso-lhe que fiquei bem contente de ter sido retido pela neve, naquele dia. Acho que esses regulamentos estão ultrapassados. Assim mesmo, aconselho que leia os textos, senão pode ter problemas.

— Por exemplo...

— Por exemplo, vejo e fico cheio de admiração ao saber que funda uma congregação. Será então necessário declarar-se às autoridades como fundador.

— Mas veja, a árvore apenas nasceu. Deixe que lance raízes.

— Eu quero bem esperar. Mas preste atenção. Você terá alguns de seus Irmãos que vão atingir a idade do serviço militar. Se tirarem um mau número, o senhor os perderá por seis anos. Se já são





diplomados, podem fazer uma promessa de ensinar dez anos, mas o senhor pode também fazer reconhecer sua congregação, como a dos Irmãos das Escolas Cristãs e, como eles, o senhor faria parte da universidade. Peça ao Pe. Bochart os papéis que devem ser preenchidos porque ele é o encarregado disso, em nível diocesano. Não são todas as pessoas que se entendem bem com o Pe. Bochart, mas não há escolha.

— Pois bem! Vou refletir sobre isso. Mas agradeço-lhe muito cordialmente essa informação, pois sou muito ignorante.

— Voltemos aos alunos que tem agora. Seu pároco me disse que estava de acordo com tudo o que o senhor fazia; parece-me que não é sempre esta a conversa que tem com o Pe. Bochart. Mas, agora, por exemplo, censura-o por ter recebido uma dezena de jovens, de não ter nada para fazê-los viver, de pedir às famílias que utilizem parte da herança que cabia aos jovens para pagar-lhe uma pensão. Segundo me parece, o senhor não está errando ao fazer isso, mas tenho impressão que não lhe perdoam nada. E é para esses jovens que o senhor construiu?

— Sim, chegaram inopinadamente do Haute-Loire, fazem-me boa impressão, mas desde um mês que estão aqui, fizeram sobretudo trabalho manual porque era preciso construir para alojá-los.

Agora chegavam à nova casa. Todos tinham que lutar, nesta lama do andar térreo que ainda não tinha sido possível cobrir com um assoalho.

— Bem que gostaria de mostrar-lhe tudo, mas o senhor vai ser o primeiro a nela entrar.

— Em resumo, se compreendo bem, esta dúzia de jovens, parece-me mesmo ter contado uns quinze, se destinam ao ensino?

— É exato!





Visita do Inspetor

— Apenas a casa esteja pronta, faça-lhes recuperar os tempos de estudo. Por enquanto, não somos muito exigentes, diante da falta assustadora de boas escolas, mas logo, logo, as exigências acadêmicas vão ser maiores. Pensa-se em escolas normais para formar professores. Isso os obrigará a se alinharem.

— Faremos isso de bom grado, mas confesso-lhe que não estou arrependido de ter, não por escolha, mas por obrigação, que formar meus Irmãos não só em leitura, escritura e cálculo, mas também nas profissões. Nos nossos campos, de mais a mais, é preciso que nossos alunos aprendam artesanatos, senão dar-se-á o êxodo para a cidade onde não são capazes de fazer nada e onde são tanto empregados quanto desempregados, expostos a todas as tentações. Pelo contrário, durante meu tempo de seminário, eu via chegarem, na primavera, os pedreiros da Creuse, e eu creio que tinham um trabalho muito mais humano que o dos tecelões, que penam em seus trabalhos das 4h da manhã às 8h da noite. E aos domingos, mais ou menos como durante a semana. Voltamos à escravidão do Egito. Será bem necessário encontrar um Moisés para libertá-los.

— Um Moisés ou algum novo Babeuf.⁶

— É possível. Note bem que nada tenho contra os tecelões e que, desde algum tempo, um dos meus jovens se entretém com tecelagem e a ensina a outros. Até aqui, para ganhar o pão fabricamos pregos, mas a tecelagem de fitas renderá mais. Se um dia tivermos que mudar de lugar, nós nos colocaremos, com os pequenos industriais da região, ao longo de um rio, para termos água e assim acionar moinhos. Com isso, poderemos mais facilmente receber órfãos e formá-los a uma profissão própria de nossa região.

⁶ NT: Babeuf, revolucionário francês, morto em 1797.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

Neste momento se apresentou o Pe. Rebod com um pedaço de papel. Tinha cara de estar entusiasmado.

— Escute, senhor inspetor, estes versos que pensei lhe oferecer. Vieram num ímpeto:

“Instruir a juventude é uma obra da graça.
Só a fazem os corações bem preparados.
Repete-se, repete-se, nunca a gente se cansa.
E a gota acabou a pedra por furar”.

No último verso, a inversão é um pouco forçada. Seria necessário tomar o tempo necessário para limar. Não sou Lamartine, mas leio com admiração suas “Meditações poéticas”.

— Muito bem! Muito bem, senhor Padre. Fico-lhe agradecido por sua atenção a meu respeito. Conversei longamente com seu vigário. O senhor o ajuda em seu trabalho educativo?

— Quero dizer que o aprecio, mas eu não sou homem eficaz como ele. Então, algumas vezes, me amedronta. Mas nos seis anos que aqui está, devo confessar que venceu muitos obstáculos e não foi à falência que todos pressagiavam.

— Mesmo o senhor, talvez.

— Sim, mesmo eu.



CAPÍTULO 29

*Os postulantes
do
Pe. Rouchon*



O Pe. Préher, por causa dos internos que tinha, ia muitas vezes a Saint-Etienne. Valbenoîte ficava no caminho, e ele gostava de visitar o Pe. Rouchon, que podia falar do período do Terror, da decisão tomada de se exilar em Roma, e, enfim, de sua volta durante o Diretório e de sua vida em clandestinidade, na região de Plantoy. Agora servia esta grande cidade às margens do Furan, cujos parquianos eram fabricantes de pregos, tecelões, tintureiros, trabalhadores nas minas, desde muitas gerações. Havia também agricultores. Tinha uma fortuna pessoal que lhe permitiu comprar a velha abadia cisterciense edificada no século XII e cujos quatro últimos monges haviam sido dispersados em 1791.

Uma parte do estabelecimento foi transformada em uma escola feminina, e em uma residência para a comunidade das Irmãs de São José. Outra parte foi transformada em presbitério, e a capela do mosteiro, em igreja paroquial. Sobrava espaço ainda para uma escola masculina e, eventualmente, uma comunidade de Irmãos. Mas o Pe. Rouchon não tinha os Irmãos. Na realidade, contava com





Os postulantes do Pe. Rouchon

alguns postulantes e noviços, mas nada lhe assegurava que tais vocações se confirmariam.

A chegada do Pe. Préher lhe deu grande alegria. Queria obter dele muitas informações.

— Vejamos, vejamos, prezado amigo, eu acho que o senhor é o homem de que preciso para saber o que se passa lá nas suas montanhas.

— Oh! Que eu saiba, não se passa muita coisa por lá. Do que quer falar?

— De seu amigo Champagnat. Escuta-se falar dele em Saint-Étienne e até em Valbenoîte. Alguns o apoiam. Outros o criticam. Eu tenho minha opinião. As obras de Deus devem sofrer contradição e tenho a impressão de que ela não poupa o Pe. Champagnat. Conheço-o um pouco, pois fui vigário em Saint-Genest-Malifaux, quando o pai dele vinha presidir a queima de títulos de nobreza, mas este revolucionário era um homem estimável e eu penso que Marcelino é também um padre igualmente digno de respeito.

— Sim, acredito que ele é um homem de Deus. Mas basta o senhor atravessar a montanha para ir verificar lá mesmo.

— O senhor brinca, mas é o que penso fazer.

— Em verdade, um pároco, de idade venerável, ir visitar um jovem vigário, que caminhada mais maluca!

— Sim, sim, eu quero ir para lá, por causa dele, sem dúvida, mas também por causa de seus Irmãos. Aqui, tenho Irmãos para a escola das meninas. Mas não tenho ainda nenhuma vocação sólida para a escola dos meninos. Bem que tentei fundar um grupinho, com o apoio do Padre André Coindre. Este santo homem tinha vindo pregar uma missão e tínhamos falado da formação de nossos futuros Irmãos. Os que eu recrutei chegaram mesmo a pronunciar votos, na igreja de Fourvière, visto que tinham resolvido ir viver com os





Irmãos do Pe. Coindre. Agora, no entanto, André teve que ceder seu lugar ao irmão dele, Francisco Vicente, e eu me relaciono mal com ele. Em todo caso, meus jovens ainda não fizeram um verdadeiro noviciado e seria insensato lançá-los no apostolado da escola, sem preparação. Então, quando fico sabendo que Champagnat já tem Irmãos em diversos municípios e, sobretudo, que estão contentes com eles, digo-me que se eu pudesse confiar-lhe meus rapazes seria perfeito. Avise-o, pois, que qualquer dia vou combinar com minha turma para subir em direção a La Valla. Partiremos bem cedinho, levando um farto piquenique, para partilhá-lo com os Pequenos Irmãos de Maria, é assim que se chamam?, pois uma das críticas que chegam até mim é que são mal alimentados.

— Quanto à quantidade, acho que vai mais ou menos, mas como são pobres, têm um cardápio verdadeiramente austero.

— A propósito, quantos são?

— Com o grupo de Haute-Loire, que chegou recentemente, devem ser quinze, e como por esses dias começam uma nova construção, quatro ou cinco Irmãos que estavam nas escolas vieram dar um bom reforço.

— O passeio me custará um pouco, mas uma vez por mês vou dar-lhes uma boa refeição. E se conseguirmos chegar a um bom arranjo, eu não me arrependerei disso. Avise o Pe. Champagnat que um desses dias vou vê-lo acompanhado de minha turma.

Efetivamente, oito dias depois, o Pe. Rouchon anunciava a seus postulantes:

— Amanhã, vamos para La Valla-en-Gier. Calcem bons sapatos, pois será preciso escalar a colina de Salvaris. Saindo pelas seis da manhã, poderemos chegar pelas onze ou meio-dia. Seremos hóspedes dos Pequenos Irmãos de Maria.





Os postulantes do Pe. Rouchon

A reação foi pouco entusiasta. Os jovens não demonstram muita curiosidade para saber quem eram estes Pequenos Irmãos de Maria. Para uma pequena cidade industrial como Valbenoîte, La Valla era uma cidadezinha agrícola, pouco interessante. E para que se ia para lá?

— Poderíamos ir por Rochetaillée, mas prefiro fazer-lhes conhecer outro caminho, talvez um pouquinho mais comprido, mas não muito, e que nunca fizemos até hoje em nossos passeios.

No dia seguinte, partimos em direção a La Marandinière e La Palle até Janon, passando por caminhos que reuniam entre elas diversas fazendas. A partir dali, a subida ia se tornar íngreme. O vale se fechava entre dois penhascos rochosos que apenas deixavam lugar para a passagem de um caminho que ladeava o Rio Quatre-Aigues. Este riachinho, que as águas das últimas chuvas haviam engrossado consideravelmente, cantarolava alegremente. O sol levante iluminava essa garganta sombria que se alargava aos poucos. A encosta da direita, com pouca terra, não deixava crescer senão glésias ainda longe da floração. Pelo contrário, à direita, encontrava-se uma matinha de betulácias que mergulhavam suas raízes no riacho. Mas, à medida que se subia, a encosta da direita estava completamente verde de pinheiros diante dos quais se erguiam, orgulhosamente, batalhões de carvalhos, que já estremeciam com uma verdura tenra de brotos prontos para explodir.

De repente, chegava-se a uma espécie de belvedere: Plagneux, pequeno planalto que dominava Janon e toda a cidade de Saint-Etienne iluminada pelo sol.

— Eis nossa grande cidade, diz o Pe. Rouchon. Talvez vocês nunca a tenham visto tão gloriosa entre essas colinas. Vocês sabem que se desenvolve rapidamente e que já tem uns 40.000 habitantes. Vejam





todos esses carrinhos na estrada de Saint-Chamond. Há muita vida ali! Não podemos ver Valbenoîte, pois está muito no fundo do vale do Furan, mas nossa pequena cidade fará, creio, parte da grande.

O panorama era realmente feérico sob um céu que a chuva e o vento haviam tornado tão luminoso que era possível ver todos os principais edifícios.

Os jovens ficavam admirados: “Não, nunca tinham visto sua sub-prefeitura sob um céu tão impressionante”.

— E lá no fundo, o que são esses montículos negros?

— É a poeira do carvão que se retira continuamente das minas, com vagonetes. Se continuarmos assim por um ou dois séculos, formar-se-ão verdadeiras colinas.

— E lá diante de nós que cidade é aquela?

— É uma cidadezinha: Saint-Jean-Bonnefonds, o país dos Beguinos, se vocês já ouviram falar deles.

— E mais à direita?

— Estão a Talaudière e, mais em cima, Sorbiers e, mais à esquerda, Villars.

Haviam tirado dos sacos gaitas de fole, algumas rodela de linguiça que cada um devorava com apetite, porque iam enfrentar outra parte da encosta.

— E aqui embaixo, o que é?

— Nós passamos por ali, agorinha mesmo! É o povoado de Janon, sem dúvida, derivado de Janus, pois este lugar já era conhecido pelos romanos. Esses já captavam a água do rio que também se chama Janon, para levá-la por um aqueduto até Lyon.

— Ah! sim, lembro-me dessas ruínas perto de Fourvière.

— E, em seguida, vocês veem, desde o ano passado, estão cons-





Os postulantes do Pe. Rouchon

truindo uma forja inglesa e altos-fornos. Há muito carvão. Há já muitos operários das minas. Operários para as forjas serão recrutados. Então, construirão casas, uma igreja e uma escola. Vocês verão que esse povoado logo se transformará em uma pequena cidade. Já chamam de Terrenoire essa parte nova que é uma criação da companhia Frèrejean.

Todos esses jovens se sentiam muito orgulhosos de pertencer a um conjunto urbano que se desenvolvia tanto.

— Bom, mas agora, a caminho, em direção a Salvaris.

E partiram seguindo um caminho que fazia um sem-número de curvas para que as charretes pudessem subir essa encosta verdadeiramente rude.

Com a altitude, a vegetação diminuía, mas nesse trajeto austero, os piriteiros davam uma nota de alegria. Pouco antes do povoado, o Pe. Rouchon reagrupou sua turma.

— Vamos deixar Salvaris, lá, a 500 metros, e vamos seguir em frente. Se quiserem podem correr, mas a subida os acalmará logo. De qualquer forma, quando chegarem à encruzilhada, me esperem. Conheço bem esses caminhos, pois me refugiei ali, quando fugia da polícia durante o Diretório. Mas na floresta que vamos atravessar, o melhor caminho nem sempre é evidente.

Os jovens o esperaram no lugar indicado. Agora via-se que iam mudar de vertente.

— Em Salvaris, estávamos a quase mil metros de altura. Aqui estamos bem acima de mil. Vou fazer-lhes descobrir as rochas de Ri-voire. É uma vista única sobre a cidade de La Valla e o Pilat. Mas prestem muita atenção porque é uma falésia a pique.

Andaram ainda uns dois quilômetros nessa mata que impedia toda a visão. Foi ainda preciso virar à direita. Tudo parecia muito com-





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

prido, mas, de repente, eis que se abria uma paisagem fantástica: gargantas, colinas recobertas de árvores resinosas e de carvalhos. No fundo, um riacho e, ao longe, o “Crêt de la Perdrix”, cimo do Pilat. No flanco da colina, o pequeno povoado de La Valla escalonava suas casas, e dezenas de povoados marcavam as colinas com sua pobre cor cinza.

Houve em primeiro lugar, em todos, um reflexo de admiração, pois o rochedo de Rivoire formava, de fato, um belíssimo belvedere. Mas o olho humano se cansa com tudo e, algum tempo depois, um dos jovens fazia essa consideração descabida: “É bonita! Mas que cidadezinha mixuruca ao lado da nossa Saint-Etienne!”

O Pe. Rouchon ficou um pouco chocado, mas logo tomou a ofensiva:

— Agora, é só descer. Vocês veem a igreja. Não há mais perigo de se perderem. Procurem encontrar as melhores trilhas e prestem atenção aos prados, pois as ervas estão crescendo. Vocês me esperam na igreja. Eu irei a meu passo.

Com efeito, um pouco abaixo encontravam o povoado de Choméol e de lá se descia para o Ban atravessando uma pequena ponte e, depois, se atacava a última encosta. Essa etapa foi mais silenciosa, porque a subida era rude, o cansaço se fazia sentir e os jovens se perguntavam com que intenção o superior os havia trazido para essa cidade perdida.



CAPÍTULO 30

*Um
encontro
decepcionante*



O Pe. Rouchon procurou fazer-lhes apreciar a antiguidade da igreja: “É tão antiga quanto a de Valbenoîte, talvez até mais, mas concordo que não é tão bela. Precisa ser restaurada e La Valla não é uma paróquia rica. Vamos até a casa dos Pequenos Irmãos de Maria”.

Champagnat, com uma batina da cor da terra, alinhava os tijolos que os noviços, calçados com tamancos, lhe passavam. Mais longe, outros continuavam a terraplanagem, outros extraíam pedras da colina, um pouco para criar um terraço e um pouco para alimentar a construção em curso.

Todos trabalhavam em silêncio. Logo antes da chegada dos visitantes, ouviu-se o badalo de uma sineta e uma voz anunciou: “São 11h: vamos fazer a oração da hora”.

Um “Glória ao Pai”, uma “Ave Maria” e uma invocação subiram ao céu, e cada qual voltou ao seu trabalho. Mas Marcelino percebeu a chegada do grupo.

Vendo, bem lá embaixo, o Pe. Rouchon de batina, que chegava como último de sua pequena turma, Marcelino bateu palmas:





Um encontro decepcionante

— Vejo os jovens de Valbenoîte de que lhes falei. Vamos parar o trabalho para acolhê-los. Vão lavar as mãos e depois das primeiras saudações, vocês e eu vamos nos vestir melhor.

O primeiro contato não foi muito caloroso, mas Marcelino fez como se não tivesse notado nada e desceu para ir ao encontro do Pe. Rouchon, que estava sentindo dificuldade para vencer os últimos metros da encosta.

Enquanto os Irmãos e noviços foram se trocar, Marcelino fez as honras da casa, da melhor maneira possível.

— Como o tempo está muito bonito, podemos comer ao ar livre, disse.

Com efeito, João Cláudio Fayol estava colocando grandes travessas sobre duas mesas rústicas que Champagnat havia acabado de fazer.

— Não são obras-primas de marcenaria, mas, na guerra, como na guerra. Todos esses jovens chegaram em fim de março ou começo de abril. Foi preciso fazer muitas coisas para alojá-los. Mas todos põem a mão na massa e, bem devagar, conseguimos sobreviver. O senhor sabe: como a rã que caiu no pote de nata. Ela se bate, se bate e, finalmente, a nata se torna manteiga e a rã se salva. Todos estamos nos debatendo e, pouco a pouco, saímos do apuro.

Os jovens de Valbenoîte riram com gosto da comparação, e o Pe. Rouchon lhes fez sinal de colocarem sobre a mesa os víveres que tinham trazido. Havia um pote de ervilha, vinagrete em uma garrafa, trinta belas fatias de carne e pedaços de marmelada genuína, isto é, feita com marmelo.

— Nós, hoje, colocamos em comum com vocês este alimento material. Que Maria nos dê a graça de caminhar para outras formas de vida fraterna com vocês.

O Pe. Champagnat bem que entendia o que queria dizer a oração





do Pe. Rouchon, mas ele via melhor agora do que no dia 19 de março qual era a vontade de Deus a respeito disso e disse simplesmente isso:

— Obrigado por este festim que vocês nos trazem. A carne é quase desconhecida aqui, mas Cláudio nos fez, creio, um purê muito bom, e temos um grande prato de salada, não sei como vocês o chamam em Valbenoîte. Não temos a variedade, mas temos a quantidade, como vocês verão. Vocês trouxeram pão branco. O que comemos é meio camaleão. Vendo-nos raramente limpos, toma nossa cor. Agora, me deem um pouco de tempo para me vestir corretamente.

Os noviços de La Valla começavam a voltar depois de se terem arrumado. O hábito que vestiam não lhes caía mal: calça e levita pretos. Mas que diferença com o elegante redingote com diversos coletes e a calça aristocrática dos jovens de Valbenoîte! Cada qual se apresentava bem, sem nada dizer.

Dez minutos depois, Marcelino se apresentou com uma bela batina e os sapatos bem engraxados.

— Normalmente, antes da refeição, fazemos uma visita ao Santíssimo Sacramento, porque há dois anos fizemos uma pequena capela, numa sala, debaixo do meu quarto. Mas visto que somos muito numerosos, ela seria pequena. Vamos, então, simplesmente nos virar para o campanário que vocês veem a duzentos metros, e pensaremos em Jesus no seu tabernáculo. O Pe. Rouchon conheceu os tempos em que se destruíam os campanários. Os revolucionários pensavam que os campanários eram um ato de orgulho dos padres, que levantavam suas igrejas acima das outras casas. Não, meus amigos, o campanário é o pregador do amor de Deus. Ele nos diz: “Deus levantou sua tenda entre nós e suas delícias consistem em morar com os filhos dos homens”. Escutem agora o toque do Ângelus. Sim, com os anjos vamos tornar a dizer a Maria a alegre notícia.





Um encontro decepcionante

Todos se puseram de joelhos, enquanto o sino tocava o tríplice chamado. O som argentino repercutia pelos vales, em ondas indefinidamente prolongadas, convidando todos os cristãos à contemplação do mistério de Deus, que se fez homem no seio de Maria. Quando o Ângelus terminou, Marcelino continuou sua exortação improvisada: “Sim, escutem este gozoso apelo de nossos sinos que tocam agora bem embalados. Dizem: Vinde a mim todos vós que estais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei. Vinde, vós que precisais de luz e de conselho, eu vos iluminarei e vos dirigirei. Vinde sorver os dons nas fontes de vosso salvador; ele tem as mãos cheias de graças, venham buscá-las e abrasar-vos em seu divino amor”.

Foram rezadas ainda as preces que se diziam todos os dias na visita ao Santíssimo. E depois, sentaram à mesa. Marcelino procurou misturar um pouco os dois grupos e convidá-los a melhor se conhecerem, mas a atmosfera parecia em compasso de espera, e o Pe. Rouchon o percebia, bem como Marcelino.

Todos comeram com apetite. O pão branco não durou muito e quando chegou a salada, foi preciso voltar ao pão ao qual a comunidade de La Valla estava acostumada. Os jovens da cidade convidavam que, com a salada, esse pão, que tinha mais farelo do que farinha, ainda ia, mas comê-lo com a marmelada, nem pensar! Essa era muito boa para estragá-la com o pão preto.

Marcelino, em sua cabeça, estava matutando uma de suas máximas favoritas sobre o espírito de penitência, mas viu que não era o momento propício e que nem toda verdade é boa para ser dita.

Depois da refeição, foi organizado um jogo de barra, o que permitiu aos dois padres terem um momento para intercambiar suas impressões.

— Eu observei meus jovens que conheço bem. Não são tímidos,





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

mas vejo que pareciam verdadeiramente frios pelo que viram ou imaginavam de sua austeridade. Seguramente, poderia sugerir a um ou outro de fazer uma experiência de vida com sua comunidade. Mas se não manifestam por eles mesmos esse desejo, é delicado e temo que ninguém o manifeste. Vamos então partir para Saint-Chamond, para pegar a diligência das 5h. Por hoje, eles já têm bastantes quilômetros nas pernas.

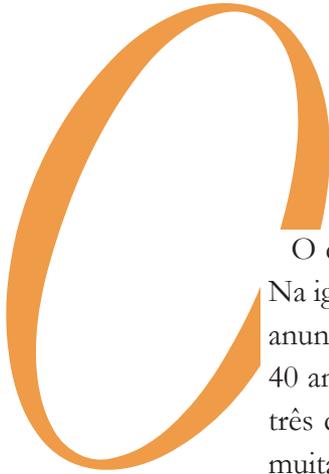
Os dois grupos se despediram como bons amigos, mas sem muita esperança de recomeçar a experiência. O Pe. Rouchon, no entanto, estava muito admirado com as maravilhas que Deus operava em La Valla e não deixou de dizê-lo a Champagnat.

— Não sei que proveito essa visita lhes trará, mas, em todo caso, ela faz de mim um homem convencido de que o senhor realiza a obra de Deus. Eu direi isso a quem pensa de modo diferente.



CAPÍTULO 31

O enterro
do
Pe. Alliot



O domingo seguinte era o dia 12 de maio. Na igreja de Marlhes o pároco Lázaro Alliot anunciava: “Meu tio João Antônio, pároco há 40 anos, acaba de falecer. Tinha 82 anos. Os três dias que seguem provocarão a vinda de muitas pessoas para as Rogações. Rezaremos, sem dúvida, pelos frutos da terra, mas rezaremos também para o eterno descanso de sua alma, para que quinta-feira, dia da Ascensão, possa ir ao encontro de Jesus Cristo de quem era o representante entre nós.”

Na saída da missa uma multidão fechou o cerco ao redor do prefeito:

— É necessário fazer um enterro muito solene.

— É preciso enterrá-lo dentro da igreja, como se fazia antes para os que o precederam.

— Sim, mas a lei agora o proíbe.

— Peçamos ao subprefeito que derrogue esta lei.

De fato, foram encaminhados ofícios, mas nada se conseguiu.

Em Rosey, durante o almoço, também houve perguntas.





O enterro do Pe. Alliot

— É preciso avisar Marcelino.

— Durante esses dias das Rogações estará ocupado em La Valla.

— E depois, recentemente, tirou os Irmãos de nossa escola.

— Não é uma razão. Se os retirou é porque devia fazê-lo, mas se ele não vier, haverá pessoas que ficarão escandalizadas.

— Sim, então é preciso preveni-lo.

João Bartolomeu então decidiu: “Apenas acabado o almoço, eu parto para Tarentaise, para avisar o Pe. Préher da morte do Pe. Alliot. Ele se arranjará para avisar Marcelino. Tarentaise já é um pedaço de caminho bem longo. Maria Ana e João Pedro, se quiserem me acompanhar, lhes garanto que hoje de noite vocês dormirão bem”.

Os dois pequeninos, dez e oito anos, concordaram.

Para o enterro, compareceu uma dúzia de padres. Marcelino estava presente entre eles, mas Lázaro Alliot, o sobrinho do pároco, se mostrou muito frio com ele. No cemitério, quando foram apresentadas as condolências, não agradeceu a Marcelino por ter vindo, como o fez para os outros padres. Apertou-lhe a mão como uma cara de distraído. E esse fato não passou despercebido.

Na volta para a sacristia, os comentários do clero não eram todos muito agradáveis.

— Vocês viram?

— Sim, as relações entre os filhos de Marlies e o clero desta cidade não parecem excelentes.

— Champagnat, ao que parece, retirou os Irmãos.

— Sim e pode ter sido esse fato que acabou com o pobre pároco Alliot.

— Veja lá!... Aos 82 anos, não é preciso querer acabar com alguém, como você diz.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

— Não é menos verdade que os Champagnat são todos um tanto esquisitos. Tenho impressão que os dois irmãos de Marcelino não fazem bons negócios. Lançam-se, emprestam e não se sabe bem como poderão pagar.

Neste momento, interveio um Padre de Saint-Etienne:

— Ah! bom. É toda a família que é assim. Então compreendo o que se diz, ao que parece, em La Valla: “Este jovem Champagnat é cheio de zelo, mas não é prudente: empresta, constrói e recebe um batalhão de jovens”.

Marcelino entrou nesse instante em silêncio porque, para ele, a sacristia é como a igreja, um lugar sagrado. Ele sabia muito bem que era dele que falavam, mas fez de conta que não ouviu nada. Tirou a alva, retomou o breviário e saudou a todos:

— Desculpem-me, mas amanhã é o dia da Ascensão. Muitos virão se confessar esta tarde e por isso é preciso voltar para casa.

Depois que partiu, a conversa retomou o mesmo assunto. Mas a defesa passou então a estar um pouco presente nesse tribunal. O cura Préher e o cura Soutrenon de Saint-Sauveur concordavam que era preciso defender Marcelino. O Pe. Colomb ficara na porta, mas à medida que os padres saíam, ele também entrou na conversa:

— Eu me arranjei para ter, para a escola, um bom estabelecimento e os Irmãos fazem um trabalho excelente. Todos estão contentes.

Préher acrescentou:

— Nem por isso é preciso dizer por aí que Champagnat joga dinheiro pelas janelas. Eu não o reprovo, antes o contrário. Consegue fazer tudo sozinho, quero dizer, com seus Irmãos. Vão lá ver agora. É toda uma casa que estão construindo.

Os que se opunham continuaram a se opor e um deles concluiu:





O enterro do Pe. Alliot

— Eu vim de Lyon para representar o arcebispado nestes funerais, e estou bem situado para saber que as acusações contra Champagnat continuam a chover. Ultimamente, se falou exatamente dessas construções de que o senhor fala. E um padre, cujo nome não direi, fez essa reflexão: “É uma loucura! O que é que ele quer fazer? Será que ele sabe o que é fundar? Fundar o quê? Por acaso, uma nova seita de beguinos?”

O Pe. Colomb sacudiu os ombros:

— Eu, eu lhes repito que tenho os Irmãos dele na minha escola e não tenho nenhuma vontade de deixá-los partir. Eu não julgo pelos diz-que-diz-ques, julgo pelos fatos. Não, não tenho nenhuma vontade de deixá-los ir embora.

Mas o lionês acrescentou com um ar misterioso:

— Ao menos que o Pe. Bochard não lhos retire.

— E quem é este Pe. Bochard?

— O Vigário-Geral, encarregado das escolas. Como ele mesmo quer fundar uma Congregação de Irmãos, não admite muito a concorrência.

— Pobre de mim! Há lugar para dez concorrentes na função de fundador. Conte o número de escolas existentes. Diga-me se há uma municipalidade sobre três que tenha uma escola decente?

Mas muitos padres já se haviam retirado não sabendo muito o que pensar nem dizer. O Pe. Colomb saudou os dois ou três que estavam ali, desatou o cavalo e partiu, troteando e resmungando: “Eu quero ver alguém me tirar os meus Irmãos de Saint-Sauveur!”

Para Marcelino, esse dia tornava mais lento o ritmo de sua construção, pois apenas ele sabia como levantar os muros e montar as traves. Mas pouco importa. Um dia de caminhada, para ele, era um dia de oração, pois a fé lhe fazia sentir a presença constante de Deus





a seu lado. Em uma semana faria também a peregrinação a La Louvesc, para a festa de São Francisco Régis. A festa do Corpo de Deus e a do Sagrado Coração já teriam sido celebradas.

Evidentemente, La Louvesc estava agora mais afastada do que quando, jovem seminarista, ele ia para lá, a partir de Marllhes, mas podia fazer uma breve parada em Bourg-Argental. Sem dúvida, era necessário contar três dias, mas o grosso da construção já estava terminado e podia reservar esses dias de penitência e solidão para falar longamente com o Senhor, com Nossa Senhora, São José, o anjo da guarda, os santos patronos, do que havia feito e do que restava por fazer, e do que haveria de sofrer, pois as obras de Deus não se fazem sem sacrifício.

Quando chegou a La Valla, esperava-o uma carta do Pe. Courveille, aquele que Marcelino considerava o iniciador da Sociedade de Maria. Estava cheia de erros de ortografia, como costumava fazer o autor dela, mas também repleta de entusiasmo. Depois de um pedido de Courveille e Colin, Pio VII respondera, em latim, sem a menor dúvida, louvando o projeto da Sociedade de Maria e convidando um dos signatários a ir ver o Núncio, em Paris.

Isso nada mudava a situação precária dos Irmãos, mas a fé, Marcelino pensava: “O Vigário de Cristo na terra, o Papa dá sua aprovação à Sociedade de Maria. Obrigado, Boa Mãe. Uma vez mais a Senhora nos toma pela mão. *Magnificat!*”

O Pe. Courveille falava também da escola que tinha aberto em Feurs havia dois ou três meses e que acabava de receber a visita do inspetor Guillard.

— Pode ser, dizia, que este seria o momento oportuno para fazer um pedido ao reitor da academia com o objetivo de obter o reconhecimento legal do governo francês, para os Irmãos Educadores.





O enterro do Pe. Alliot

Marcelino considera que pode pensar em tudo isso durante a próxima peregrinação, pois, de momento, o que urgia era alojar todo o seu pequeno mundo. Chegava-se aos dias mais compridos. Era preciso aproveitar essas horas preciosas da primavera.

Pelo fim de junho, escreveu ao Pe. Courveille propondo-lhe um encontro para preparar um texto do pedido a ser dirigido ao Pe. D'Regel, reitor da academia de Lyon. O Pe. Courveille aproveitou o encontro para se explicar. Tinha consciência clara de que Marcelino recebera delegação do grupo para fundar os Irmãos docentes, mas sendo ele mesmo o iniciador do conjunto, sentia-se obrigado a ter experiência de vida com cada ramo. Ele tinha aberto a escola de Feurs e já havia pedido de Irmãos para Panissières.

— O inspetor Guillard, acrescentou, me falou da visita que fez a La Valla e da necessidade de regularizar nossa situação. Penso então que poderíamos fazer nosso pedido e fazê-lo através do Pe. Bochard.

Marcelino, sem nada dizer da conversa que tivera com Courbon e Gardette, fez entender que ele não parecia estar muito bem conceituado no pensamento do Pe. Bochard, mas que o pedido era ajuizado e normal.

Foi escrito e, efetivamente, em fins de setembro o reitor podia assegurar aos dois signatários que transmitia o pedido ao Sr. Fraysinous, Decano da Universidade.

Em junho, os trabalhos de construção e paisagismo estavam terminados. Os alunos só voltariam às aulas no dia de Todos os Santos.

O mês de outubro permitira encontrar uma semana sossegada para fazer um retiro. Como nos anos anteriores, seria ainda Champagnat que o pregaria. Os noviços e os Irmãos das escolas tomariam também parte nas orações do mês do Rosário, na igreja. Um pouco mais tarde, em novembro, ele mesmo iria a Lyon para o seu retiro.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

Pela metade de outubro, João Luiz Duplay lhe comunicava uma notícia um tanto desagradável. Roma reformava a divisão de dioceses que havia sido combinada com Napoleão. A grande diocese de Lyon ia ser dividida em duas. Lyon se limitaria aos departamentos do Ródano e do Loire, e o departamento do Ain seria anexado à diocese de Belley. Isso significaria que Courveille e Champagnat ficariam em uma diocese e Colin na outra e que, assim, deveriam se entender com duas autoridades para o que se referisse à fundação da Sociedade de Maria.

À primeira vista, era uma complicação. Mas Maria, rainha do Rosário, que lhe fazia anunciar essa notícia durante o mês a ela consagrado, saberia dirigir esta decisão no melhor sentido. E, além disso, não deveria a Sociedade de Maria se abrir a todas as dioceses?

O departamento de Haute-Loire na nova distribuição do mapa eclesiástico tornava-se também diocese e Notre-Dame de Puy continuava a mandar vocações para La Valla. No fim desse ano, postulantes e noviços enchiam os novos locais.



CAPÍTULO 32

*Visita
a uma
escola*



O dia 25 de outubro de 1822 foi um grande dia. O retiro pregado pelo Pe. Champagnat terminava com a tomada de hábito de diversos desses novos Irmãos que haviam chegado em março. Normalmente, dava-se então o início do noviciado, mas era preciso também pensar nas exigências mais imediatas. Ora, João Maria Granjon insistira em ter mais um Irmão em Bourg-Argental.

— Padre, o senhor se dá conta: devo prever 200 alunos e para duas aulas.

— Mas onde encontrar um Irmão a mais? responde o Pe. Champagnat. Só temos este grupo de noviços. Falando a verdade, o menor deles, João Batista, seria capaz de dar aula. É inteligente. Estou certo de que terá disciplina. Leve-o. Fará o noviciado com vocês e lhes prestará serviço com as aulas.

Mandou chamar João Batista Furet, que acabava de receber o nome de Irmão João Batista.

— Escute: você deve ter pensado sobre a maravilha de seu chamado. Você respondeu a Deus que estaria disposto a fazer tudo



para ser fiel à Sua vontade. Mas esta vontade vai prová-lo e meio logo. Sinto-me obrigado a mandá-lo dar aula em Bourg-Argental. Lá, depois do almoço, será preciso que você fique com os mais atrasados para lhes ensinar: leitura, catecismo e as orações. E, de manhã, você vai preparar o almoço.

O pequeno Irmão João Batista estava terrificado, mas logo criou ânimo.

— Farei o que o senhor quiser. O que Deus quiser.

— A Santíssima Virgem tinha mais ou menos sua idade quando o Anjo Gabriel lhe anunciou que seria Mãe de Deus. Você pensará nela e ela o ajudará. Então, amanhã você prepara sua trouxinha e parte com o Irmão João Maria. Conte cinco boas horas para chegar até Bourg-Argental. Não posso acompanhá-lo, mas irei vê-lo antes do fim do mês, para me dar conta se o trabalho não é demais. Não esqueça que você é apenas noviço. Por isso, os meses que vão seguir serão seu noviciado. Se na Páscoa muitos alunos não vierem mais, eu o chamarei de volta para que continue o noviciado aqui. Enquanto espera, tenha confiança em Deus e Nossa Senhora.

Um dia depois de Todos os Santos, os três Irmãos estavam trabalhando. Os alunos dos anos precedentes já estavam acostumados ao silêncio, à ordem, e o método simultâneo fazia maravilhas. O Irmão Antônio tinha a aula dos “escritores”; o Irmão João Maria, embora Diretor, tinha a aula dos pequenos, a dos “leitores”, ajudado, depois do almoço, pelo Irmão João Batista.

Mas faziam-se outras obras de beneficência, sobretudo na quinta-feira à tarde, que era livre. Pedia-se esmola para os pobres da paróquia e para os alunos indigentes.

Havia preocupação com os doentes, tanto para acompanhá-los como para levar-lhes aquilo de que precisavam.



Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

Efetivamente, o Pe. Champagnat veio visitar a escola. Foi ver o pároco e o prefeito, Sr. Pleyné, que haviam querido essa escola.

Os dois declararam estar satisfeitos com o trabalho feito pelos Irmãos.

— Entretanto, diz Pleyné, eu me pergunto se o Irmão Superior não está pecando por excesso de piedade, penitência e caridade.

— O que é que o senhor quer dizer?

— Bem, eu já lhe falei disso na ocasião, naquela noite de oração da Quinta-Feira Santa que ele ficou de joelhos das 8 h da noite até as 8 h da manhã.

— Sim, é levado a todos os excessos de generosidade. Eu lhe falei disso quando o senhor me falou e acho que prestou atenção.

— Não sei. Vejo-o um pouco tenso e seus alunos vivem no medo. É de uma generosidade, com efeito, muito grande para com os pobres, e minha mulher se deu conta que as roupas que dá aos Irmãos, muito depressa aparecem nas costas dos pobres da paróquia. Tanto melhor, é verdade, mas eu acho que ele não devia ir além do rigor da regra. No começo do ano, levamos um tonel de vinho e açúcar à escola. Pediu para ir retirá-los porque a regra proibía tomar vinho, e o açúcar lhe parecia um luxo. Não vou criticar sua regra, mas, como digo, me parece que seria necessário não reforçar muito esse rigor, porque, com os meninos das turmas, a função de educador é verdadeiramente estafante. Eu não sei se nosso Diretor não se impõe tempos de oração muito longos, dias de jejum, enfim, um estilo de vida de trapista mais do que de um Irmão educador.

O pároco opinou no mesmo sentido:

— Deus sabe se em nossa região temos devoção a São Francisco Régis, mas acho que um Pequeno Irmão educador não pode imitar





Visita a uma escola

estritamente a piedade e as mortificações de São Francisco Régis, sem prejuízo de seu equilíbrio.

Marcelino concordou que estas observações eram sábias e disse que iria conversar de novo, a respeito disso, com o Irmão João Maria.

Os dois outros Irmãos disseram também que o regime alimentar da comunidade era um pouco justo, mas suficiente. Parecia-lhes, sim, que era na vida pessoal que o Irmão era um pouco exagerado na penitência e na oração. Ele não devia dormir o suficiente para se entregar à oração ou à assistência dos doentes, e a alegria comunitária não contava para ele. As relações com os alunos e com os Irmãos estavam se tornando tensas e isso, no primeiro mês de aulas.

Marcelino compreendeu que a situação era séria. Já havia sido obrigado a trocar João Maria de La Valla porque suas exigências poderiam desanimar jovens vocações. E agora, nada mudara.

Procurou fazê-lo raciocinar:

— Irmão João Maria, eu lhe torno a dizer que o ótimo é inimigo do bom. Nossa regra é rigorosa. Conte-se com isso. Já no tempo de Moisés, Deus dizia ao povo que devia observar as decisões dos sacerdotes sem se desviar nem à direita e nem à esquerda (Deut. 17,11). Nossa regra está apenas sendo esboçada. É certo que a regra de São Bernardo ou a de São Bruno se baseiam numa experiência bem maior que a nossa, mas não são feitas para nós. Eu lhe falei muitas vezes da moderação de São Francisco de Sales. Quando Mme. de Chantal o tomou como Diretor espiritual, os empregados daquela que ainda era uma grande dama diziam: “O diretor anterior de Madame só a fazia rezar três vezes por semana e isso fazia com que se tornasse insuportável. São Francisco de Sales a faz rezar o dia inteiro e ela não é incômoda para ninguém. Sabe fazer as crianças brincarem, ensina-nos o catecismo, acolhe os pobres, com muita





alegria. É o que você precisa descobrir, mas tranquilamente, por meio das orações jaculatórias. No momento da oração comunitária, faça-a o melhor possível com os Irmãos, mas saiba também tornar-se agradável, especialmente durante os momentos de recreio. Uma vez ou outra permito-lhe, com prazer, que vá cuidar de algum doente, se é no dia de folga. Mas se no dia seguinte, está o dia inteiro com os alunos, seu dever de estado é se ocupar em primeiro lugar de seus alunos.

Você se chama João Maria, isto é, seu patrono é João, o Evangelista, que recebeu Maria, ao pé da cruz, creio mesmo que é o primeiro Marista, como você é o primeiro Irmão Marista. Pois bem, eis o que uma lenda conta de São João, quando era velhinho: tinha passarinhos, creio que pombas, e se distraía com elas, pois eram muito mansas, vinham comer em suas mãos e pousavam em sua cabeça. Alguém veio visitá-lo, e o encontrou brincando assim:

“O quê? É João, aquele que repousou no peito de Cristo na Quinta-feira Santa?” João compreendeu o que significava o olhar admirado do visitante: “Você está admirado que eu brinque, em vez de, por exemplo, estar em oração? O espírito do homem é como um arco, não convém que um arco fique continuamente esticado porque perde sua força. Depois que serviu para atirar uma flecha, é preciso deixá-lo distender-se”.

João Maria não dizia nada. Parecia concordar, mas Marcelino não estava seguro de tê-lo convencido.

— É verdade que o Evangelho nos pede um ato de fé, mas não impede ao bom senso de exercer sua função. À força de querer fazer as coisas bem demais, a gente comete besteiras. Vou tomar alguns exemplos entre as coisas que o bom senso nos dita cada dia: você, por exemplo, tem em sua sala um filho De Pleyné. Essa crian-





Visita a uma escola

ça sempre viveu num ambiente rico, em aposentos bem limpos. Não está acostumada com o cheiro dos estábulos. Pelo contrário, você tem outro menino em cuja casa o estábulo está conjugado com a cozinha. Você não o coloca ao lado do filho De Pleyné. Esse se queixaria, não quereria mais voltar para a escola e, realmente, não poderia suportar fisicamente essa presença ao menos durante semanas seguidas. Ao lado do camponês, você colocaria um menino mais bem vestido, mas que, por ser camponês, também ele está acostumado aos odores do estábulo e nada sofre com isso. Não é assim que você faz?

— Não tenho exatamente esse caso na minha sala, mas tenho semelhantes, e presto atenção.

— Pois bem, aja em tudo com discrição e bom senso e tudo irá melhor. Você não tem paz e está voltado para um ideal completamente quimérico. Então, seus alunos têm medo e isso não é bom. É necessário ter disciplina e, nesse caso, sabemos que você é bom. Mas não se pode usar uma disciplina aterradora, é necessária uma disciplina paternal. Não esqueça que você é o primeiro Irmão Marista. É preciso que você seja um modelo, mas um modelo de Irmão Marista e não de eremita.



CAPÍTULO 33

*Personalidades
díficeis*



Na sua visita a Bourg-Argental, o Pe. Champagnat havia evitado tocar, com o Irmão João Maria, o recente encontro que teve com o Pe. Bochart.

Com efeito, havia ido, logo depois do retiro dos Irmãos, a Lyon, para fazer o retiro e conversar com João Luiz Duplay, embora este tivesse mantido provisoriamente a resolução de não ser mais seu diretor espiritual. Marcelino sentia-se à vontade para falar com ele e contar-lhe todas as dificuldades que encontrava. Havia ido também se encontrar com Gardette e Courbon, e este lhe repetira: “É preciso visitar o Pe. Bochart. Temo que lhe faça propostas inaceitáveis, mas é necessário ganhar tempo, peça para refletir. Ele é capaz de mudar de parecer da noite para o dia”.

Quando Marcelino chegou à casa do Pe. Bochart, compreendeu que a batalha seria particularmente difícil. Era preciso manter-se muito unido à Santíssima Virgem e confiar-lhe esta obra “que não é nossa, mas vossa”, como costumava dizer.





O Pe. Bochard acabava de escrever uma carta.

— Estou escrevendo ao Pe. Dervieux, e peço a você que leve esta carta na qual o faço juiz do que ele deve decidir a respeito de vocês, pois eu não quero a multiplicação de congregações de Irmãos que nascem hoje. Eu mesmo fundei Irmãos da Cruz. Não vejo razão para que, aqui e ali, surjam outros grupos de franco-atiradores. Tenho aqui uma casa. Tenho um mestre de noviços que é um homem de valor. Não vejo por que não teriam confiança em mim. O senhor tem quantos aspirantes?

— Atualmente, perto de vinte.

— Olalá! No ano passado, vocês eram apenas oito e agora o senhor tem vinte a mais! Onde é que toma o dinheiro necessário para sustentá-los?

— Trazem o que podem. E depois confiamos em Deus e em Maria, pois somos obra sua. E até agora, aguentamos.

— Obra de Maria! Obra de Maria! Mas eu proponho a obra da Cruz. Não é pior.

— Estou plenamente convencido que tudo deve ser obra da Cruz, mas em 1816, com uma dezena de outros padres, nós nos comprometemos solenemente a fundar a Sociedade de Maria. Um dos ramos desta sociedade seriam os Irmãos. Escrevemos isso depois de combinar com o Pe. Gardette e o Pe. Cholleton, atual Vigário-Geral, que seguiu nosso grupo durante mais de um ano e que concordava perfeitamente com nossa promessa. E agora, já faz seis anos que trabalho nesta obra dos Irmãos, da qual os demais me tinham encarregado. E o senhor vê que Nossa Senhora nos abençoa visivelmente.

— Sim, mas, enfim, é preciso discernir. Os grupos que chegam





Personalidades difíceis

e crescem tão rapidamente não me asseguram. Assim mesmo, vou acrescentar um *post-scriptum* à minha carta.

“O Pe. Cholleton, Vigário-Geral, como eu, participou no projeto da dita Sociedade de Maria. Eu lhe falarei, mas na espera, é preciso considerar o reagrupamento de que lhe falo, pelo menos para um noviçado comum.”

— Posso apresentar-lhe uma objeção?

— Certamente, se parte do bom senso.

— Não é só questão de bom senso, é uma questão de fato. O Pe. Rouchon, de Valbenoîte, tem também um grupo de jovens que se destinam à vida religiosa. Ele os levou em maio passado para La Valla, para ver se podiam se unir aos nossos.

— E então?

— Pois bem. Rezamos juntos, comemos juntos. Conversamos até de modo agradável. E tanto eu quanto o Pe. Rouchon percebemos que o projeto de união não devia nem mesmo ser apresentado.

— Você que crê tanto na Providência parece que, então, não acreditou.

— É possível que tenha faltado fé, mas não creio que todas as fusões sejam boas. No caso dos jovens de Valbenoîte, eles são gente da cidade, enquanto meus jovens vêm de La Valla, que é como Nazaré de Betsaida, e os últimos chegados são de Haute-Loire, para que saiba. Eu era de Haute-Loire em meu nascimento, de Velay, se quiser, então o senhor vê que eu juro num ambiente lionês.

Marcelino teve a inspiração de tomar esse tom ameno, para amolecer o adversário e, efetivamente, o Pe. Bochard partiu de uma gargalhada:

— Eu acrescento um segundo *post-scriptum*: “O Pe. Champagnat





teria tido recentemente contato com o Pe. Rouchon de Valbenoîte. O grupo de Rouchon teria vindo a La Valla para tentar uma fusão e não se sabe por que razão eles teriam voltado, sem mesmo falar dessa fusão. Assim pode ver facilmente por onde vão as coisas e tomar a decisão de resolver o que lhe proponho nesta carta”.

A batalha estava longe de ser vencida.

Marcelino passou pela casa do Pe. Dervieux em Saint-Chamond, entregou-lhe a carta e lhe pediu:

— Quer que eu espere para que o senhor tome conhecimento?

— Não tenho só isso a fazer. Eu examinarei esta carta com sossego e farei o que me parecer bom. Digo-lhe simplesmente que eu não esperarei até que você leve a paróquia de La Valla à bancarrota para tomar as decisões convenientes. Dizem-me que agora você teria uns vinte jovens. Ou você os deixa morrer de fome ou acumula dívidas que você camufla, ou as duas coisas ao mesmo tempo.

Nada mais havia a fazer senão percorrer os dez quilômetros de Saint-Chamond a La Valla, desfiando invocações a Maria: “Vós tudo fizestes entre nós. Sede sempre nosso recurso. Não é obra nossa, é a vossa”.

Chegou a La Valla um pouco deprimido, mas procurou esconder o mais possível a apreensão em que o haviam mergulhado as ameaças veladas do Pe. Dervieux. E o Pe. Rebod, que tomara uns tragos, procurava ainda atormentá-lo mais.

— Eu segurei o Pe. Dervieux, senão já teria mandado os policiais. Mandé de volta para as famílias ao menos os que não podem pagar, senão você vai se dar mal!

— Compreendo sua apreensão, mas acontece que as melhores vocações saem dos que são mais pobres. A pobreza deles não é motivo para despachá-los.





Personalidades difíceis

— Você é mesmo cabeçudo! Se os policiais vierem é porque você provocou essa vinda.

— Mas, enfim, até agora não há nenhum credor que me ameça. Pago minhas dívidas, pouco a pouco.

— Mas você não alimenta suficientemente seus jovens. Na idade deles, come-se bem!

— Eu melhoro o menu ordinário, à medida que posso.

— Mas por que não aceita a proposta do Pe. Bochard, confiando-lhe seus noviços?

— Pergunte a eles se têm vontade de ir para Lyon. No outro dia, quando vieram os jovens de Valbenoîte, os nossos se organizaram para me dizer isso.

— Ah! Ah!

— Sim, o senhor bem conhece o tipo de perguntas nas quais lhe dizem: “Os jovens do outro dia eram de um colégio que estava passeando? Há pessoas que disseram que eram noviços de outra congregação de Irmãos. Não é verdade, não?”

— O senhor vê, há coisas que é preciso sentir. É possível que as pessoas se sintam melhor lá onde são menos bem alimentadas, mas mais amadas. Pergunte às famílias pobres de La Valla se suas crianças querem ser adotadas por uma família rica e abandonar a própria família.

— Sim, concordo que não é evidente.

— Então, procure me apoiar um pouco contra os maus humores do Pe. Dervieux.

— Sim, é verdade. Eu fiz mal em concordar muito com ele. É ele que tem a cabeça perto do boné e leva a sério seu papel de Vigário-Geral. E então quando chego à casa dele, logo vem dizendo: “Ah!





Eis La Valla! Vejo o Pároco. Não vejo muitas vezes o vice-pároco. Seguramente, o seu Champagnat ainda deve estar construindo”. O tom com que fala essas coisas me impressiona e eu não sou mais capaz de o defender. Na próxima vez, sei o que vou lhe dizer: “Já são seis anos que Champagnat faz o que alguns chamam de loucura. Mas o povo o aprecia. Ele faz o bem e, em seis anos, não alarmou muito os credores. Não sei se é a Santíssima Virgem que o ajuda, se é o senhor Basson, um homem que vive de suas rendas e é muito piedoso, e eu vejo, às vezes, com ele, se é o Pe. Gardette, mas só sei que ele consegue sobreviver. Assim me parece”. Eis o que lhe direi quando voltar a falar dos policiais.

— Sim, bem que eu preciso que o senhor lhe fale nesse sentido. Diga-lhe também que as construções a levantar, as mesas e armários a fabricar, isso me ajuda a não quebrar, porque aguentar com ameaças contínuas sobre a cabeça é uma provação muito grande para os nervos. E se fosse preciso que eu ficasse por longas horas sentado no presbitério, como fazem outros padres, eu não faria nada. Eu não seria capaz de fixar minha atenção e me sentiria mal. O senhor deve saber que sou sensível. Não sabe quantas vezes eu chorei!

— E muitas vezes por minha culpa.

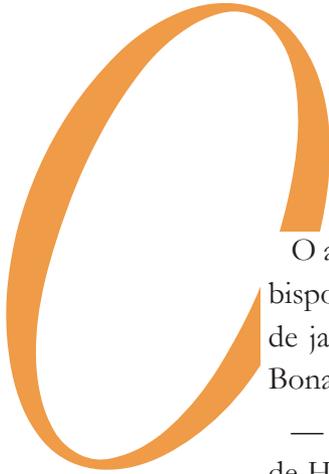
Naquela tarde, o Pe. Rebod acreditava que estava no caminho de uma verdadeira conversão. Abriu a Bíblia na epístola de São Tiago: “Se alguém dentre vós não tem sabedoria, que a peça a Deus... Mas que a peça com fé”.

E ele pensou: “Eis onde está a infelicidade: eu não sei pedir com fé. E eu me afasto de mais a mais da sabedoria”.



CAPÍTULO 34

O lembrai-vos
na *neve*



O ano de 1823 iniciava com a nomeação de bispos para as novas dioceses. Pela metade de janeiro sabia-se que, no dia 13, Dom de Bonald havia sido nomeado para Puy.

— Tenho uma notícia a todos os habitantes de Haute-Loire. Vocês passaram a pertencer à diocese de Puy, uma diocese extraordinária, na história da Igreja. O bispo era sufragâneo e recebia o pálio. Um dia, eu lhes explicarei todos estes termos clássicos e tudo o que faz a glória de Puy. Mas para os atuais Irmãozinhos de Maria, o que faz sua glória é que Nossa Senhora de Puy nos mandou mais vocações do que Nossa Senhora de Fourvière.

E todos os de Saint-Palous, os de Bassois, os de Tirengois aplaudiram freneticamente.

— Contem quantos de vocês são da diocese de Puy.

— 1, 2, 3... 10, 11.

— E acrescentem o Irmão João Batista, que está em Bourg-Argental.

— Ah sim, seguramente! Com ele, são 12.

— Pois bem! O seu Bispo se chama Dom





O lembrai-vos na neve

de Bonald. O pai dele é o visconde de Bonald, escritor famoso. Pode ser que um dia abramos escolas também em Haute-Loire. Já estão nos pedindo Irmãos para Boulieu, que está na Ardeche, portanto, na diocese de Viviers.

Marcelino poderia ter acrescentado que a criação da diocese de Beley acarretara também a nomeação de Dom Devie, mas isso já estava um pouco longe das perspectivas de seus jovens. Para o ramo dos Padres, pelo contrário, se tratava de um problema bem real. O que seria preciso fazer para que fosse reconhecida uma sociedade religiosa que dependia de duas autoridades?

O Pe. Colin escreveu ao Núncio, em Paris, para lhe pedir que autorizasse, antes da separação das dioceses, a reunião dos Padres aspirantes Maristas, mas foi em vão.

Por essa mesma época, isto é, em janeiro de 1823, chegava, em La Valla, o Pe. Pleyné, que havia aproveitado um belo dia para atravessar o Pilat a cavalo. Trazia uma notícia inquietante: o Irmão João Batista estava de cama, doente.

— Não vim expressamente para isso, mas como disse aos Irmãos que eu tinha negócios a tratar em Saint-Chamond, esses me pediram: “Avisar o Pe. Champagnat que o Irmão João Batista está com gripe que atacou também muitos dos seus alunos”. Eu pedi ao médico para que o fosse visitar. Nada de alarmante, mas o doente está com febre alta.

— Pois bem, amanhã irei vê-lo, respondeu Marcelino.

Dito e feito. No dia seguinte, de manhã, depois da missa e do café, tomou com ele o Irmão Estanislau e, com grandes passadas, subia até o Bessat. O tempo ainda era bom, mas o céu ia se cobrindo aos poucos. O outro lado da montanha estava mais ensolarado até perto de Graix. Mas, à medida que iam se aproximando de Bourg-Argen-





tal, soprava um vento frio e flocos de neve voavam, derretendo-se antes de tocarem o chão.

Marcelino ficou agradavelmente surpreso ao encontrar o seu pequeno Irmão João Batista em pé e que lhe anunciava não ter mais febre.

— Dado que tudo está bem, voltaremos logo depois de comer, porque amanhã de tarde, sábado, tenho penitentes para confessar.

O pároco, avisado de que o Pe. Champagnat estava lá, chegou neste momento e logo depois a Sra. Pleyné. Mas, durante a refeição, a neve começou a cair em grandes flocos.

— O senhor não vai partir com este tempo, diz a senhora Pleyné. Seria sumamente imprudente. Se aqui, com 600 metros de altitude temos neve, o senhor pode adivinhar o que será no Bessat, a 1.200 metros!

— Não, não, é preciso que eu parta. Demoramos quatro horas para vir até aqui. Nós não levaremos mais tempo para a volta. É 1h da tarde. Às 5h, estaremos em La Valla e ainda será dia.

Todos insistiram para retê-lo, mas nada adiantou. Os dois partiram provocando a maior preocupação naqueles que eles deixavam e que ficaram contemplando a neve que caía, apreensivos, pela perspectiva de uma infelicidade.

Os três ou quatro primeiros quilômetros foram vencidos galhardamente. Mas já no entroncamento do caminho de Thélis-la-Combe havia uma camada de dez centímetros de neve, e o vento atacava o rosto cegando-os com o turbilhão dos flocos. À medida que adiantavam, os caminhos se tornavam difíceis de reconhecer.

Marcelino achou que era preciso passar o riozinho por uma pontezinha ainda visível. Mas, depois, era preciso seguir diretamente para o norte, sem caminho. E o vento não parava e os flocos de neve se tornavam mais espessos. Pelas 5h, havia uns vinte centímetros de





O lembrai-vos na neve

neve e a noite caía depressa. Era possível ver em que direção andar para atingir Graix. Entretanto, como afundavam na neve, só era possível continuar com extrema lentidão.

Nenhuma casa à vista e a noite ia chegando. Marcelino agora, bem consciente de sua imprudência, não podia deixar de pensar em São Régis, que também se perdeu na neve, encontrou uma choupana vazia para se abrigar um pouco e contraiu uma pneumonia da qual morreu uma semana mais tarde. E, nessa tarde, não havia nem sequer uma choupana vazia para se abrigar um pouco, contrair uma pneumonia e morrer uma semana depois.

— E nessa tarde não há nem mesmo uma choupana vazia! Vamos experimentar subir o mais possível. Pode ser que não estejamos muito longe do cimo Chatelard.

Mas o Irmão Estanislau, cansado por essa ascensão e respirando mal, entre esses flocos que o vento frio atirava contra o rosto, tropeçou e, ao mesmo tempo, disse: “Não aguento mais!”

— Então, meu amigo, chegou o momento em que Pedro afunda e grita: “Senhor, salva-me!” Vamos também gritar: “Lembrai-vos, ó dulcíssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que recorreram à vossa proteção ou imploraram o vosso socorro, ou pediram vossa intercessão foi por vós abandonado”.

Irmão Estanislau, diga comigo: “Lembrai-vos, dulcíssima Virgem Maria”. Mas o Irmão Estanislau nada mais dizia. Marcelino o levantou e lhe fez dar uns passos, como um sonâmbulo. E continuava a gritar: “Lembrai-vos o dulcíssima Virgem Maria! Lembrai-vos que sois nossa Mãe”. Mas esses gritos, por mais altos que fossem, eram silenciados pelo uivo do vento.

“Animado por esta mesma confiança, corro para vós, Ó Virgem das Virgens, ó minha Mãe! Lembrai-vos, Lembrai-vos!” E o vento





gelado respondia como em um tom macabro: Uh!... uh!...

Mas apurando o ouvido, escutava-se agora um ruído: talvez um latido. Haveria alguma casa por ali? – Sim... uma lâmpada tremeluz na noite. Alguém está lá a uns 200 metros: “Senhor, como sois bom! Ó boa Mãe tu nos ouviste!”

E Marcelino, andando em direção à luz, empurrava diante dele o Irmão Estanislau que titubeava, mas recobrava um pouco a consciência.

— Onde estamos?

— Estamos a dois passos de uma casa. Vamos, Irmão Estanislau, cante comigo: *Magnificat!*

E Marcelino recobrava toda sua voz para cantar o *Magnificat*. Curiosa procissão na neve: os dois viajantes seguindo um camponês, que levantou o mais possível seu candeeiro a óleo, com pistão, feliz por ter salvado duas vidas humanas. O Irmão Estanislau sentia que as forças estavam voltando. Marcelino cantava “a plenos pulmões”, e um cachorro seguia atrás, latindo de alegria.

Na cozinha, onde entraram, havia uma senhora jovem e uma criança de cinco anos.

— Oh! Mas são dois padres!

— Sim, um padre e um Irmão que quiseram voltar para casa, em La Valla, partindo de Bourg-Argental. Foi culpa minha. Eu fui cabeçudo. Peço-lhe perdão, Irmão Estanislau, pois eu o coloquei em perigo de morte.

A mulher e a criancinha estavam espantadas. O homem interveio:

— Vamos, mamãe, prepare vinho bem quente para estes senhores que estão enrijecidos de frio. Vamos, temos precisamente duas cadeiras. Sentem e esquentem-se diante do forno. O senhor falava de perigo de morte. Pode estar seguro de que a palavra não é exa-





O lembrai-vos na neve

gerada. Quase todos os anos, quando a neve derrete, encontram-se cadáveres, gente que se perdeu, tentou ir adiante, desmaiou de cansaço e eis, Irmão, o que poderia ter-lhe acontecido.

— E a mim também. Eu aguentaria um pouco mais, mas, no fim, eu também teria desmaiado de fraqueza. Agora, vamos conhecer-nos melhor: eu sou o Pe. Champagnat, de La Valla, e meu companheiro, que começa a ressuscitar, é o Irmão Estanislau.

— Eu sou José Donnet, minha esposa, Joana Maria, e minha filha, Maria Antonieta.

— No seminário estive com um Donnet de Bourg-Argental.

— Sim, conheço. Certamente, podemos ser parentes, mas não saberia lhe dizer em que grau.

— E como foi que o senhor saiu de casa, justamente no momento em que eu precisava tanto?

— Não sei. Uma inspiração. Com o vento frio que soprava, tive vontade de ir ver se não havia alguma porta ou alguma janela batendo. Mas, na verdade, eu não tinha nenhuma razão para sair neste tempo de cão, e meu cachorro tampouco queria me seguir. O estábulo está encostado em nossa cozinha. Bastava-me abrir esta porta. Mas me senti levado a sair. Verdadeiramente, é a palavra que usarei até o fim de minha vida: eu me senti empurrado. E logo que abri a porta, o cachorro deve tê-los notado e se pôs a latir. E, então, escutei sua voz que dizia alguma coisa como: “Lembrai-vos”. O senhor deve ter uma voz formidável, pois para ser ouvido com este vento frio e nevasca...

— Sim, eu gritava: o “Lembrai-vos”. Ó mãe bendita, quanto lhe agradeço!

— Daqui a pouco vocês farão a oração. Nós ainda não a fizemos e





não é todos os dias que temos um padre para fazê-la conosco.

O relógio deu 8h, a senhora Donnet havia conseguido arrancar os sapatos dos dois visitantes para que eles pudessem se esquentar. O fogão crepitava e, em uma bacia de lata, o vinho esquentava. O Sr. Donnet, enquanto falava, colocou dois seixos grandes de rio no forno situado logo abaixo do fogão e que ainda estava todo vermelho, depois de ter cozido um grande pão de cinco libras, cujo perfume embalsamava a cozinha.

Foi preciso preparar uma verdadeira janta. A família havia comido um pouco antes. Não sobrara sopa. Não tinha havido tempo para fazer mais. Mas fazer um bom omelete é coisa fácil. E depois, linguiça e queijo.

— E tomem logo este vinho quente. Isso os reanimará.

— Sim! Sim! Irmão Estanislau, não tenha medo! Nós normalmente só bebemos água, mas esta noite é festa de ressurreição. A Boa Mãe nos salvou. Bebamos à sua saúde, à sua saúde eterna!

Marcelino entoou o *Memento rerum Conditor* que cantava em suas viagens. E o Sr. Donnet o cantava com ele.

— Sou cantor, na igreja. Sou eu também que recolho as esmolas no domingo. O senhor vê que na casa dos Donnet não somos muito revolucionários. Demos à nossa filha o nome de Maria Antonieta, em honra da rainha que guilhotinaram esses patifes de 93. Não esqueci também o que nos dizia nosso pai: “Para nossa região, uma das piores coisas que fizeram foi de nos roubar nossos sinos. Desde então ainda não foi possível ter dinheiro para comprar pelo menos um”. E ali está o resultado: quando há neve, não temos nada para orientar os desgarrados. Num tempo como este, nosso sineiro teria tocado o sino durante uma hora, se necessário fosse, e até mais. E isso os teria orientado em direção a Graix.





O lembrai-vos na neve

O Irmão Estanislau voltava pouco a pouco a si. A menininha adormecera nos braços da mãe. Era o Sr. Donnet que agora servia seus hóspedes, sem esquecer o famoso cachorro.

— Vamos, Tutu, um pedaço de biscoito. Você também merece participar da festa. Você vai se lembrar desta noite. Vamos! Agora, vá logo se deitar na estrebaria.

E abriu a porta do estábulo.

Marcelino tirou, então, do bolso uma garrafinha colocada em um cilindro de madeira.

— Isto é “Chartreuse”, diz Donnet ao vê-la. Meu primo, que é pai do abade e que é farmacêutico em Bourg-Argental, me pagou uma vez. É formidável!...

— Quanto a mim, quem me fez conhecer foi uma senhora de Saint-Chamond. Eu sempre levo um pouco quando vou visitar os doentes, que muitas vezes estão morrendo. Quando lhes administro os últimos sacramentos, dou-lhes um pouco. Isso os torna mais lúcidos para a confissão, para responder às orações. Mas hoje, nos permitirá de brindarmos juntos. E para o Irmão Estanislau, penso que isso lhe restituirá toda sua vitalidade, pois ainda não o ouvimos.

O Irmão Estanislau sorriu e permitiu que lhe virassem um copinho.

Depois, houve um bom momento de oração, com o Pai Nosso, a Ave-Maria, o Creio em Deus Pai, o Eu Pecador, os atos de fé, esperança, caridade e contrição, as ladainhas de nossa Senhora e o Lembrai-vos.

Foi Donnet quem puxou a oração, a pedido do Pe. Champagnat. Este benzeu depois a casa, os seus ocupantes, senhor Donnet, sua esposa, sua filhinha e a criança que estava para nascer, pois Joana Maria estava grávida.





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

— Poderíamos ainda acrescentar um *De profundis*, para minhas duas esposas, acrescentou Donnet. Eu me casei há seis anos. Eu tinha 19 anos. Minha primeira mulher me deu esta criança e morreu três anos depois. Um ano depois, tornei a me casar. Minha segunda esposa me deu um filho que morreu com um mês. A mãe morreu um ano e meio depois.

Então, no ano passado me casei novamente e penso que sua bênção dará saúde a nós que estamos aqui e aos que virão.

Não pôde acrescentar nada, pois chorava copiosamente, e disse toda a última frase, entre soluços.

A senhora Donnet não havia perdido o tempo. Durante a refeição ela refizera a cama da cozinha. Colocou no caixotão, debaixo da cama, duas grandes pedras que havia esquentado durante todo o dia e que tinha enrolado em um pano.

— Os senhores dormirão nesta cama. Penso que conseguirão se esquentar, pois esta é uma cama fechada.

— Oh! Conheço bem essas camas. Sou de Marlhês. E estamos na mesma altitude que lá. Então, por força, a gente se defende do mesmo jeito. Mas onde é que vocês vão dormir?

— Em cima, no celeiro. Temos ali outra cama que usamos, sobretudo, no verão.

— Então, para que nós nos sintamos aquecidos, vocês vão ficar no frio?

— Absolutamente. Meu marido colocou, há pouco, duas grandes pedras no forno e também começam a ficar quentes. E, além disso, com acolchoados e um bom edredon, não temos medo nenhum. Por outro lado, este celeiro está em cima do estábulo e isso também fornece calor.





O lembrai-vos na neve

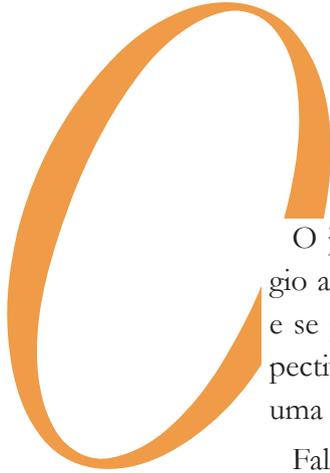
O Sr. Donnet colocou mais umas achas de lenha no fogão para que o fogo pudesse ainda favorecer o sono dos dois hóspedes e também para que seus sapatos acabassem de secar.

Eram 9h quando se deitaram, louvando a Deus e sua Santa Mãe.



CAPÍTULO 35

A todo
pecado,
misericórdia



O jovem casal se levantou quando o relógio anunciava 5h. Os dois viajantes também e se prepararam para partir, apesar da perspectiva pouco agradável de ter que andar em uma neve bastante espessa.

Falando a verdade, fazia ainda muito frio, mas o vento havia parado e a neve estava dura. Não afundava, mas estava escorregadia.

— Não importa, disse Marcelino. Iremos até Tarentaise, na casa do Pe. Préher e lá celebrarei a missa.

Recusou então toda comida ou bebida que lhe ofereciam generosamente.

— Vocês sabem que o jejum eucarístico é estrito. Não se incomodem. Tomaremos café na casa do Pe. Préher.

O Irmão Estanislau estava em perfeita forma, um pouco resfriado, mas nada de grave se manifestava.

— Obrigado ainda! Nós poderíamos ajudá-los a ordenhar, mas temos muito caminho pela frente.

Todos riram e se despediram:





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

“Bendita seja a Virgem Maria! Benditas sejam as pessoas de que se serviu para nos salvar! E você, Tutu, você é um bom cachorro. Não tenho nada para lhe dar, mas na próxima vez que eu passar por aqui, lhe trarei biscoitos”.

Duas horas depois, estavam em Tarentaise e, depois da missa, Marcelino pôde, enquanto tomavam o café, contar as emoções da noite anterior.

— Pois sim, acrescentou o Irmão Estanislau, eu podia ter me transformado num pequeno monte de neve e na primavera, certamente, os corvos me descobririam antes dos homens.

— Oh, mas mesmo assim, retificou Marcelino, em La Valla haveria 20 noviços que teriam batido a região para nos reencontrar.

— Certo! Mas onde iriam procurar? Melhor não pensar nisso e louvar ao Senhor e à Boa Mãe.

A neve estava menos espessa na vertente de La Valla. Decidiram não perder tempo para voltar para casa. Seria então mais fácil trocar as meias e os sapatos. E ter os pés secos em um bom par de tamancos.

*

* *

E a vida voltou ao ritmo de sempre. Estava-se perto do aniversário da chegada milagrosa das novas vocações. Infelizmente, seria marcado por uma notícia ruim. Uma vez mais, foi o Pe. Préher quem a trouxe.

— O Irmão João Maria nos deixou. Disse que ia para a Trapa de Aiguebelle, que reconheceu que essa era sua vocação. Nada pôde ser feito para demovê-lo. E ainda faltam diversas semanas antes da Páscoa. Isso significa que as salas estão cheias de alunos. Seu pequeno





A todo pecado, misericórdia

Irmão João Batista é já um pedagogo perito, e enquanto espera, dá conta do recado, mas isso não pode se prolongar. Entretanto, essa fuga faz pensar e deixa má impressão porque o Sr. Brolle, que era o único professor e exercia também outras profissões complementares: mestre escrivão, cantor, secretário da prefeitura, não deixará de criticar esses Irmãos de Maria que considera concorrentes. Vim, porque os dois Irmãos que ficaram não podem deixar os alunos para vir lhe suplicar, de sua parte e da minha: “Encontre alguém, para nos mandar!”

Marcelino parecia não reagir. Houve longos momentos de silêncio porque o Pe. Pleyné não ousava acrescentar outras explicações, e, menos ainda, apresentar qualquer sugestão.

— Eu vou, disse Marcelino, falar disso com meu Recurso Habitual. Ela me salvou da morte, no outro dia, quando eu estava voltando de lá, ela deve ter ainda uma solução miraculosa para Bourg-Argental. Acho que falei claro: miraculosa, pois não tenho ninguém, mas o Senhor pode de uma pedra tirar um filho de Abraão. Então, se o senhor tem assuntos a tratar em Saint-Chamond pode ir, e na volta lhe direi qual foi a solução milagrosa que o meu Recurso Habitual me fez achar.

Saudou o Pe. Pleyné e subiu para a capela onde ficou por um longo tempo. Depois, chamou o Irmão Luiz.

— Acabo de falar com o Pe. Pleyné e depois com Jesus e nosso Recurso Habitual. O Irmão João Maria fugiu para a trapa. É preciso substituí-lo e eu pensei em você.

— Estou nas suas mãos. Se o senhor acha que devo deixar meus noviços, eu os deixarei mesmo se isso me custe muito. Tenho para com todos eles um grande afeto. Posso saber quem é que o senhor vai colocar no meu lugar?





— O pequeno Irmão João Pedro, que fez todas as promessas, há pouco tempo. Evidentemente, isso parecerá estranho a muitos, mas é o único que tenho. É um santo religioso que tem o maior espírito de família. Ele não estará sozinho, pois eu estarei lá, ao lado dele, sobretudo agora que os grandes trabalhos de organização da casa e arredores estão terminados. Vá, pois, despedir-se do Pe. Rebod e parta amanhã cedo. Vê-se que a neve desapareceu do Pilat e os caminhos estarão mais ou menos bons.

O Irmão Luiz encontrou o Pe. Rebod muito mal disposto a acolher sua despedida.

— É uma insensatez. Agora que vocês têm postulantes e noviços para formar, eis que o mandam para outro lugar. Seu Pe. Champagnat perdeu completamente a cabeça. Realmente, vocês não o devem mais escutar, pois ele vai fazer-lhes esquecer todas as regras do bom senso. Eu lhe digo: Fique aqui. Eu o empregarei se quiser. Você é muito talentoso. Prometo-lhe que o empregarei de acordo com suas capacidades. Mas tenho também ideias e não o deixarei sem ocupação.

— Perdão, Padre, mas no que concerne meu futuro, não me preocupo. Quero apenas fazer a vontade de Deus e ela é clara para mim: é a de meu superior, o Pe. Champagnat. Há já cinco anos que fiz as promessas. Não se trata de romper meu compromisso. Vim simplesmente dizer-lhe que o estimo e me despedir do senhor. Sem dúvida, na Páscoa virei dar uma volta por aqui para visitar meu sucessor e ver se tudo está bem.

— E quem é seu sucessor?

— O Irmão João Pedro, de Burdignes.

— Mas será possível?! Apenas acabou o Noviciado e já é mestre de noviços?!

— É verdade que tem pouca formação, mas tem quatro ou cinco





A todo pecado, misericórdia

anos mais do que eu. Não se pode dizer que lhe falta maturidade.

— Está bem. Nada tenho contra você, mas tenho contra seu Pe. Champagnat e lho direi.

O fim dessa quaresma foi verdadeiramente uma provação para Marcelino. Seguramente, em Bourg-Argental, o pessoal estava contente, mas no cantão de Saint-Chamond, o Pe. Rebod se encarregou de não deixar ignorar a notícia, nenhum daqueles “sábios virtuosos” sempre prontos à indignação sagrada.

— Vou contar-lhe a última notícia. Não se assuste!...

— Não, não é verdade!

E patati, patatá...

De acordo com seu costume, o Pe. Préher fez o papel de Nicodemos nesse ambiente hostil. “É verdade, parece que, com Champagnat, estamos no reverso do bom senso. Mas o que é curioso é que as coisas vão para frente. No evangelho deve haver algo verdadeiro: ‘É preciso tornar-se criança’.”

Essa maneira indireta de dizer aos padres que eles não acreditam no que constitui a base de sua fé podia irritar mais de um. Mas curiosamente, o Espírito Santo nos desconcerta, serenou a atmosfera. O Pe. Dervieux começava a preparar na sua cabeça uma diatribe contra este Champagnat, modelo de incoerência e destruidor de boas vontades. De repente, pergunta-se se ele não escorregava em um pecado contra o Espírito Santo. Havia anos que não fazia nenhuma concessão a esse vice-pároco zeloso e, no entanto, gente de valor como Gardette, Courbon, Cholleton e agora Préher não o julgavam tão mal. Apesar de tudo, não seria bom adotar a solução de Gamaliel quando defendeu os apóstolos diante do Sinédrio: “Se esta obra vem dos homens, ela se destruirá sozinha. Mas se ela vem verdadeiramente de Deus, vocês não conseguirão destruí-la. Não corram o





risco de entrar em guerra contra Deus” (Atos, 5,39).

— Escute, disse ao Pe. Rebod, que se despedia, não me fale mais de Champagnat nem em bem, nem em mal. Se o Pe. Bochard tornar a insistir que Champagnat tem que unir seus noviços aos dele, isso é da conta dele, mas não seria eu que o instigaria a fazê-lo. Não sei o que acaba de se passar em mim, mas, como Gamaliel, não quero me expor a estar em guerra contra Deus. Ontem, ouvi falar dessa história do “Lembrai-vos” nas gargantas de Graix, recobertas de neve e eu me dizia: ainda uma loucura deste Champagnat. Agora me falam de outra forma de imprudência em Bourg-Argental. Mas por que é preciso ver tudo isso de modo tão negativo? Não sei mais o que pensar. Por isso, ao menos provisoriamente, deixo de julgar. Não me falem mais nada deste Champagnat. Não farei mais nada, não direi mais nada, nem a favor dele nem contra ele. É isso! É a decisão que acabo de tomar. Eu decido rápido. É assim! Que o Espírito Santo me mostre qual é a verdade.

O Pe. Rebod voltou a La Valla bastante desgastado, mas feliz por sentir que isso o recolocava na linha das promessas feitas a este Marcelino que, no fundo, estimava muito, apesar de tudo. Decidiu ir logo ao encontro dele e, sem cerimônias, passou às confissões:

— No outro dia eu lhe disse que era, às vezes, o Pe. Dervieux que me comunicava sua irritação contra você, mas o mais das vezes era eu que o excitava. E hoje, por exemplo, no que se refere à troca do Irmão Luiz, eu estava indignado e queria que ele também estivesse.

— Pois é, a resposta está nos Atos dos Apóstolos, capítulo 5, versículo 19: Gamaliel, se você quiser melhor. Você vê?!

— Vejo bem, sim! Isso significa que a perseguição vai acabar do lado de Saint-Chamond. Esperemos que as notícias da troca de La Valla não cheguem até Lyon! Assim mesmo, vou pôr o Pe. Courbon





A todo pecado, misericórdia

a par do acontecido, explicando-lhe os motivos e verei o que vai me dizer o que fazer com relação ao Pe. Bochart. Em todo caso, não sei eu que irei espalhar seja o que for. Eu me coloco de joelhos diante de você, neste momento, e lhe peço para ouvir minha confissão.

E o Pe. Rebod confessou diante de seu vice-pároco todas as maledicências, as interpretações caluniosas, as caçoadas das quais se havia tornado culpável, em reuniões de sacerdotes e de simples fiéis.

Tal sinceridade e sua contrição eram evidentes. Marcelino só podia absolver, em nome do Senhor, que tantas vezes passara de uma atitude má à desculpa, do desejo de agradar a uma assembleia, ao pesar de tê-lo feito.

Como penitência, Marcelino aconselhou o Pe. Rebod a ler, ele também, o capítulo 5 dos Atos dos Apóstolos.



CAPÍTULO 36

*Galicanoismo
ou
“galicanagem”*



E

Em 1823, os noviços que haviam recebido a batina em 1822 sabiam ler, escrever e fazer as contas muito bem, haviam sido iniciados no método simultâneo e obtiveram o aprendizado suficiente para começar a ensinar. O Pe. Champagnat lhes dera ao mesmo tempo uma boa instrução religiosa que os autorizava a ensinar um catecismo simples por meio de perguntas e respostas.

Como também cartas de párocos e de prefeitos chegavam, cada vez com maior frequência, era preciso dar-lhes atendimento, e a abertura dessas escolas proporcionava, também, um pouco de dinheiro à casa-mãe. O salário de 400 francos por ano era, na verdade, bem parco, mas os Irmãos se contentavam com tão pouco, que podiam mandar uma parte para cobrir as despesas das construções de La Valla.

Em Bourg-Argental, o ano terminou bem, mas a fuga do Irmão João Maria havia deixado má impressão e isso iria se refletir no ano seguinte. Entretanto, novos pedidos foram





atendidos para Boulieu, Vanosc (Ardèche), e Saint-Symphorien-sur-Coise (Ródano).

Por sua parte, o Pe. João Cláudio Colin fizera, em junho, uma nova tentativa na Nunciatura de Paris, para conseguir aprovar suas constituições e, assim, fundar uma congregação independente do Bispo de Lyon e do Bispo de Beley. Porém, perplexo, diante de perspectivas pouco confiáveis para a Sociedade de Maria, havia sido encorajado por Paulina Jaricot, esta santa lionesa, fundadora do Rosário Vivo e da obra da Propagação da Fé.

Pelo final de agosto de 1823, a cristandade ficou sabendo da morte de Pio VII, falecido no dia 20 do mesmo mês. Marcelino soube da notícia no Seminário Maior de Lyon, ao chegar para seu retiro, que começava no dia 24.

Foi saudar o Pe. Bochard, perguntando-se se este não ia falar de novo da questão do noviciado. Mas, coisa de causar estranheza, o Pe. Bochard se havia transformado no mais amável dos homens. Não fazia a menor referência a essa questão e apenas desejou a Marcelino um bom retiro. Marcelino soube pelo Pe. Courveille que o Inspetor Poupar havia passado pela planície de Forez e visitado em Feurs e outras localidades vizinhas, escolas de Irmãos.

— Mas o que é que o senhor entende por “escolas de Irmãos”? perguntou Champagnat. Eu sabia que o senhor tinha uma. Abriu outras?

— Na verdade, não fui eu, mas um ex-irmão das Escolas Cristãs, a mando do Pe. Bochard. É um pouco mestre de noviços em Lyon e se desloca, vez por outra, em direção à planície de Forez, para animar os professores.

O Pe. Bochard nada dissera a respeito disso tudo a Marcelino. Tinha outras preocupações.





Galicismo ou “galicanagem”

Quando o retiro começou, soube-se que Pe. Bochart, que não participava dele, havia reservado uma hora. Dizia que tinha que apresentar “um problema grave para a diocese”.

Cada qual adiantava diversas hipóteses a respeito do que o Padre iria dizer, e isso não favorecia o silêncio do retiro. Marcelino passou as primeiras horas do retiro na capela. Não tinha vindo para satisfazer sua curiosidade, mas para intensificar uma conversão diária, que sempre precisa recomeçar.

O orador chegou bastante descontraído e fez sinal para que todos se sentassem.

“Senhores, acredito que todos vocês já sabem da notícia que nós aqui em Lyon já recebemos há dois ou três dias: Pio VII faleceu no dia 20 de agosto. Sei que rezaram juntos para o repouso da alma do Sumo Pontífice. Se pedi para lhes falar, é para alertá-los a respeito de uma consequência a temer com a eleição do novo Papa. Creio saber que ao menos um dos *papabili* teria a intenção de retirar do Cardeal José Fesch os direitos de administração de nossa diocese. Uma das soluções previstas é, inclusive, a nomeação de um Bispo administrador, o que privaria o primaz das Gálias de toda ação direta ou indireta sobre sua diocese.

Ora, neste caso acho que a Santa Sé está contra as liberdades galicanas proclamadas no século XV, diante do exercício sem controle do poder pontifical e solenemente reformulado em 1692, pela eminentemente personalidade que vocês conhecem.

Sim, será que tenho que lhes lembrar a parte que teve o grande Bossuet neste enunciado que nossas escolas de Teologia nunca deixaram de ensinar depois?

Circunstâncias totalmente políticas fazem com que nosso Cardeal Arcebispo esteja no exílio, em Roma, mas não apresenta sua demis-





são porque continua fiel à sua arquidiocese, que é, para ele, a esposa com a qual está ligado até a morte.

Acho que devemos estar atentos e talvez, desde agora, escrever para Roma uma petição que diga, claramente, que a arquidiocese de Lyon não admitirá uma atitude da Santa Sé que não tomasse em consideração as liberdades galicanas”.

A assembleia estava muda. Esse mutismo deveria ser interpretado como estupor, aprovação, indignação? Houve um longo silêncio. Finalmente, foi uma pessoa estranha à arquidiocese que tomou a palavra.

“Sou Vigário-Geral de outra diocese. Decidi fazer um retiro com vocês e eu não pensava ter que tomar a palavra, porque um retiro é feito para escutar o pregador, para escutar a Deus e eu lhes confesso que estou surpreso com este intermédio, que, do meu ponto de vista, nos desvia do essencial para nos decidir, a respeito de um tema acessório, uma atitude que me parece injusta. As considerações que foram feitas poderiam ser aceitas 50 anos atrás, mas, depois, todos vocês sabem, como eu, o que se passou.

Se quiserem, contentemo-nos com a Concordata. Para dar a paz religiosa à filha primogênita da Igreja, que concessões incríveis Pio VII, de venerável memória, não permitiu?! Não foi apenas a um Bispo e, sim, a 52 que ele pediu sua demissão para permitir ao Cônsul Bonaparte, sobrinho do dito Cardeal Fesch, organizar a Igreja da França segundo sua devoção. Posso mesmo dizer que essa solução foi benéfica, mesmo se, no princípio, fosse muito injusta. Era um fato sem precedentes em toda a história da Igreja. Ora, todos os Bispos, pouco a pouco, consentiram em fazer esse sacrifício. Vocês sabem, como eu, todas as pérfidas insinuações levantadas contra nosso Bem-amado Pio VII. Dizia-se: ‘Pio VI perdeu seus estados





Galicismo ou “galicanagem”

para conservar a fé; Pio VII perdeu a fé para guardar seus estados’.

Se, então, estamos à procura de precedentes ao caso que nos é submetido, nunca um período, nunca um país conheceu tantos.

Como, por outra parte, nosso venerado defunto foi capaz de levar sua benevolência até suportar que a imensa diocese de Lyon, venerável entre nós por suas origens, fosse dirigida por um chefe que reside a 300 léguas e além das fronteiras, e isso por oito anos?! É isso que é surpreendente e não o fato de querer terminar com esta anormalidade. Que um novo papa queira pôr fim a esse provisório é, ao que me parece, o que há de mais conforme com o direito canônico.

Agora, no entanto, o que desejo é que voltemos ao recolhimento e ao retiro. Peço desculpas ao Pe. Bochard por essa intervenção, mas acredito que era o que Deus queria de mim agora, ao me expressar com essa liberdade, mesmo se não se trate de uma liberdade galicana.”

O jogo de palavras criou um momento de distensão. Depois disso, houve um murmúrio e todos se puseram a comentar com os mais próximos de si o que cada qual pensava. O Pe. Bochard bem que tentou retomar a palavra, mas só o pôde fazer com uma meia dúzia de ouvintes que queriam escutar seus argumentos. Pouco a pouco, cada um se retirou ao quarto ou à capela.

Após o almoço, Marcelino foi até o arcebispado com a esperança de encontrar o Pe. Courbon, que, efetivamente, estava em casa.

—Venho vê-lo porque gostaria de continuar tranquilamente meu retiro. Ora, eis o que se passou. Não entendo bem as tais liberdades galicanas que nos foram muito bem explicadas no seminário. Mas achei totalmente razoável o que disse o Vigário-Geral que se opôs ao Pe. Bochard. Eis, por alto, o que disse...

—Já estou a par. Já sei. Contaram-me tudo durante a refeição. Eu vou dizer-lhe simplesmente meu pensamento. Se fizerem circular





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

uma petição em nome da diocese de Lyon, para que a Santa Sé não nomeie um Bispo administrador, mas deixe o Cardeal Fesch, titular do arcebispado etc. ou outras fórmulas semelhantes, não assine. Essas encrencas já não pertencem ao galicanismo: a isso eu daria o nome de ‘galicanagem’.

Antes de deixar Lyon, o Pe. Champagnat foi se despedir do Pe. Bouchard e anunciar-lhe que deveria ceder diante de diversos pedidos: no dia de Todos os Santos, abriria Saint-Symphorien-le-Château,⁷ Boulieu e Vanosc.

— Mas as duas últimas não são da diocese de Lyon? Sim, sim, sei que sua Sociedade de Maria procura evadir-se de nossa diocese. Seu amigo Colin bem que procura obter as boas graças do Bispo de Puy, agora que está enquadrado na diocese de Belley. Verá bem o que vai fazer com Dom Devie, que lhe apertará os parafusos.

— Na verdade, não queremos escapar. Queremos ser fiéis e obedientes a todos os nossos bispos, mas, no meu caso, Boulieu está a dois passos de Bourg-Argental, e as necessidades são as mesmas por toda parte. O Sr. de Vogue, de Boulieu, conhece evidentemente bem o Sr. Pleyné de Bourg-Argental. O Sr. de Vogue perdeu um filho de nove anos. Como disse: “Com minha mulher, preparei-o o melhor possível para a morte, mas quantas famílias perdem filhos na mesma idade que o nosso e essas crianças morrem quase sem pensar em Deus, porque seus pais vivem sem verdadeira fé. Precisamos de Irmãos para lhes ensinar a instrução primária, mas, sobretudo, ensinar-lhes o catecismo e uma vida de piedade alimentada pela oração e pelos sacramentos”. Como é possível resistir a estes argumentos? É um caso semelhante que decidi a vocação de meu primeiro Irmão.

— Ah! sim! O que fugiu para a trapa!

⁷ Hoje, Saint-Symphorien-sur-Coise.





Galicismo ou “galicanagem”

— Oh! O senhor está perfeitamente informado, senhor Vigário-Geral! Mas, enfim, posso lhe afirmar que, ao menos por agora, voltou ao aprisco.

— Sim, o senhor não me conta tudo, mas há outros que se encarregam disso! Um pouco menos, ultimamente. Tem-se a impressão que se espera o administrador.

— Em todo caso, eu, quando o senhor falou dele, era bem a primeira vez que ouvia essa designação. Não sou muito forte em direito canônico.

— É bem a desculpa que você sempre invoca; “você não sabe de nada!”. Você acha que vê sinais da parte de Deus. Você anda um pouco por todas as platibandas. E então, quando é que vai me mandar seus noviços?

— Todos eles, praticamente, já fizeram suas promessas e, com o número de pedidos que chegaram, já tenho que empregar a maioria como professores. Isso significa que já não são mais noviços.

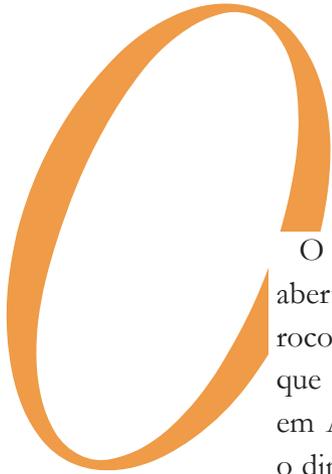
— Isso lhe permite não procurar um bom mestre de noviços. Quanto a isso, devo confessar-lhe que eu também não encontro. É pena que não possamos nos compreender. Mas, enfim, não me iludo. A diocese não escapará dessa detestável solução de um administrador. E eu só terei que fazer uma coisa: desaparecer. Até à vista, Pe. Champagnat! Reze por mim.

— Até à vista, Sr. Vigário-Geral. Seguro que rezarei pelas suas intenções.



CAPÍTULO 37

Um
tempo
para
ser
consolidado



O Conde de Vogue teve grande parte na abertura de Boulieu, mas o Pe. Dumas, o pároco, não a desejava menos. Via todo o bem que os Irmãos das Escolas Cristãs faziam em Annonay, mas não tinha como arrumar o dinheiro necessário para uma tal fundação em Boulieu. Tendo-se o Conde Vogue comprometido a pagar a metade da despesa e a prefeitura, a outra metade, o Pe. Dumas pôde recorrer ao Pe. Champagnat que, em outubro de 1823, lhe mandava o Irmão João Pedro e o Irmão Bartolomeu.

Evidentemente, agia com o apoio do Bispo de Viviers, que aceitava também a abertura da escola de Vanosc. O Pe. Champagnat seguiu mais de perto as adaptações que se faziam em Boulieu, para acolher Irmãos e alunos. A experiência adquirida nas construções de La Valla lhe permitia, como ele mesmo dizia, se tornar não apenas pedreiro, mas mesmo arquiteto de uma construção modesta.

Os alunos acorreram. Desde os primeiros dias, passavam de cem e cada dia vinham outros. O Irmão João Pedro era um verdadeiro





Nascido em 1789 - Vida de São Marcelino Champagnat II

santo e ia ser amado e venerado. Quando morreu, os pais de um aluno que faleceu logo depois dele pediram para que fosse enterrado no túmulo em que se enterraria o filho.

Para Vanosc, o Pe. Champagnat mandou o Irmão Lourenço e o pequeno Irmão Francisco que, na verdade, já havia chegado aos quinze anos.

Quanto ao Irmão João Maria, voltara da trapa com a cabeça baixa, mas a cura não parecia evidente. O Pe. Champagnat lhe propôs abrir a escola de Saint-Symphorien e ele, com efeito, a abriu, reabrindo, ao menos durante um ano, bastante dinamismo para dar satisfação à população. Mas, infelizmente, seu equilíbrio nervoso continuava frágil.

Por outro lado, sua escapada para a trapa havia afetado o Irmão João Francisco Roumesy, que sonhava com outra forma de dedicação junto aos pobres. Provisoriamente, o Pe. Champagnat conseguira fazer-lhe admitir que ninguém tinha vocação para acabar com todos os males do mundo e que era preciso cumprir um trabalho concreto decidido com o Superior como sendo a vontade de Deus. Mas sentia que essa verdade era mal aceita e que o Irmão João Francisco, um homem talentoso, iria um dia escapar-lhe para correr atrás de um ideal quimérico.

Esse ano escolar de 1824 começava, então, cheio de esperança, mas não era isento de pontos negros.

Ainda surgiam, umas atrás das outras, as grandes notícias que chegavam com alguns dias de atraso.

No dia 28 de setembro, um novo Papa foi eleito: Anibal Della Genga, que tomou o nome de Leão XII. Os que eram bem informados nos meios romanos pensam que, efetivamente, iria de novo, como Pio VII, pedir ao Cardeal Fesch que desse sua demissão e que





Um tempo para ser consolado

ele recusaria como antes, e que o Papa nomearia um administrador para a diocese de Lyon. Isso aconteceu no dia 22 de dezembro de 1823. Um breve do Papa comunica ao governo francês que Dom Gaston de Pins foi nomeado administrador da diocese de Lyon e que ele escolheu o Pe. Courbon e o Pe. Barou como Vigários-Gerais.

O Pe. Bochart foi colocado de lado. Levantou um violento protesto quando o Pe. Besson, amigo de Dom de Pins, veio, no dia 17 de fevereiro, tomar posse da sede de Lyon, em nome do eleito, mas no dia seguinte o Bispo procedeu à sua entrada solene.

O fim do ano de 1823 marca, realmente, uma etapa no itinerário espiritual de Marcelino. As provações continuarão. Entretanto, a série de tropeços que o atacaram durante esses anos, e que voltarão a surgir continuamente, irá sossegar momentaneamente com a atitude do atual Bispo, favorável à Sociedade de Maria.

Marcelino, para dizer a verdade, não tem tempo para se manter a par dos acontecimentos. Fica sabendo deles por Rebod, por João Luiz Duplay. Quanto a ele, é preciso que visite as escolas, veja o que é preciso fazer para obter o salário combinado: o que devem pagar os municípios e o que é recebido dos alunos que pagam. E acontece também que algum Irmão vem a La Valla para expor um problema, uma situação.

Um sábado de tarde é o Irmão João Pedro que chega de Boulieu, depois de cinco ou seis horas de caminhada. No dia seguinte, assiste à missa solene. Nessa época se comungava poucas vezes e, sobretudo, não se comungava durante a missa solene. Em compensação, durante essa liturgia distribuía-se o pão bento. Um padre benzia este pão (que podia ser um bolo oferecido por uma família). A fórmula usada era: “Senhor Jesus Cristo, pão dos anjos, verdadeiro pão da vida eterna, digna-te abençoar este pão como abençoaste os cinco





pães no deserto, para que todos os que o provarem gozem de saúde corporal e espiritual”.

Essa bênção, completamente independente da Eucaristia, era um símbolo de comunhão entre os fiéis que iam comer esse mesmo pão:

*Pão bendito eu te como,
Em meu coração te espero,
Se eu morrer subitamente,
Serve-me como Santíssimo Sacramento.*

As sobras ficavam para o clero. Como o Irmão João Pedro queria partir bem cedo, o Pe. Champagnat lhe deu os pedaços que, naquele domingo, eram de um bolo excelente: “Você vai comê-los pela estrada, pois essa longa caminhada vai lhe dar apetite”.

— Eu não o farei, respondeu o Irmão. Nós os comeremos em comunidade, pensando no senhor e em nossos Irmãos de La Valla.

O Pe. Champagnat ficou comovido até às lágrimas. O Senhor lhe havia feito pagar muito caro a fundação de seu Instituto, mas quantas graças lhe concedia por tantos Irmãos santos!

*

* *

No dia 8 de fevereiro de 1824, morria o Pe. Courbon, primeiro Vigário-Geral. Era um grande sustentáculo de Marcelino que desaparecia, mas o Pe. Baron, que havia sido seu diretor no Seminário menor, de Verrières, era também seu amigo. Pouco depois, foi nomeado o Pe. Cholleton, que tinha o melhor conhecimento possível da Sociedade de Maria. E depois havia Dom de Pins, que queria conhecer os Padres que, em sua diocese, manifestaram a ideia de fun-





Um tempo para ser consolado

dar a Sociedade de Maria. Desde a chegada lhe haviam falado dessa sociedade, sem esquecer esse ramo dos Irmãos que se desenvolvia muito depressa. Por isso, no dia 23 de março de 1824, uma determinação do conselho episcopal se dirigia a eles: “O Pe. Champagnat, vigário de La Valla, conseguiu formar Irmãos para as escolas; fica determinado que será favorecido nessa boa obra”.



CAPÍTULO 38

*Escolha
de uma
Casa-mãe*



O mês de março de 1824 irá levar o Pe. Champagnat a viajar para Lyon e a pousar nessa cidade, pois, como lhe fez saber o Pe. Gardette, o novo arcebispo é totalmente favorável a ele.

Da mesma forma que é preciso estar preparado para as provações, é preciso também estar pronto para receber favores. Acontece, também, que a saúde do Pe. Rebod não é das melhores. É preciso recorrer a uma ajuda de fora para essa quaresma de 1824. Ora, o Pe. João Batista Seyve está disponível desde o final de 1832. Não se sabe por que deixou a paróquia de Arthun para onde tinha sido nomeado, havia dois anos, depois de seu estágio em Tarentaise. Mas como nunca dera seu nome para fazer parte da Sociedade de Maria, seria para ele uma ocasião de mostrar suas aptidões para as missões. Durante a quaresma, pregaria uma missão, residiria em La Valla, e o Pe. Champagnat podia se ausentar uma vez ou outra, sem que a paróquia ficasse desprovida de padre.





Essa ideia é submetida ao Pe. Rebod, que a aceita sem pestanejar.

Desde o primeiro domingo da quaresma, ouvem o novo pregador. E Marcelino pode, sem mais demora, pensar em uma visita ao arcebispo. João Luis Duplay lhe explicou que o Pe. Gardette havia falado ao arcebispo a favor dele.

No conselho episcopal da Quarta-feira de Cinzas, ele manifestou grande interesse pela obra dos Irmãos e obteve do conselho um voto que favorecia essa nova congregação. O Pe. Gardette gostaria de se encontrar com Marcelino para ver como continuar.

Foi na quinta-feira de tarde que Marcelino desceu a Saint-Chamond para embarcar na diligência de Lyon. O Pe. Dervieux, que ele foi saudar, parecia completamente mudado.

— Ah! Pe. Champagnat, o Pe. Préher foi meu Gamaliel. Você compreende os enigmas?

— Sim, o Pe. Rebod me explicou tudo. Obrigado por sua amizade, que me será certamente necessária no futuro.

Em Lyon, o Pe. Champagnat vai, primeiro, visitar o Pe. Gardette no Seminário Maior.

— Eu escrevi duas cartas. A primeira é para o senhor, no caso em que o não tivesse encontrado logo. A segunda é para o Arcebispo. Em resumo, lhe digo que sou um camponês, nada intelectual, apesar de doze anos de estudo, e por isso gostaria que o senhor refizesse minha carta ao Arcebispo. Na carta ao Arcebispo, explico minha situação: Membro de uma Sociedade de Maria com quatro ramos, tendo feito a Nossa Senhora de Fourvière a promessa solene de fundar esta Sociedade, custasse o que custasse, o único a ser encarregado pelos outros de fundar o ramo dos Irmãos. Meus primeiros passos de 1816, o progresso lento, mas firme dos dois primeiros anos, as contradições, o esgotamento das vocações, e depois a sú-





Escolha de uma Casa-mãe

bita retomada, que se pode chamar de miraculosa, a necessidade de construir, as dificuldades com o Pe. Bochard, com Dervieux, a paz atual, os projetos.

— Eu creio que tudo isso deve ser dito. Dê-me um pouco de tempo, quero reler seu texto. É possível que seu estilo não seja o mais adequado. Nesse caso, farei um rascunho que você copiará e assinará.

De fato, a carta foi refeita e, no dia seguinte, o Arcebispo fez saber que tinha o maior interesse em receber o Pe. Champagnat. Marcelino veio ao arcebispado acompanhado pelo Pe. Gardette e logo se sentiu à vontade. A presença amiga do Pe. Barou o reconfortava também. Contou ao prelado o que haviam sido os sete anos anteriores e o espírito que animava as novas vocações.

— Se quero dar apenas dois anos de formação aos candidatos que chegam a nós, a casa de La Valla, que acabamos de construir, logo se tornará pequena. Além do mais, precisamos de uma capela mais conveniente.

— Sim, disse o arcebispo, eu pensei em tudo isso. Falando com o Pe. Gardette, vi que o local de La Valla era inconveniente por ser afastado das comunicações.

— Então, Excelência, desde que a sua chegada me dá novas esperanças para nossa obra, pensei nisso e passei um dia inteiro com um dos meus Irmãos, fazendo um giro pela região vizinha, e vi um lugar que me parece interessante para nele estabelecer um noviciado.

— Então, vejamos, pois acabam de me fazer outra proposta que poderia ser interessante para vocês. Eis esta carta do Pe. Rouchon, pároco de Valbenoîte. Diz-me que vocês dois se conhecem bem, que ele tinha um grupo de postulantes, mas que todos desanimaram e que, portanto, na antiga abadia que se tornou presbitério, haveria toda uma ala à sua disposição. Ele assegura que, residindo





lá ele próprio, cuidaria da comida de seus Irmãos que lhe parece terrivelmente frugal.

— Eu agradeço muito ao Pe. Rouchon, que já me tinha feito essa mesma proposta. Temo essa solução que nos faria depender demais de alguém que, apesar de tudo, não entende muito nosso projeto.

— Falando de outro modo, o senhor preferiria um lugar fora de La Valla, mas ao mesmo tempo independente de uma influência externa.

— O lugar no qual estou pensando está justinho no limite da paróquia. Está a menos de uma légua de Saint-Chamond. Está à beira do Gier e, do outro lado desse rio, eu vi que se pode captar uma fonte abundante.

— Na escolha de um vale, há um favor e um contra. O senhor sabe que São Bento escolhia os cimos dos montes e São Bernardo, os vales. Não sei qual dos dois tinha razão.

— Quanto a mim, tenho uma ideia que gostaria de ver realizada: receber órfãos e ensinar-lhes um ofício. Os órfãos são mais dignos de atenção do que os outros. Não conheceram o afeto. Arrastaram-se pelas cidades, aprenderam todos os vícios e não têm ninguém para ajudá-los na vida. Seria então necessário que aprendessem um ofício, e na nossa região as usinas que se estabelecem estão todas ao longo do Gier, que fornece a força-motriz para tocar os moinhos e os martelos (com os quais se bate o ferro).

— Oh! oh! Você vê longe! A princípio, não me oponho, mas dê-me tempo para refletir. Amanhã, 17, temos nosso conselho da quarta-feira. Depois, tornaremos a nos falar.

Marcelino devia então ainda esperar. Isso lhe deu ocasião de ir falar com João Luiz Duplay.

— Agora que não precisamos mais temer os raios do Pe. Bochart, nem tão pouco, como me parece, os do Pe. Dervieux, você bem que





Escolha de uma Casa-mãe

poderia aceitar ser de novo meu diretor espiritual!

— Sim, estou perfeitamente de acordo. Acho mesmo que poderíamos nos ver na casa do Pe. Dervieux, que, certamente, se sentirá feliz em poder reparar, por uma acolhida amiga, tudo o que fez de mal contra você. É evidente que agora tem outra ideia de você e eu nem sei o que pode ter provocado essa conversação.

— Eu sei mais ou menos, mas pouco importa. Amanhã, o conselho episcopal vai estudar a eventual mudança dos Pequenos Irmãos de Maria na direção de Saint-Étienne, Valbenoîte ou de Saint-Chamond.

— Agora, então, eu caio das nuvens e seu diretor espiritual se torna perplexo dois minutos depois de ter concordado com você.

A discussão foi longa. Foi entrecortada por orações ao Espírito Santo e a Nossa Senhora. Mas João Luiz não via claro. Agora que o Pe. Champagnat encontrara o Pe. Seyve que o poderia ajudar em La Valla, não seria melhor que conservasse seu posto de vice-pároco onde atuava tão bem? Com esse novo Padre Marista, poderia levar adiante a atividade de vice-pároco, cuidar de suas escolas e da formação dos noviços.

Marcelino explicava bem o problema dos órfãos que iriam obrigá-lo a ver longe. Mas João Luiz estava espantado.

— Apenas saído de uma tempestade de críticas, você quer enfrentar outra que não será menos virulenta. Onde é que o senhor vai arrumar dinheiro?

— Como sempre, na bolsa da Providência. Se eu tivesse esperado ter dinheiro para construir, eu ainda não teria colocado duas pedras, uma sobre a outra.

— Escute, você me pediu meu conselho. Por enquanto, não posso em consciência concordar com você. Mas esperemos para ver o que o arcebispo vai decidir.





Na manhã seguinte, o Pe. de Pins chamou Champagnat.

— Apresentei a proposta de Rouchon, acentuando que ela não parecia lhe agradar muito, mesmo se, financeiramente, seria muito simples. O conselho é do parecer de deixar essa questão a seu juízo. Pensa-se que a experiência que você adquiriu em sete anos deve ser tomada em consideração, que você teve resultado sem levar à bancarrota, uma operação bastante difícil e que, portanto, talvez seja melhor deixá-lo fazer sua escolha, mesmo que tenha que ajudá-lo na aquisição de um terreno. Vou também pedir ao Pe. Dervieux de colocá-lo em contato com, me disseram, eventuais benfeitores. Adiantaram-me os nomes de Thiollière e Neyrand. Evidentemente, não os conheço, mas o Pe. Dervieux é um veterano em Saint-Chamond. Acho que posso lhe dizer: Adiante! Estude bem o problema. Faça-nos um pedido em regra, e veremos.

Marcelino se derramou em agradecimentos: “Excelência, poderia me dar a sua bênção? Ela me convenceria que é Deus e a Virgem Maria que me dizem de avançar nessa nova etapa que, sem dúvida, será rude, mas tudo é maravilhoso quando temos a certeza de fazer o que Deus quer. Essa era a única coisa que me preocupava desde o começo. Havia, sim, nossa promessa em Fourvière, mas tinha um pouco de medo de que tivéssemos cedido a um entusiasmo irrefletido. Agora sinto que V. Exa. é o Delegado de Cristo, para me confiar uma missão”.

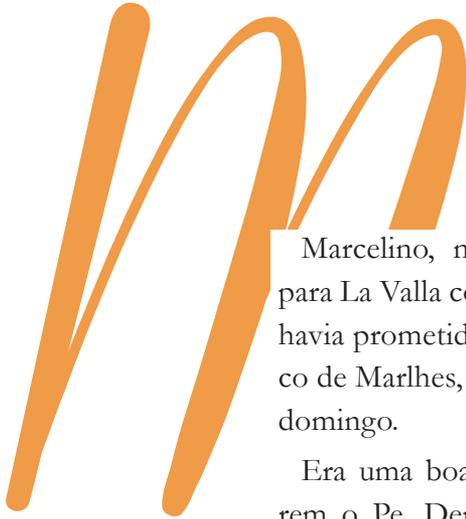
Depois disso, Marcelino sobe com passadas de gigante, em direção a Fourvière e fica muito tempo em ação de graças diante da Virgem Maria e diante desse altar que testemunhara a promessa do grupo e a promessa pessoal que havia feito de fundar o ramo dos Irmãos.

“Virgem Santa, obrigado. Estou pronto para novas provações. Só quero uma coisa: fazer vossa obra. Abençoi-nos”.



CAPÍTULO 39

Com os
homens
para a
obra
de Deus



Marcelino, no sábado de manhã, volta para La Valla com João Cláudio Duplay, que havia prometido a seu irmão Cláudio, pároco de Marlhes, uma homília para a missa do domingo.

Era uma boa ocasião para, juntos, visitarem o Pe. Dervieux, a quem o Arcebispo estava mandando uma carta para comentar, um pouco, a decisão que o conselho havia tomado com relação ao Pe. Champagnat.

Recebeu-os cordialmente, tomou conhecimento da carta e, de imediato, abordou a questão:

— Vejo que nosso Arcebispo e seu conselho lhe dão liberdade de escolher um lugar para a nova casa a ser construída. Onde você situa este lugar?

— É a uma légua de sua casa. Assim, o senhor poderá mais facilmente vir me repreender. É no fundo da garganta de Soulage. Mais exatamente é no lugar onde a margem do Gier se chama les Gauds. Embaixo de outro povoado chamado Layat. Mas o que eu tenho em vista é a margem direita. O lu-





Com os homens para a obra de Deus

gar se chama “Bosque Coulaud”. Uma grande parte é coberta de carvalhos, mas há também prados. É um lugar onde o vale não é muito fechado. Há rochas por todos os lados e mesmo um rochedo a pique, mas isso põe à nossa disposição uma pedreira, pois se fosse preciso carrear as pedras para construir, o transporte seria um problema ainda mais grave. O Gier nos fornecerá a areia, e muito pedregulho entrará na construção. Em La Valla, já aproveitamos o rochedo que temos, mas para a areia e a água, era muito complicado.

— Vê-se que você já calculou bem seu negócio.

— Quando confiamos qualquer coisa a Maria, para dizer a verdade, ela ajuda a gente a enxergar melhor.

João Luís interveio:

— Anteontem, quando Marcelino me falou de seu projeto, eu me opus à ideia de ele deixar La Valla, mas pode ser que seja necessário pensar nisso.

— Desde que o Arcebispo não se opõe a essa solução, acho que a interpretação já é clara: Marcelino ficará livre de seu trabalho de vice-pároco e será liberado para cuidar de seus Irmãos o tempo todo. Pelo que entendi, o local que você escolheu já não pertence a La Valla, não é isso?

— Está a dois passos do território de La Valla. Les Gauds pertence a Isieux, e a outra margem, onde vou construir, pertence a Saint-Martin-en-Coailleux.

— Quer dizer que o Arcebispo aceita que você não more mais em La Valla e que você não seja mais o vigário.

João Luís se sentia aliviado por não ter que assumir a responsabilidade de dar um conselho que lhe parecia carregado de consequências. Tendo em vista que o Pe. Dervieux, o inimigo de ontem, agora compreendia a questão de modo tão favorável, tudo estava bem.





*

* *

Marcelino retomou o caminho de La Valla onde o aguardava uma notícia das mais inesperadas. Chegando à igreja, encontra o Sr. Bardard, o sacristão, que lhe diz sem mais delongas: preciso falar-lhe.

— É isso: seu colega, o Pe. Seyve, é um bom pregador, mas estou seguro de que o senhor não estará de acordo com a campanha que empreendeu desde que o senhor partiu. Nada mais nada menos do que mandar embora o Pe. Rebod. Não sei se foi um paroquiano que iniciou o movimento ou se é o mesmo Pe. Seyve, mas há uma carta que circula, dizendo:

“Se você concorda com a seguinte proposição, assine ou ponha uma cruz com a assinatura de uma pessoa que sabe escrever.

Uma carta será enviada ao novo Arcebispo para que o Pe. Rebod seja substituído na função de pároco. Poderia ser substituído pelo Pe. Champagnat se a direção de seus Irmãos lho permitir, ou pelo Pe. Seyve, que apreciamos nessa quaresma”.

Eu me permiti copiar esta petição para não lhe dar uma má informação. Por favor, não diga que fui eu que o alertei.

Marcelino estava profundamente irritado. Fingiu ignorar o fato, todo o sábado e todo o domingo. Como um grande número de paroquianos se confessava com ele e podiam lhe fazer perguntas, poder-se-ia pensar que foi assim que soube do fato.

Foi, pois, domingo à tarde, que tomou João Batista Seyve à parte, sem meias medidas:

— Você fez algo de inqualificável. Se eu me chamasse Natan, você poderia se chamar Davi. Entende?!





Com os homens para a obra de Deus

— Você está falando da petição?

— Você é acolhido pelo Pe. Rebod e se aproveita da doença dele para o expulsar de sua casa.

— Oh! Não fui eu que tomei a iniciativa.

— Não a primeira, mas sim a segunda, satisfeito que alguém lhe tenha insuflado isso.

— Então, eu disse: Se vocês acham que é possível, isto depende do Arcebispo.

— Dependia primeiro de você a resposta que devia ser dada: eu estou aqui apenas para uma quaresma. Não estou aqui para excitar a paróquia contra quem me recebe. Com um pouco mais de humildade, você poderia ter-lhes dito: eu não era capaz de dirigir a pequena paróquia de Arthun. Não tenho capacidade para dirigir La Valla. Peço-lhe desculpas por lhe falar de modo tão cruel, mas seu procedimento mostra falta de juízo e é, sobretudo, uma injustiça gritante. Amanhã, vou reunir os notáveis da cidade e vou dizer-lhes que acabem logo com esta triste iniciativa, se isso já não for tarde. Espero que nosso Pe. Rebod não fique sabendo disso, pois ele precisaria ser muito virtuoso para não o mandar imediatamente embora. Quando eu tiver despachado os notáveis, farei todo o possível para não aludir a esse fato em nenhum lugar. Isso lhe permitirá ficar aqui, ao menos até a Páscoa e, até lá, o Arcebispo poderá ter encontrado uma paróquia para o senhor. Eu preciso voltar a Lyon ainda muitos dias.

Marcelino reuniu então os notáveis, no dia seguinte, e lançou por terra com muita energia o procedimento ao qual recorreram. Mas alguém já havia escrito para Lyon anunciando que uma petição estava a caminho para dizer que a paróquia de La Valla suportara o Pároco Rebod por doze anos e que a virtude de seus habitantes não podia ir mais longe.





Mas Marcelino tinha que se ocupar o mais rápido possível da compra do terreno no qual pensava. O proprietário era um tal Montellier, um negociante que morava em Saint-Chamond, Rua do Sepulcro. Quanto pedia? Marcelino o sondou pelo Sr. Roussier, o pedreiro-mestre que pensava contratar para acompanhar a construção, pois uma das propriedades de Roussier confinava com a de Montellier. O conjunto das parcelas que somavam um pouco mais de um hectare, e que compreendiam, sobretudo, rochedos e dois pequenos prados, estava avaliado em 5.000 francos. Munido com esses dados, Marcelino voltou a Lyon nos primeiros dias da Semana Santa. Pôde expor seu projeto diante do Arcebispo, do Pe. Barou e do Pe. Gardette.

— E o senhor vê algum modo de conseguir os 5.000 francos?

— Na verdade, não. As economias que os Irmãos fazem sobre o salário que recebem não nos permitem recobrar essa soma senão em cinco ou dez anos. E essas economias são agora absorvidas pela manutenção de vários noviços que não pagam quase nada de pensão e também pelos órfãos.

— Esses órfãos que você quer acolher ainda em maior número?

— Sim, sempre as loucuras do Reino de Deus.

O Pe. Gardette interveio:

— Vou lhe fazer uma proposta, sem muita convicção, mas, enfim!... Penso em Courveille. Embora tenha muitos defeitos, é preciso convir que tentou fundar, cá e lá, Irmãs e Irmãos, sem muito sucesso, me parece; mas creio que tem uma fortuna pessoal. Ele poderia trazer dinheiro.

O Pe. Barou interveio:

— O conselho arquiepiscopal poderia lhe dar Courveille. Esse mesmo conselho deveria, sem dúvida, moderar um pouco sua imaginação criadora, porque, de acordo com o inspetor que visitou as





Com os homens para a obra de Deus

escolas dele, no ano passado, parece que atribui a si tudo o que se faz em La Valla, Belley e Cerdon.

Champagnat acrescentou modestamente: “Tem alguns defeitos, mas foi ele que iniciou nosso movimento, o da nossa Sociedade de Maria. Então, visto que meu superior me dá a sugestão de recorrer a ele para financiar nosso desenvolvimento, vou falar com ele se o conselho estiver de acordo”.

O Arcebispo concordou e acrescentou:

— Agora, falemos de você. Foi preciso pensar na substituição de Rebod. Naturalmente, primeiro pensamos em você. Mas como sua proposta de compra de terreno o situa longe de La Valla, cinco quilômetros, segundo me disseram, fica claro que, pelo contrário, é preciso desligá-lo de toda função na paróquia para deixá-lo totalmente livre para organizar uma obra que cresce rapidamente e que é de grande necessidade. Nosso próximo conselho se reunirá na segunda-feira de Páscoa, mas o senhor pode, desde agora e logo, considerar que a resposta à sua proposição de compra é positiva e que estaremos de acordo também para lhe dar o Pe. Courveille como ajudante na direção espiritual dos irmãos, tanto quanto esses a desejarem, pois, nesse campo, é preciso deixar grande liberdade.

Nas semanas que se seguiram foram espalhadas, uma depois da outra, as seguintes notícias: Champagnat havia sido autorizado a estabelecer um noviciado perto de Saint-Chamond, um novo pároco, Estêvão Bedoin, foi nomeado pároco de La Valla, que se permitia ao Pe. Rebod de continuar para ajudar o sucessor, e lhe apresentavam como alternativa tornar-se capelão das Ursulinas de Saint-Chamond, o que aceitou com prazer.

Quanto ao Pe. Seyve, foi nomeado pároco de Burdignes, coisa que lhe desagradou muito. Só chegou lá no dia 19 do mesmo mês e sou-





be logo se indispor com a população, que pediu ao prefeito de usar de sua influência junto ao Arcebispo em vista de uma troca.

O Pe. Champagnat ainda continuaria a ser, por vários meses, vice-pároco do Pe. Bedoin. Enquanto ia levantando o que se tornaria L'Hermitage, ficava disponível sábado de tarde e domingo de manhã para assegurar as confissões e as missas. De vez em quando, celebrava também um batismo. No registro paroquial, assina pela última vez no dia 1º de outubro de 1824, mas é apenas no primeiro semestre de 1825 que deixará definitivamente La Valla.

Muitos de seus paroquianos continuavam a se confessar com ele, em L'Hermitage. A partir de 1824 e até a morte, será o contínuo construtor dessa grande casa, que era ao mesmo tempo mosteiro e escola normal.

Vamos acompanhá-lo enquanto desce para esse vale onde corre um rio que tem movimentos imprevisíveis de humor: às vezes, cantarola docemente, entre matos e prados; mas também pode se deixar tomar por uma cólera incontrolável quando todas as pequenas torrentes do Pilat canalizam, em sua direção, as águas das chuvas do outono e da primavera, ou quando o derretimento das neves nele derrama o suor de todas as suas escarpas.

Esse rio será precioso, pensa Marcelino, e mais ainda as fontes abundantes desse lugar bendito. Creio que Maria quer nos proteger nesse vale, ao qual vou dar seu nome: Notre Dame de L'Hermitage.

Mas não serei o imprudente que me dizem, e começaremos por fazer o Gier fantasioso passar por um dique de uns cem metros. Teremos, então, com ele relações de boa vizinhança. É uma criatura selvagem que é preciso meter em gaiola.

E depois? Nós atacaremos a construção. Mas estou convencido, e tornarei a dizê-lo sem parar: “Se o Senhor não constrói, em vão trabalharão os construtores”.







Todos os direitos de tradução, de representação e de adaptação,
reservados para todos os países.

Action Graphique - Saint-Étienne

France 1992

I.S.B.N. 2 - 905255-62-5

